

Anno I

N.º 1

0 BRAZIL  
ARTISTICO

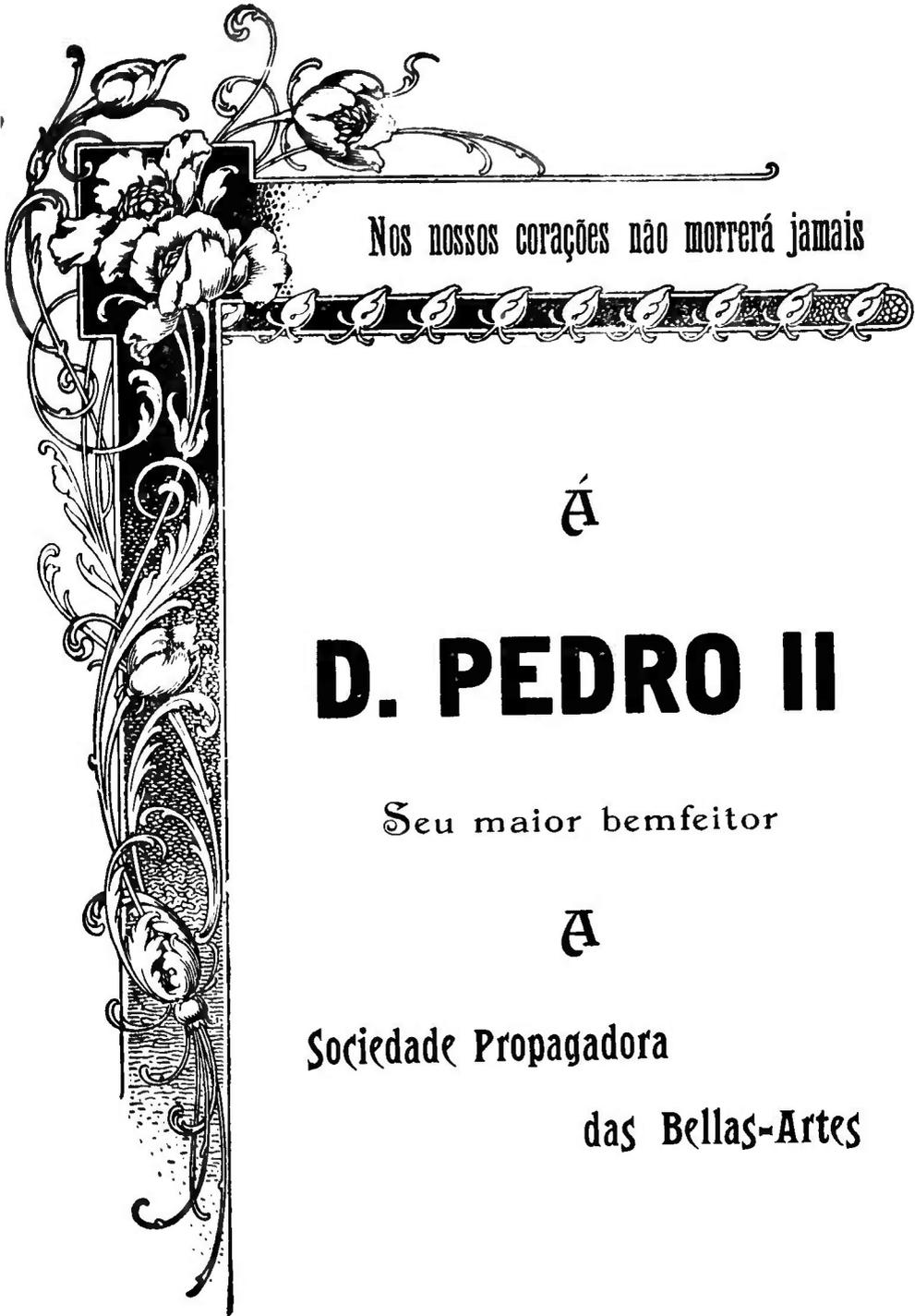
NOVA PHASE



RIO DE JANEIRO  
TYPOGRAPHIA LEUZINGER

—  
1911





Nos nossos corações não morrerá jamais

À

# D. PEDRO II

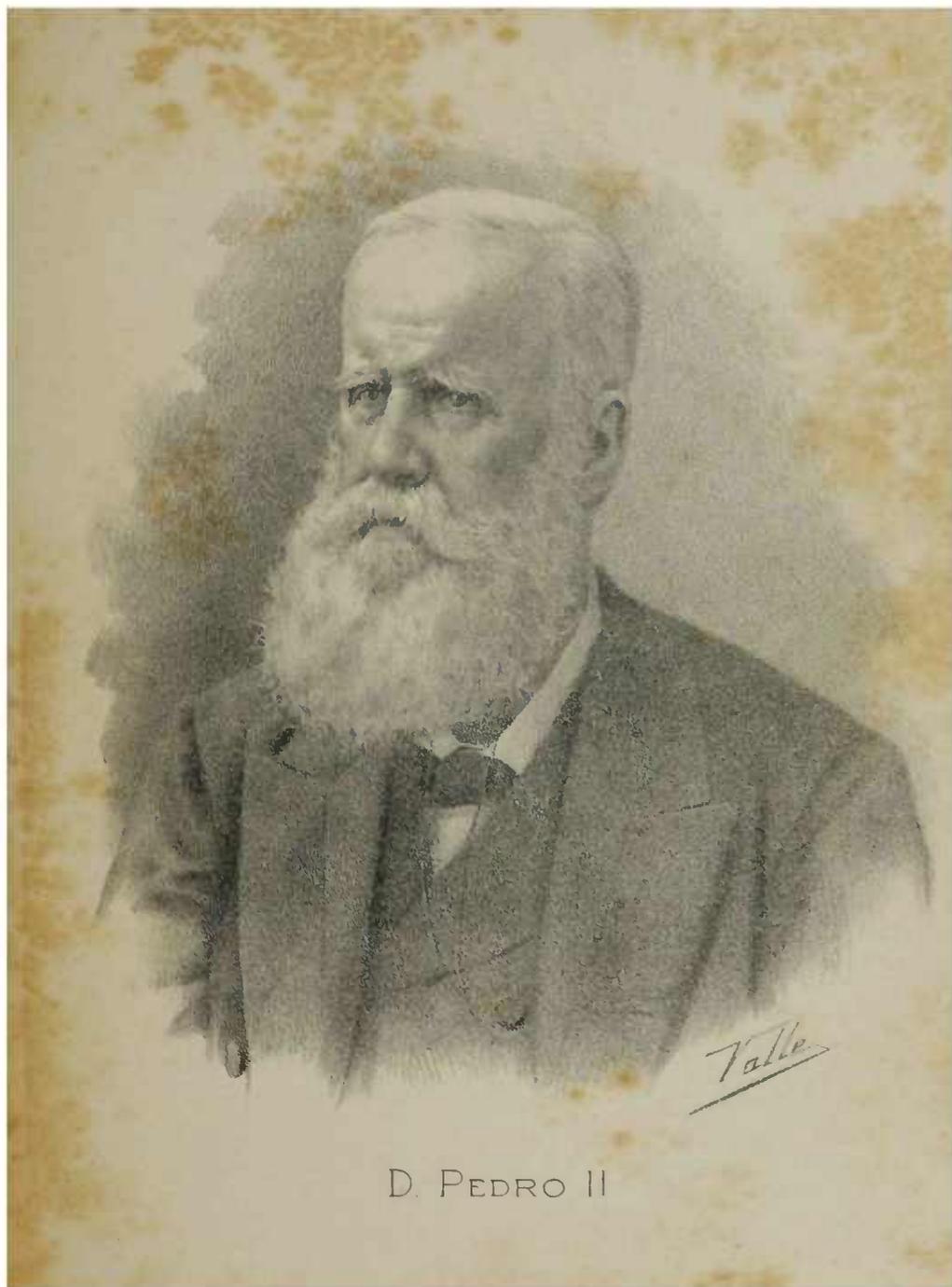
Seu maior bemfeitor

À

Sociedade Propagadora

das Bellas-Artes





D. PEDRO II





## Origem e desenvolvimento da Arte

---

**A** ARTE, diz René Ménard, é a expressão da necessidade e não do capricho; inutil seria procurar a sua origem na historia, pois ella começa com a propria historia. Quando um selvagem constroe a cabana com troncos e ramos de arvores obedece a uma necessidade material — a de abrigar-se —; mas, procurando fazel-a a seu gosto, tão bonita quanto possivel, tornando a do chefe distincta de todas as outras, obedece a uma necessidade moral, que é — a aspiração do bello.

A origem das artes em cada povo, em cada paiz perde-se na noite dos tempos, na escuridão de um passado quasi tão remoto como o da existencia humana. — Quando construiu o homem a primeira casa, quando talhou o primeiro adorno? — E' quasi impossivel dizel-o. «O que parece certo, diz Mercey, é que a architectura precedeu a esculptura e a esta seguiu-se a pintura. Era preciso construir a casa antes de ornal-a, levantar primeiramente o templo para erigir depois o idolo.»

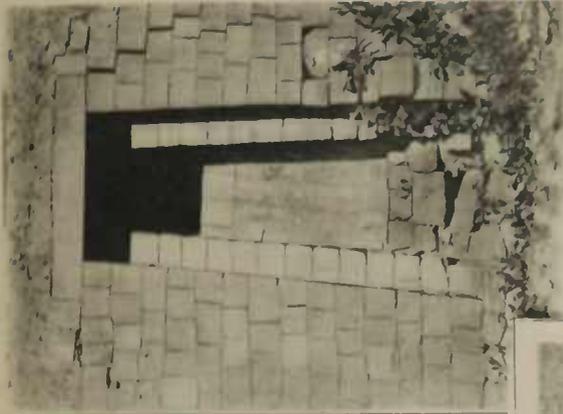
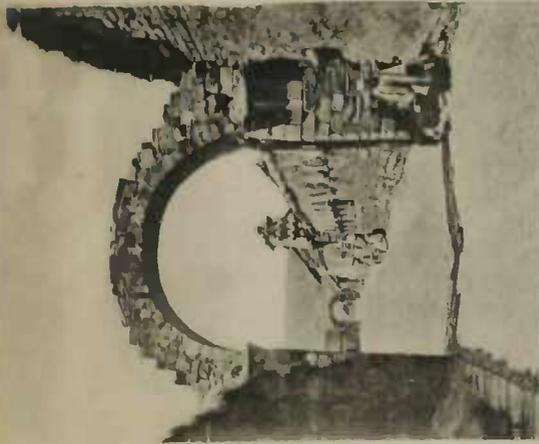
Mas, precisamente, antes de haver o templo houve a imagem. Quando o homem vivia nessas grutas rasgadas pelas convulsões que se agitaram na formação do nosso globo, quando

disputava ao irracional essas escuras cavernas, onde a historia procura hoje a origem da civilisação, qualquer pedaço de pedra servia-lhe para idolo, e quanto maior era o blóco mais respeito infundia. Os aerolitos, cuja causa se não conhecia, eram os mais venerados, pois consideravam-n'os como emanação da propria divindade, presente do céu feito directamente á terra. Desse periodo embryonario ficaram os *dolmens*, atravessando seculos e testemunhando as primeiras crenças humanas. Si a architectura precedeu, como é natural, a esculptura, é fóra de toda a duvida que a pintura veiu depois e como complemento, simples ornamentação, nada mais. E tão bem fundada é a hypothese, que entre povos selvagens, como os nossos, por exemplo, onde a pintura não passa de processos empyricos de colorir o tecido, ou a pelle, a esculptura no entanto apresenta-se em tal gráo de adiantamento, que dá aos objectos de uso domestico, instrumentos musicos ou de guerra, um cunho de belleza já muito apreciavel. Alguns historiadores emprestam aos Egypcios a invenção da pintura e da esculptura, outros attribuem esta aos Chaldeos e aquella aos Gregos; mas Vasari sustenta que o desenho — esse principio vivificador das bellas artes — existe na origem das cousas. A pintura, que é a mais alta expressão da arte, começou pelo desenho do contorno, cuja invenção a fabula grega attribue a Dibutada, essa mythica personagem, que, para conservar sempre presente as fórmãs do amante, traçou-lhe a sombra na parede.

As tradições semiticas dão uma origem divina ás artes. — Um escriptor indiano deste seculo, Ram-Raz de Tanjaour, reuniu todas as noções esparsas nos livros religiosos e nos tratados sanscritos, taes como o *Manasara*, que trata da essencia das proporções; o *Mayamata*, que é o codigo das bellas-artes da India, e o *Casyapa*, que encerra a cosmogonia e theogenia indicas; por esse meio nos explica elle como os architectos descendem de Viswakarma, o constructor



Entrada da Praça, Tiahuanaco, Bolívia



Portico Incaico. Cuzco. Perú



Ruínas do Templo de Viracocha





do céo. Viswakarma teve quatro filhos, um foi agrimensor, outro carpinteiro, o terceiro marceneiro e o quarto architecto. A architectura e a esculptura formavam uma só arte, e como o architecto desenhava, esculpia, coloria os baixo-relevos, reunia por isso em suas mãos os tres grandes ramos das artes plasticas.

A architectura é na verdade a arte suprema na India; a esculptura e a pintura não passam de meros auxiliares, esta como simples adorno, arte decorativa; aquella como parte integrante das construcções, pois as estatuas e figuras de animaes são esculpturadas como base de fortissimas columnas que sustentam esses templos, onde a arte impera com o maior esplendor e grandeza.

«As religiões da India, diz Laménais, encerram todas uma idéa pantheistica, unida a um sentimento profundo da energia da natureza. O templo indiano deve impressionar nesta idéa e neste sentimento. Ora o pantheismo é a fé em alguma causa de immenso e vago; o templo deve pois alongar-se indefinidamente. Em vez de offerecer um todo regular e attrahente, é preciso que no inacabado a imaginação tenha alguma causa a esperar, sem que jámais se lhe apresente o conjuncto. O circumscripto e o determinado não dariam idéa do pantheismo.»

E' por isso que esses templos são immensos subterraneos atravessando montanhas inteiras, prodigios de esforço, de perseverança e de trabalho, que assombram, mas não enthusiasmam; que terrificam, mas não enlevam a alma nos extases da oração.

Entre esses monumentos mais notaveis aponta-se o templo de Ellora, consagrado a Siva, a terceira pessoa da trindade theogonica indiana, o deus destruidor, que mata para crear. O aspecto geral desse templo é grandioso, por partes, porém, é mesquinho á força de ser miudo nos adornos.

A esculptura indiana é bem acabada, mas grotesca pela fôrma que dá ás suas figuras, parto extravagante da superstição, creada para aterrar a ignorancia e alimentar o fanatismo.

Os seres impossiveis que essas figuras representam são sujeitos a regras obrigadas de certas linhas geometricas, que as destituem de todo e qualquer movimento gracioso.

Ao lado da India queda-se, não menos estacionaria, a China, que, na phrase de um historiador contemporaneo, pôde ser considerada «como ramo luxuriante dessa arvore semitica, cujo tronco profunda raizes no solo meridional da Asia». Petrificada, como a indiana, a arte chinesa disputa-lhe uma prioridade, que é tão difficil de provar quanto de contestar. Não obstante desconhecer como a rival a exactidão das fôrmas e a proporção relativa das figuras, ignorar enfim completamente as regras da perspectiva; ainda assim, diz Mercey: — «A arte chinesa reproduz o natural com uma intelligencia e uma fidelidade maravilhosas; por feliz escolha de cores e uma disposição sempre agradável, sabe dar ás composições mais insignificantes e estranhas um encanto, que nem sempre têm as producções artisticas de paizes mais adiantados.»

E' na pintura e na esculptura que a China e o Japão imprimem aos productos um cunho todo particular, que os aparta dos similares europeus.

Esse cuidar de minucias, essa delicadeza de fôrmas, esse brilho de coloridos excepcionaes, unicos talvez que se observam nos objectos artisticos da raça semitica, são ainda hoje verdadeiras maravilhas, que se distinguem dos mais apurados artefactos da França, da Inglaterra e de outros paizes, que quasi têm adivinhado os segredos dessa impenetravel civilização asiatica.

Menos vaga e menos mysteriosa que a indiana, a arte egypcia poderia com mais razão servir de ponto de partida para a historia das bellas-artes, não só porque em antiguidade

é talvez mais remota, como também por melhor justificar a origem que lhe dá René Ménard, da — necessidade, — pois tomando os Egypcios a existencia como transição, cuidavam por isso menos da morada dos vivos do que dos mortos, attendendo mais ás commodidades destes, que reputavam eternas, que ás daquelles, que tinham na conta de transitorias. D'ahi essas pyramides, que são o desespero dos seculos e o assombro das gerações que se succedem ; essas sphynxes, que parecem corporisar o eterno problema da vida ; esses templos emfim soterrados por milhares de annos, sem que a acção do tempo — o verme eterno — na phrase do poeta, os tenha podido consumir.

As artes egypcias testemunham uma civilisação que, quatro a cinco mil annos antes da nossa éra, já havia attingido a maximo desenvolvimento ; ellas representam trinta e duas dynastias soberanas, que se dividem em tres periodos de mais de mil annos cada um : — o das pyramides de Memphis, — o dos templos de Thebas e Karnak, — e o dos Ptolomeos e Romanos. A architectura egypcia, colossal e complexa como a do Ganges e a do Euphrates, é mais imponente e bella. Os templos de Karnak, d'Efon e Denderah são modelos da arte sacerdotal ; e a esculptura, com quanto careça do movimento que lhes roubam as leis hierarchicas, comtudo disputa primazias ás producções mais bem acabadas de muitos seculos de adiantamento á propria Grecia.

As pyramides, que contam de cinco a seis mil annos, levantadas na planicie de Gizeh, ás margens do Nilo, são monumentos assombrosos que nos legou a civilisação egypcia de priscas éras.

A mais imponente, a de Cheops, da quarta dynastia dos Pharaós, que mede cento e quarenta e sete metros de altura, foi, segundo Herodoto, construida por cem mil operarios, que revezaram de seis em seis mezes no decurso de trinta annos, o que não admira, desde que se attenda á enormidade da

construcção e a falta, contra a qual lutaram os constructores, dos aperfeiçoados instrumentos da mecânica moderna, que decuplicam as forças do operário. O Serapeum, de Memphis, que a vontade inquebrantável de Mariette-Bey desenterrou de profundas areias, pô acamado por tantos séculos, começado por Amenophis III, continuado por Amyrteo, só foi concluído por um dos primeiros imperadores romanos. O caminho que conduzia á entrada do templo tinha cerca de dous kilometros de extensão, serpenteando por entre os monumentos funebres da vasta necropole da grande cidade, ladeando-se por seiscentas e trinta sphynxes, que faziam a ininterrompida sentinela da via sagrada. Enfrentava o portico um hemicyclo decorado por onze estatuas, de estylo grego, de poetas e philosophos celebres da antiguidade.

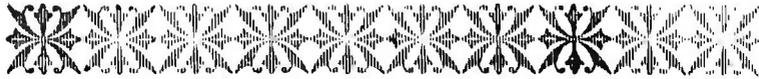
O templo, que externamente formava uma grande massa de linhas rectas, interiormente dividia-se em tres amplos recintos: no central erguia-se o tumulo de Apis, um primor de esculptura monumental. Os sarcóphagos, depositados nas camaras de mais de trinta pés de altura, eram de um só monolitho de seis metros de comprimento e cinco de largura; caprichosamente trabalhados, pesando o menor delles sessenta e cinco mil kilogrammas. «A racionalidade da arte egypcia, diz Mercey, é uma especie de corolario de sua theogonia, a mais sabia, a mais fundada na observação e no conhecimento dos phenomenos da natureza na astronomia, nas mathematicas e na moral, que jamais existiu. A architectura é a expressão mais elevada e a mais tocante do symbolismo. Não nos devemos por isso admirar da magestade e da variedade infinita de fórmas que nos apresenta a architectura egypcia, desde as gigantescas pyramides e o robusto templo protodórico, até o mais delicado *scellum*. Os egypcios inventaram e empregaram todos os generos de columnas, mas ás que mais deram preferencia foram as de capiteis lothoformes, em que a folhagem da palmeira symbolisa a potencia vegetativa do solo.»

As obras d'arte do Egypto parecem mais productos de aperfeiçoamento que de origem ; as estatuas de marmore, de diorite e de alabastro, os vasos de bronze ou de barro, as joias e outros objectos de adorno ou uso domestico, que se admiram nos muzeus da Europa, revelam um desenvolvimento artistico, um acabado sorprendente, e, no dizer de Consigliere, «indicam-nos que o povo que os produziu gozou, mais que nenhum outro, no antigo oriente, dessa tranquillidade fecunda que proporciona a paz.»

O estylo egypcio, na competente opinião de Charles Blanc, é monumental pelo laconismo do modelo, pela austeridade das linhas e semelhança entre as verticaes e horizontaes. E' imponente, porque é a pura emanação do espirito ; é colossal, porque até nas menores figuras sobreexcede o humano.

FELIX FERREIRA.

(Continua).



## Euzebio de Queirós

---



QUANDO alguém, isento de paixões, escrever a historia politica do 1º e 2º Imperio, por certo occupará saliente logar, na galeria dos varões illustres, a figura masculina de Euzebio de Queirós Coutinho Mattoso Camara.

Nascido, em 27 de Dezembro de 1812, sob o cálido sol de S. Paulo de Loanda (Africa Portugueza), onde seu pae exercia o lugar de Ouvidor Geral, Euzebio de Queirós veiu, ainda bem menino, para o Brazil, indo, com seus progenitores, habitar a então Villa do Principe, em Minas Geraes.

Tendo concluido, aos 15 annos apenas, os seus estudos elementares, matriculou-se em 1828 no Curso de Direito de Olinda. Recebendo o titulo em 1832, veiu para a cidade do Rio de Janeiro aqui exercendo os logares de Juiz do Crime e Juiz de Fóra. Era, n'aquella epocha, devastada a cidade por varias e numerosas quadrilhas de ladrões cuja audacia e engenho creavam serias difficuldades ao governo.

Havia necessidade de um homem energico e corajoso que, dedicando-se de corpo e alma ao bem-publico, restabelecesse a ordem publica gravemente alterada não só pelos ladrões, como tambem pela impunidade de que gozavam os moedores falsos que lesavam o commercio e o fisco.





SENADOR EUSEBIO DE QUEIRÓS



A Euzebio de Queirós encarregou o governo do Imperio da ardua e espinhosa missão e de tal modo se houve elle que, dentro em pouco, a normalidade voltava á cidade, livre já de tão perniciosos elementos.

Eleito deputado á Assembléa Provincial do Rio de Janeiro em 1838, foi em 1842 nomeado Desembargador da Relação. Em 1848 o Marquez de Mont'Alegre encarregado de organizar o Ministerio convidou Euzebio de Queirós para a pasta de Ministro da Justiça.

Desempenhando-se da honrosa funcção que lhe fôra confiada, o Conselheiro Euzebio revelou-se um administrador proficuo e laborioso e, o que é mais, um verdadeiro estadista de largo descortino, de convicções inabalaveis e bem orientadas. Pela Lei de 4 de Setembro de 1850 declarou extincto no Brazil o trafico africano, comminando penas de extremo rigor para os infractores reincidentes. Precursôra das leis de 28 de Setembro de 1871 e de 13 de Maio de 1888 (ventre-livre e extincção da escravidão) exigiu a execução da lei Euzebio raras energias e uma inquebrantavel imparcialidade, pois o trafico africano era explorado exactamente por pessoas de elevada cathegoria social pela sua fortuna e posições que occupavam no mundo politico. A nada cedeu o Conselheiro Euzebio, tendo mesmo deportado alguns individuos que gozavam de elevadas protecções. Não parou, porém, ali a obra da grande brasileiro; decretou o Codigo Commercial, reorganizou a Guarda Nacional do Imperio e, espirito clarividente, foi quem mais concorreu para o estabelecimento do telegrapho no paiz e da illuminação a gaz do Rio de Janeiro, obra do saudoso Visconde de Mauá. Deixando o Ministerio em 1852, foi no anno seguinte eleito deputado á Assembléa Geral e em 1854 escolhido Senador pela Provincia do Rio de Janeiro. Orador elegante e fluente, o Conselheiro Euzebio attrahia o auditorio, prendendo-o pela solida argumentação, vigor da palavra e brilho das imagens.

Em 1855 foi nomeado Inspector Geral da Instrucção Publica, cargo a que só eram elevados os homens de maior respeitabilidade publica, tal o cuidado que, ao Imperador, merecia a Instrucção do povo.

Em 1856, quando se tratou da fundação da nossa associação, o Conselheiro Euzebio de Queirós, comprehendendo a relevancia dos serviços que ao paiz prestaria a Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, promptamente accedeu em occupar o cargo de seu Presidente, dando assim evidente prova da sua participação em tão patriótica iniciativa. Seria preciso recuar o espirito até aquella epocha, ouvir a zombaria dos *criticos* de então, as más prophcias dos *agoureiros* que nada fazem e tudo estiolam, assistir ao desanimo dos pessimistas da epocha, para bem avaliar o serviço que, ás Artes no Brazil, prestou o grande brasileiro.

Não fôra o prestigio do seu nome, o concurso de sua individualidade, respeitada por uns e temida por outros, e certamente a novel associação não teria tão galhardamente sustentado os temporaes que, no seu inicio, lhe ameaçaram a existencia. Os estadistas do Imperio, os jornaes, o pôvo e o proprio Imperadôr, admiraram-se de vêr um homem da circumspecção, do merito e da intransigencia moral de Euzebio de Queirós, assumir a direcção de uma modesta associação de artistas, operarios e homens de letras.

Euzebio foi a condecoração publica dos esforços dos fundadores da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes. Todos olharam então com mais respeito a obra meritoria de um punhado de moços, e, dia a dia, prosperando, crescendo, resuscitando até das proprias cinzas, a Sociedade Propagadora, de *utopia* que era, transformou-se em facto.

Espirito forte e democratico, Euzebio de Queirós nunca aceitou um titulo. Aquillo que para outros constituia um anhelado, uma dourada ambição era para elle uma humilhação.

O seu nome fizera-o elle, e qual Rodrigo da Fonseca Magalhães na lusitana patria, com esse nome queria baixar ao tumulo. A 7 de Maio de 1868 falleceu o conselheiro Euzebio de Queirós, um dos maiores homens do Imperio, tendo sido o seu corpo enterrado no Cemiterio de S. Francisco de Paula no Rio de Janeiro.

A Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, prestando-lhe hoje essa homenagem, não salda uma divida, antes a lembra para que nunca seja ella esquecida.

B.



## Perseverança

---



AINDA, sob os auspícios da benemerita Sociedade Propagadora das Bellas-Artes reaparece — O *Brazil Artístico*, útil e patriótica publicação, ha longos annos interrompida.

Tão auspicioso acontecimento liga-se por mera coincidência a um facto que se prende á historia das artes liberaes e mechanicas brazileiras.

Em verdade, por este tempo, em 1816, atravessava o Atlantico, á bordo de um navio americano, em demanda de nossas plagas a colonia artistica contractada pelo Conde da Barca, por intermedio do Marquez de Marialva, afim de fundar a escola real de sciencias, artes e officios.

Aqui chegada a primeira leva dessa pleiade de verdadeiras summidades artisticas agasalhou-a com dedicação e carinho o Conde (Le Chevalier d'Araujo como lhe chamavam os francezes) em o palacete, residencia desse fidalgo, sito em frente ao Passeio Publico.

Bom é dar noticias dessas notabilidades. Umas vinham, ardentes bonapartistas, para fugir ás provaveis perseguições nascidas da queda de Napoleão e da subida dos Bourbons ao throno da França, outras avidas de conhecerem as bellezas

do gigante americano preconizadas por Humboldt e por todos quantos haviam perlustrado as nossas colossaes e estupendas florestas. Vinham todos a convite do filho de D. Maria I aperfeiçoar a nossa educação artistica.

Não quer isto dizer que o Brazil não tivesse contado até então verdadeiros cultores do bello. Basta citar entre muitos: Leandro Joaquim, José Leandro, Martinho de Brito, João Mauro, Manoel da Cunha, Raymundo, Valentim, José Mauricio, Neto, os Trindades etc. Estes e outros se tornaram notaveis, porque sem mestres e academias tudo deveram a seus esforços e ao engenho innato em nossos compatricios.

Como chefe da precitada colonia vinha Joaquim Le Breton, cavalleiro da Legião de Honra e secretario perpetuo das Bellas Artes do Instituto de França. Falleceu no Rio de Janeiro, na Praia do Flamengo, em 1819.

Foram seus companheiros nessa bella cruzada: João Baptista Debret pintor de historia e de ornatos, autor do notabilissimo trabalho em 3 volumes *Voyage Pittoresque au Brésil* e do grande quadro da *Coroação do Primeiro Imperador*. Foi Debret quem imaginou e desenhou a bandeira e os brasões do novo imperio. Regressou á França e lá falleceu em 1847; Nicolau Antonio Taunay, pintor, cujos quadros são ainda hoje admirados no Louvre e em Versailles. Falleceu em Pariz em 1830; Augusto Maria Taunay, esculptor notavel. Falleceu na Tijuca a 24 de Abril de 1824; Simão Pradier, gravador, discipulo de Desnoyer; Francisco Ovide, machinista; João Baptista Level, empreiteiro de obras de ferraria; Nicolau Magliori Enout, serralheiro; Pelite, surrador de pelles; Fabre, tambem curtidor; Luiz José Roy e seu filho Hypolito, carpinteiros de carros; Francisco Bonrepos, esculptor; os dois Ferrez, Francisco Oude, professor de mechanica; Carlos Levasseur, Luiz Merenié, Pedro Dillon e o celebre Augusto Henrique Victorio Grandjean de Montigny, insigne architecto

fallecido, no Rio de Janeiro, em 2 de Março de 1850, victimado pela febre amarella.

Quaes os intuitos do governo chamando essa pleiade de artistas ? Responda o decreto de 12 de Agosto de 1816, assignado pelo Marquez de Aguiar.

São os mesmos postos em pratica, ha mais de meio seculo, pela Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, pelo seu Lycêo de Artes e Officios, cujo maior elogio está nas palavras proferidas no Senado pelo grande Zacarias de Góes e Vasconcellos, e finalmente com a publicação da Revista *O Brazil Artístico*. «Instruir o povo, os artistas e industriaes. Diffundir conhecimentos indispensaveis não só aos empregados publicos mas tambem aos que se empregam na agricultura, mineração, industria e commercio de que resulta a subsistencia, commodidade e civilização popular, mormente neste continente cuja extensão, não tendo ainda o correspondente numero de braços, precisa de grandes soccorros para aproveitar os productos cujo valor e preciosidade podem vir a formar do Brazil o mais rico e opulento dos reinos conhecidos. Faz-se, portanto, necessario aos habitantes o estudo das bellas artes com applicação e referencia aos officios mechanicos cuja pratica, perfeição e utilidade dependem dos conhecimentos theoreticos d'aquellas artes e diffusiveis luzes das sciencias naturaes physicas e exactas etc.» E isto se apregoava ha cerca de 94 annos !

Muitos dos referidos artistas aqui deixaram digna descendencia de homens devotados ás letras e sciencias. Ha um porém cuja memoria se liga ao assumpto destas notas : Grandjean de Montigny cujos restos repousam sob as abobadas do Convento de Santo Antonio.

Deixou elle um filho espirital, um querido discipulo, emerito continuador de suas glorias. Communicou-lhe a tenacidade de animo com que realisa todas suas aspirações apesar das difficuldades e descrenças da actualidade. Refiro-me

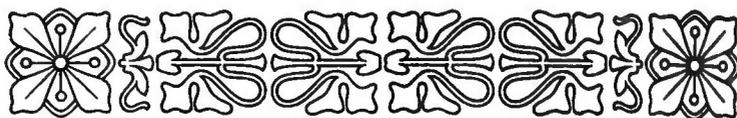


ao creador da Sociedade Propagadora. ao fundador do Lycêo de Artes e Officios, a quem um jornal alcunhou de eterno sonhador. Feliz sonhador este, que vê coroados seus sonhos e todos em proveito do engrandecimento do nosso paiz!

Quem affrontou o incendio de 26 de Fevereiro de 1903 e os estragos das balas de soldados revoltosos é seguro piloto para fazer ri a bom porto *O Brasil Artístico*. E o velho Bethencourt da Silva, tenho fé, fará navegar a nova publicação em mar de rosas, em cutellos e varredores como dizem os experimentados lobos do mar.

DR. VIEIRA FAZENDA.

26 de Fevereiro de 1911.



## Notas sobre Ethnographia Sul-Americana

---

### As construcções prehistoricas do Alto e Baixo Perú

( ESTUDO DAS SUAS RUINAS )

**A**MA viagem pela Bolivia (1) e pelo Perú (2), proporciona a melhor das lições em assumptos ethnographicos, quer com referencia a vida actual d'esses paizes, quer, especialmente, com relação as suas epochas prehistoricas.

Na America do Sul, desde o valle do Paraná ao do Orenoco, é precisamente n'esses dous tradicionaes paizes das costas do Pacifico, onde se encontram os mais importantes elementos para os estudos americanistas que, graças a boa comprehensão do valor dos mesmos, já varios e multiplos são os cultores desse attrahente e consideravel ramo de ethnographia, propriamente dita.

E o mais interessante é que não são somente os peruanos e bolivianos, que se preoccupam com as riquezas archeologicas dos respectivos paizes, mas tambem os chilenos, os

---

(1) Antigamente «Alto Perú».  
(2) Antigamente «Baixo Perú».

equatorianos, os argentinos e toda essa leva scientifica europea e norte americana, que amiudadamente os visita, dando á publicidade centenas de obras, repletas das indispensaveis illustrações e de texto cada qual mais minucioso e porfiando por mais se approximar da verdade na decifração dos enigmas que, a cada momento, são encontrados, mantendo sempre a esperança de poder acertar com as epocas das civilizações, que alli tanto prosperaram e que, em sua maioria, jazem hoje nas trevas do impenetravel mysterio do tempo.

Pois bem, são esses elementos archeologicos, os celebres monumentos em ruinas, existentes n'esses dous paizes limitrophes com o Brasil que, como os existentes na America Central e no Mexico, offerecem ao mundo scientifico tanto motivo para a pertinaz pesquisa que n'elles é continuamente feita pelos grandes luctadores em busca da verdade, no desvendardos segredos, em muitos d'elles encerrados, a bem do intrincado problema da origem do homem americano.

Infelizmente, como a propria palavra está indicando, as ruinas tendem sempre por extinguir-se em uma epoca dada do futuro, com ellas desaparecendo os vestigios do que foram os monumentos que, mais vigorosa ou mais pallidamente, ainda representam.

Em «Tiahuanacu», legendario logar da Bolivia, á 3901 metros sobre o nivel do mar, em outros tempos semi-circumdado por um braço do grandioso Lago Titicaca, cujas aguas banham não só parte desse paiz como tambem parte do Perú; nas tradicionaes ilhas desse mesmo lago, pertencentes ao primeiro dos paizes supra citados, denominadas do Sol e da Lua; as margens da Estrada de Ferro do Perú, de Puno (1) á Cuzco (2); em Cajamarquilla e Pachacamac (3); em Trujillo (4) e,

---

(1) Porto peruano no Lago Titicaca.  
(2) Séde do Imperio dos Incas.  
(3) Ruinas dos arredores de Lima.  
(4) Localidade ao norte do Perú.

finalmente, em Cuzco, estão os preciosos monumentos de diversas épocas, sendo alguns bem primitivos, a lutar com as intemperies e com mãos impiedosas de individuos sacrilegos desde a desastrada conquista hespanhola.

Por varios delles póde-se affirmar, sem receio de errar, que os primitivos habitantes d'esses logares eram dotados de grande cultura, pois a architectura dos seus edificios e o lavor das pedras, n'elles empregadas, estão a indicar o elevado grau de preparo que os mesmos possuíam.

Varios periodos distinctos se apresentam aos olhos do visitante de taes maravilhas.

Assim do primeiro periodo, portanto do mais antigo, são os monumentos megalithicos, repletos de admiraveis lavôres, difficeis de serem hoje imitados.

Sobresahem d'elles, pela perfeição de linhas e gravuras que ostentam, a «Porta do Sol», repleta de figuras lavradas e guardando toda harmonia nos respectivos desenhos e toda proporção nos espaços que lhes ficam intercalados ; a «Porta do Pantheon», de grande altura, com todas as suas linhas traçadas com todo rigor geometrico ; e o «Frade» idolo de grande altura, isolado e completamente lavrado. Esses monumentos são alem do expôsto, monolithicos.

E' attribuida a construcção desses monumentos, por uns scientistas, aos Aimarás, e, por outros aos Tiahuanacús.

Para dar apenas uma ideia da idade de taes monumentos, basta citar aqui o seguinte :

O grande naturalista Pasnansky, a avalia em 11 mil annos !  
Mais de um scientista notavel, em 100 milhões de seculos !  
E finalmente, a lenda local, que *taes monumentos já alli existiam antes da apparição do sôl no ceu !...*

Por ahi bem se póde comprehender como são antiquissimas aquellas importantes ruinas.

A seguir, vem o periodo, tambem celebre, da pedra polygonal.

A belleza dessas pedras, de arestas, perfeitamente bem definidas, juxtapõdo-se umas ás outras com tal perfeição, sem para isso ter sido empregado o cimento ou qualquer argamassa, causa grandiosa impressão no espirito do visitante d'aquellas ruinas, mórmente no de quem se dedica aos estudos scientificos americanistas.

As paredes formadas com essas pedras e pelo systema expõsto, são maravilhosas, não só pelo lindo e harmonico aspecto que offerecem, em conjunto, como em detalhe, pela perfeita exactidão na junccão dos blocos, que as vezes são de tamanho colossal.

Vistas a uma certa distancia, podem ser reputadas como perfeitos mosaicos.

D'este admiravel estylo de construcção, sobresaem, na Ilha da Lua, (5) no Lago Titicaca, o «Palacio das Donzellas»,—dedicadas ao culto d'esse astro ; na cidade de Cuzco, o «Templo do Sol» e o «Palacio das Virgens»—de devoção ao astro rei, com cerca de 200 metros de extensão este ultimo ; alem de grande numero de paredes, que, posteriormente ás ruinas dos edificios de que faziam parte, foram aproveitadas, elevando-se d'ellas casas de residencia particular, sendo sempre a sua parte baixa, ou terrea, muito visitada pelos estrangeiros, que não cessam de apreciar a perfeita união das pedras e, mais do que isso, a juxtaposição dos respectivos angulos.

Em uma dessas paredes, onde ha pedras em grandes blocos, existe uma com doze angulos. Essa pedra é continuamente photographada e reproduzida nos albuns de vistas do

---

5) Tambem chamada «Coati»

Perú, em catões-postaes e em varias revistas do bello paiz do Pacifico.

Nos arredores da cidade de Cuzco, bem no alto do morro d'onde se gosa de esplendido pañorama, está a celeberrima « Fortaleza de Sacsai-huáman », uma das obras mais grandiosas existentes na America do Sul.

Têm as respectivas fortificações 19 angulos ou cantos, de linhas curvas perfeitas, estando nessas esquinas, propriamente ditas, pedras de tamanho colossal e perfeitamente polidas, formando a maioria dellas perfeitos joelhos.

E' uma obra admiravel em todos os sentidos. Além de que, tem as suas baterias em tres altos planos, successivamente um acima do outro e extraordinariamente reforçados.

A sua extensão é exagerada e, pôde-se dizer, era inexpugnavel, em outros tempos, a praça de guerra que alli tanto defendeu a heroica cidade dos Incas.

Outro periodo é o das construcções de adobe e de taipa, que necessariamente tem grande numero de seculos, segundo affirmam notabilidades na materia, como por exemplo, o Dr. Max. Hule, director do Museu de Lima, que as tem estudado minuciosamente, como se verifica, com as de Pachacamac, pela notavel obra que, com esse titulo, publicou ha annos.

Desses dous systemas de construcção são as ruinas, ainda hoje bem visiveis em « Trujillo », « Cajamarquilla » e « Pachacamac ».

No primeiro desses logares estão as paredes, ultimamente descobertas, cheias de desenhos e lavores do mais fino quilate, que contribuem grandemente para ainda mais valorisar a archeologia e a ethnographia peruanas.

No segundo, os grandes blocos de terra comprimida, formando as altas e grossas paredes dos quartos e salas da enormidade de predios, que alli foram construidos, bem indicam

o valor e o alto grau de cultura que possuíam aquelles que os executaram.

Nessas ruínas, as áreas e pateos de varias casas estão cheios de catacumbas no sub-solo, apenas cavadas com a fórmula de grandes talhas ou cantaros e admiravelmente bem conservadas, por quasi não haver chuvas no lugar.

Finalmente, no terceiro, as grandes ruínas do «Templo do Sol» e do competente «Palacio das Virgens», tudo do mais solido adobe, cheias de sepulturas, que podem ser contadas ás dezenas de milhar, bem demonstram a importancia e o merito da civilização que construiu esses edificios de tamanho fabuloso.

São bem visiveis em algumas paredes, pelo lado interno, ainda hoje, os coloridos a fresco, com que estavam decorados varios quartos, salas e até pátios dos referidos palacios.

Uma nota de originalidade é a de terem varios quartos a unica entrada pelo tecto, isto é, por cima de tudo.

Poder-se-hia considerar ainda, como outro periodo (ao que me opponho) a construção mais recente, feita com o material dos periodos anteriores, como, por exemplo, se verifica com a Igreja de Tiahuanacú, unico templo desse lugar, mantido verdadeiramente pela população mestiça que allí mora.

Nesse edificio, encontram-se algumas pedras, embora relativamente pequenas, do primeiro periodo, como os idolos á porta de entrada e, em quasi toda sua construção, as celebres polygonaes do periodo immediato, unidas umas ás outras e, ás vezes, a meros seixos rodados, por meio de argamassa de barro e cal, que desvirtua completamente a essencia da construção para a qual foram ellas expressamente lavradas.

Como esse edificio, varias casas do Perú têm em suas paredes e alicerces pedras dessa natureza, mescladas com outras em bruto completamente.

Ao concluir, sou de opinião que uma viagem ao Perú e á Bolívia, para estudo desses monumentos da velha America, deve ser emprehendida por todos os paizes do nosso continente, afim de que possam os mesmos ficar com o devido conhecimento da antiga e elevada cultura das épocas pre-historicas, apreciando simultaneamente a evolução da mesma até aos nossos dias.

SIMOENS DA SILVA.

---

NOTA DA REDACÇÃO: — Este artigo é da lavra do Sr. Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, que, como membro do XVII Congresso Internacional de Americanistas, reunido em Buenos-Aires, em Maio de 1910, e ao mesmo delegado da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e dos Institutos Historicos e Geographicos de S. Paulo e Fluminense, effectou uma longa viagem ethnographica, com scientistas de diversas partes do mundo, pelos seguintes paizes sul-americanos: Argentina, Bolivia, Perú e Chile.





*Valle*

CONSELHEIRO ZACHARIAS DE GÓES





## Zacarias de Góes e Vasconcellos

---



ESTADISTA, que no seculo se chamou Zacarias de Góes e Vasconcellos, foi uma personalidade em destaque.

Visando, desde os bancos escolares, um objectivo nobre, qual o de impor-se de modo que sempre fosse o primeiro, muito moço ainda, pelas raras e masculas qualidades, que salientou e poz em evidencia no professorado, na politica e na administração, ascendeu ás altas culminancias, que suas aptidões nobilitaram.

Character rigido, tinha o culto extremado pelo dever, pelo direito e pela probidade.

Nunca, terçando armas com seus pares, na advocacia, na administração, ou dirigindo a politica do paiz, teve um momento vacilante e de esmorecimento. Conscio do que valia o seu espirito educado e cultissimo, seguro de que sua probidade era inatacavel, fallava com a autoridade que uma vida immacula inspira e ensina.

Podia ás vezes resvalar por uma injustiça, mas a reparação era immediata, e, nunca, jamais, um adversario foi colhido de surpresa por golpe desleal e traiçoeiro.

Infatigavel no trabalho, economista do tempo e essencialmente methodico, muito produziu, sobrando-lhe tempo ainda para o culto da familia, que o estremecia, e no meio da qual era de um carinho e brandura, que captivava e fazia esquecer o orador fluente, ás vezes caustico, que na tribuna desferia settas agudissimas no alvo que queria ferir.

Dizião-n'o soberbo e altivo. Podia sel-o na soberba invejavel, que faz recuar os audazes e gratuitos aggressores—na altivez que engrandece o vulto já notabilissimo de um homem. Essas qualidades, não defeitos, sim, podia tel-as; mas tel-as, porque, longe de amesquinhar, elevão e sagrão uma consciencia impolluta !

Na Faculdade de Olinda, joven professor, em lições memoraveis, existem ainda rastros de luz a lembrar-lhe o nome laureado.

Deputado, senador, ministro, chefe de gabinete, a historia fulgurante do segundo imperio, o collocará entre os seus primeiros collaboradores por seu talento, trabalho e honradez.

Como administrador, a Santa Casa da Misericórdia atesta a sua passagem como um dos mais dedicados e fecundos provedores.

Na Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, vibra ainda a sua voz amiga, inspirando, animando e dando o exemplo aos lutadores que têm mantido—em gloriosa victoria—grande e immorredoura, a obra titanica, que é o Lycêo de Artes e Officios.

Fevereiro, 1911.

LUIZ AYQUE.



## COUSAS D'ARTE

---

**E**VELHO habito nosso exagerar o valor e o merito dos artistas estrangeiros que mandam, ou vêm pessoalmente, aqui exhibir as suas producções. Tecemos-lhes os mais pomposos elogios, emprestando ás suas obras qualidades que, muitas vezes, não possuem.

Com isso, causamos espanto e surpresa aos proprios artistas expositores que, jamais sonhando merecer do publico de uma capital, culta e civilisada como a nossa, tantas e tão comovedoras provas de entusiasmo, vêm brusca e inopinadamente, de um momento para outro, os seus nomes guindados a tão grande altura.

Acontece, porém, não raras vezes, que os quadros expostos são já refugos de exposições realizadas, em outros meios artisticos mais selectos que o nosso, verdadeiros *encalhes* que os artistas europeus mandam para a America, onde buscam impingil-os a amadores nescios e idiotas que os compram por alto preço (\*)

Os nossos amadores, por sua vez, esforçam-se quanto podem para confirmar o mau juizo que, lá no continente eu-

---

(\*) Ainda ultimamente um hespanhol aqui obteve enorme successo com uma exposição de *fancarias*, já rejeitadas allás em Buenos-Aires

ropeu, se faz da nossa educação artistica, do nosso bom gosto e do nosso sentimento esthetico. Embasbacam-se todos diante de télas mediocremente pintadas, tecendo-lhes rasgados e descabidos elogios, n'uma linguagem pifia e desconchavada, em que os termos technicos, improprios e mal applicados, pullulam num *Cake-Walk* infernal, capaz de fazer rir quarenta dias a fio qualquer servente de *atelier* de artista barato.

Os melhores quadros, nas taes exposições, nunca são comprados, já porque não são devidamente apreciados e comprehendidos, já porque custam muito caro. A indole sovina e pechincheira dos amadores desta Capital, salvo honrosissimas excepções, é um dos motivos de successo para os especuladores que para aqui vêm impingir *gato por lebre*. Em regra geral, os nossos amadores são verdadeiros *poseurs*, que vão á exposição só para serem vistos, tidos e havidos como pessoas de bom gosto e de fina cultura artistica.

Não passando de reles compradores de pinoias, esses patetões levam para a casa verdadeiras *botas* na supposição de haverem adquirido uma obra prima por «dez réis de mel coado».

Ao entrar em qualquer exposição, logo se nos depara o *poseur*, esse tradicional typo de apreciador entendido. E' sempre jovial, alegre e folgazão ; conhece todos os artistas, aos quaes trata com intimidade e bonhomia, fala sobre escolas de pintura, critica, commenta, censura, exalta, deprime e engrassa ; anda de um para outro lado, a sorrir, catalogo em punho, no qual faz annotações de alto valor, mostrando a toda gente o seu quadro predilecto, o peor já se vê ; não ha artista cuja reputação não soffra os arranhões da sua critica mordaz e *abalisada*.

E' digno, então, de ver-se a petulancia com que, mesmo diante de artistas, desembesta a falar de cousas d'Arte, enveredando pelo caminho ingreme e tortuoso da technica, com refinado pedantismo mal velado por uma falsa modestia, que

se traduz no classico : « Este é o meu modo de ver, não sou artista, não tenho competencia ». E desfiando assim o grande rosario das asneiras, vae mettendo o bedelho em tudo, confundindo alhos com bugalhos, embrulhando e atrapalhando tudo, n'uma tagarelice irritante e capaz de fazer perder a calma ao mais pachorrento dos mortaes. Ver um desses typos diante de uma t ela, contemplando-a, a inclinar a cabeça para a direita e para a esquerda, cerrando docemente os olhos para attenuar as vibrações da luz, tal qual fazem os artistas e os que sabem ver e comprehender a Natureza,— é cousa que deleita e diverte a quem, como eu, tem passado horas inteiras a observar esses papalvos, cuja ingenuidade toca ás raias do ridiculo e do grotesco. E' sempre com orgulho que se referem ás suas colleções, em que figuram, já se vê, t elas de mestres, designando os quadros pelos nomes dos seus respectivos autores : um Estevam Silva, um Castagneto, um Santa Olala, um Amoedo, um Decio Villares e um João Baptista, como se diz em linguagem de amator. Os quadros de pintores já fallecidos que possuem os *taes entendidos*, são sempre magnificas falsificações impingidas por certos espertalhões que, para isso, organisaram nesta cidade um *atelier* chefiado por um célebre e *cambiante* estrangeiro que, felizmente para a Arte, já não existe. Esse famoso *protector* da Arte era infelizmente auxiliado por tres ou quatro artistas nacionaes, que se contentavam com pingues ordenados, enquanto elle — o estrangeiro audaz — se locupletava com esplendidas e gordas maquias, pois muitos dos quadros falsificados foram vendidos por dois, tres e até por cinco contos !

Bem diz o dictado:— « Em terra de c ego quem tem um olho é rei. »

I. B.



## Mestres, Architectos e Senhores

---

À JOÃO DO RIO

UAS horas, um calôr de rachar, sol a pino mal que pese ao aparelho do Castello e desminta o meridiano, torrentes de luz a cahirem do inclemente firmamento em brazas, aparentemente disfarçado no azul d'um anil leve e ethereo; a rua do Ouvidor, em todo o seu comprimento, bi-partida de luz e de sombra, de prata fundida e de azeviche como um bom democratico carnavalesco;... um calor de rachar... um filetesinho d'ar fresco a querer enganar momentaneamente o caustico athmospherico;... ao longe o buzinar, o trombeteiar e o *fonfonar* dos automoveis a correrem céleres pela Avenida Central; na velha rua typicamente colonial na sua estreiteza, quasi o silencio; passos arrastando pelo calçamento ou resvalando pelos improprios *rastacoueres* e *escorregadios* passeios lateraes, com um *frou-frou* de precissão do Corpo-Santo... De repente uma voz clara a ecoar no ambiente abafado, estrugindo como um foguete festivo:

— O' Morales! — e logo espalhando os fogos — Você vae muito apressado?



— Eu vou sempre assim, com muita pressa ; é um habito; você não leve a mal ; que ha ?

— Olha : o velho quer reviver a *Revista do Lycêo*, ella vai se chamar o *Brazil Artístico*, pensei que você...

Eu comecei a suar ainda mais copiosamente do que d'antes e, o Bethencourt Filho, que era o meu interlocutor me contou em estylo telegraphico, que seu pãe, o illustre architecto, o fundador de uma porção de instituições, e o mantenedor de outras muitas mais, se havia esgneirado na manhanzinha fresca daquelle dia, pelos fundos do terreiro do Lycêo, montado no seu Rocinante predilecto, de viseira erguida e de lança em riste, disposto a commetter a mais formidolosa aventura que já echoara nas serras e nos campos « de la Carioca ».

Uma Revista ! e a mais d'isso : artistica !

Um mal sem remedio : e era preciso que eu, como bom e genuino filho de Sevilha fizesse de Barbeiro, não como aquelle de Beaumarchais, de calumniosa memoria ; nem mesmo como aquelle outro de Cervantes, que tanto ajudou o cura *mancheço* para sanar a mente do quixotesco cavalleiro ; antes pelo contrario, eu devia acompanhar o terço, *pour-du-vrai*, envergando, por minha vez, a veste de torneio, e seguir as bandeiras de quem n'aquella hora caliginosa se achava disposto a metter-se pelo mattagal da livraria andante á procura de demonstrar que a Dulcinéa das Bellas-Artes é a mais formosa das Dulcinéas e sem mesmo cogitar de quanto todos nós somos gente do Toboso...

Era preciso...

E eu não havia de recusar...

E era para já...

Nada de « amanhã », « tenha paciencia » e « para a semana », phrases consagradas do nosso character tropicalmente adiatorio de qualquer esforço...

O primeiro numero da Revista estava já em preparo... era pegar na penna e escrever sobre os thesouros da Architectura, um dos mais ricos de quantos possui a muito bella, poderosa e inegualavel Dona Dulcinéa das Bellas-Artes, filha de Minerva, neta de Jupiter e cujos brazões são de ouro em campo de tenebras...

Eu, francamente, ia' mentalmente cedendo, cedendo... que é o que habitualmente me acontece no dia seguinte áquelle em que commigo mesmo tomo o formal compromisso de nunca mais metter-me em *galeras* semelhantes ás do *medico á força* que celebrizou Moliére.

« Que suis-je venu faire dans cette galére », dizia áquelle comico galeno, e repetindo eu a mesma phrase, para os meus botões, confesso que, apezar dessa reflexão, aqui estou, a convite de ambos Bethencourts dos meus peccados, disposto a escrever sobre Architectura, com A maiusculo, cedendo á amavel violencia que me foi imposta.

Sobre Architectura !

Conhecem? Oh! architectura todos conhecem.

E' uma arte como a da medicina ; todos recitam.

E' o que pretendia o famoso Triboulet, o bôbo do rei Francisco I da França, mais tarde convertido em Rigoletto quando Verdi o poz em solpha.

Opinava Triboulet que a classe medica é a que maior numero de representantes tem na sociedade. Outros discordaram dessa opinião, inclusive o Rei e, naturalmente, todos os *cortezãos* que pensavam unanimemente como Sua Real Magestade.

Houve apostas e Triboulet se obrigou a provar nas vinte e quatro horas seguintes que a verdade estava do seu lado.

No dia seguinte, de manhanzinha cêdo, o buffão appareceu nas estribarias do Paço, com uma horrivel dôr de dentes, a gemer, a cara á banda, inchada e vendada. Não houve entre

todo o pessoal das reaes cavallariças, inclusive o dos pagens que tantas maldades commettiam a diario com o pobre bôbo, quem não indicasse a este um remedio para o seu soffrimento.

O buffão ia tomando nota das receitas e dos nomes dos curandeiros que as iam aconselhando.

A dôr continuava entretanto, apesar do abundante reeituário e, quando chegou a hora da audiencia ordinaria de S. M., Triboulet, pintava o sete e mais os restantes algarismos na antecamara real torcendo-se como um possesso e com as bochechas inchadas como o seu balão de bôbo.

Todos, como o podiam fazer, attendiam ao pobre do buffão até que chegando o Rei, e vendo pesaroso o estado do seu hilariante companheiro, não deixou de receitar-lhe uma droga virtuosa qualquer que o havia de livrar do seu mal.

Tirou o bôbo do bolso o seu canhenho e pedindo ao Rei que nelle lhe escrevesse o nome exdruulo da pócina, quando S. M. acabou de redigil-o com todos os seus effes e erres, Triboulet pulou de contente, tirou a venda da cara, cuspiu a cebolla que lhe causticava as gengivas e as inflamava, e exigiu triumphante que lhe pagassem as apostas que acabava de ganhar como provava desenrolando a longa lista de receitas na qual de maneira a mais evidente se demonstrava que a classe medica é a mais numerosa da sociedade desde as estribarias do Paço até aos degrãos do Throno.

Eu não desejaria, mesmo fazendo-me de bôbo, contradizer a opinião de Triboulet que me merece todo o respeito das velhas chronicas e das provas provadas, mas, seguindo-lhe as pégadas, estou por apostar em como, depois da classe medica, pelo menos entre nós, é a classe dos architectos a que mais larga representação tem na nossa sociedade.

Eu, pessoalmente, já perdi a conta das pessoas que, honrando o meu escriptorio, têm me declarado que em realidade

ellas não precisavam positivamente de architecto para projectarem as suas casas, mas emfim, como desejavam uma coisa mais puxada a sustancia se lembraram de que, na rua tal, numero tantos, vivia um architecto que talvez, em parte pelo seu muito tirocinio profissional, lhes poderia encher as medidas adivinhando seus propositos e apreciando-lhes as locubrações.

As mais das vezes, esses freguezes trazem um papel de cartas quadriculado e nelle desenhado, seguindo as quadriculas, um xadrez de linhas a lapis, cujos rectangulozinhos e quadrados representam, no dizer do projectista, uma distribuição interna do predio.

Muitas vezes, nesse esboço, o freguez esquece que os tabiques e as paredes têm uma grossura e que somadas essas dimensões as do xadrez, o projecto não se adapta ás dimensões do terreno...

Outras vezes, uma elegantissima e Exma. Sra. desenhando, com a ponteira do seu lindo guarda-sol, sobre a areia de um jardim, a distribuição que ella entende que deve ter o seu projectado palacete, não chega a comprehender como nós, os architectos, somos tão pouco... praticos, não podemos edificar num grande terreno o que ella está a desenhar num cantinho do seu jardim, e declaramos que o conteudo seria maior que o continente, quando o seu *Chico*, que ha tantos annos faz os concertos e os biscates das casas da familia, lhe declarou outro dia, mesmo sem necessidade de esboço na areia do jardim, que o que Sua Excellencia queria era coisa de que elle facilmente se poderia encarregar.

Nós, nesses casos, temos quasi que fazer um curso de architectura, demonstrando desde a regra de proporção até ás posturas municipaes, amparando-nos até na famosa anedocta de Sancho Pança quando, recebendo um palmo de fazenda para fazer cinco chapéos, fez um destes para cada ponta dos dedos de uma mão... mas habitualmente perdemos o nosso

latim architectonico e nos retiramos com a convicção de que ficamos no espirito de S. Excellencia muito abaixo da estima que ella se digna de outorgar ao Sr. *Chico*, que « se encarrega de construcções e reconstrucções de predios, concertos, pinturas e forrações com especialidade de reparações de mobílias e empalhações de cadeiras ».

E' a circumstancias como estas e outras parecidas que deveram a sua antiga e hoje extincta fama, o *Chico-Burro* e o *Chico-Barbado*, como os cognominavam seus companheiros de classe.

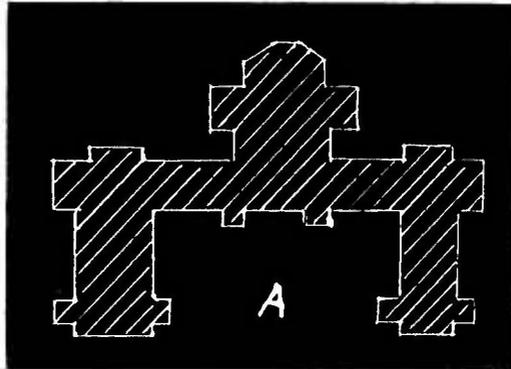
São esses *Chicos* e outros da mesma laia que chamam *brusalinus* aos mezzaninos, *leite à Light* e os que com sufficiencia e um certo sutaque britanico, se referem ao *tuberclose* que o resto dos mortaes denomina *water-closet*.

Como desejo ser imparcial e veridico nestas apreciações, devo declarar que tão analphabeto como o eram aquelles *Chicos*, o é hoje um dos primeiros e mais conceituados constructores no Rio de Janeiro cujas edificações se salientam pelo seu bom gosto. Outro conheci, nas mesmas condições, já fallecido, que, quando assignava o nome, unica coisa que sabia escrever, se lhe vinha a faltar tinta no meio da *operação*, tinha de repassar a penna sobre as letras que já havia escripto, sob pena de não saber como acabar de assignar.

Estas duas verdadeiras excepções em materia de bom gosto architectonico, que aliás não são unicas nos nossos dias, tinham o sufficiente criterio para ter ao seu serviço dois conhecidos architectos ; um delles, um tanto rame-rame no seu estylo architectonico e o outro, um dos melhores projectistas que existem actualmente no Rio de Janeiro.

Ao lado daquelles *Chicos*, arvorados em architectos, posso citar aquelle senhorio, para quem fiz um projecto, que confundindo o desenho das camas, conforme usamos represental-as nos nossos projectos, côm os vãos do predio, me declarava que « não gostava de janelas com grades em aspas ».

e tambem aquelle provedor de ordem terceira a quem apresentando-lhe eu uma *planta* de distribuição de edificio, com a silhueta que vae aqui figurada :



me declarou modestamente que elle, em verdade, não entendia muito dessas cousas mas que, pelo seu cargo achando-se na contingencia de discutir commigo o projecto apresentado, « achava que a *porta* do edificio era grande de mais... » confundindo desastradamente a *planta da área A* com o *portão* do immovel !

Cito apenas os casos mais curiosos desta classe de... *aventuras*. Não ha um só de nós, architectos, que não possa referir desses casos, ás duzias.

São pessoas com semelhantes criterios que são chamadas a apreciar as nossas obras e a dizer sobre a sorte dellas !

Todos pensam ter sufficiente criterio architectonico para isso !

Desde logo, perante a lei brasileira, nós somos todos igualmente architectos e no Parlamento existe quem pense que semelhante direito deve ser alargado em relação a todas as profissões.

Não sei se o Supremo Architecto da classe, que fez o mundo em poucos dias, está conforme com semelhante e

**extensiva** opinião e se Elle, desde aquelle acontecimento solemne, já cogitou de nos insuflar sua sciencia como imagem á **semelhança** do que Elle nos fez da sua pessoa, mas em todo o caso, a constituição brazileira preenchendo essa lacuna do **Creador**, consagrou o direito que todos aqui temos de ser e de exercer a **profissão** de architecto desde que tal direito seja **sanccionado** pela repartição do imposto de industrias e profissões graças ao pagamento desse imposto annual. Quem tiver o **arame** necessario para tal pagamento se pode considerar tão architecto como Miguel Angelo ou como Viollet-le-Duc e igual a Rusquim para discutir pontos d'arte!

Além desse direito, qualquer de nós adquire o de ser reconhecido como architecto-constructor desde que pague outros tantos mil réis para os cofres municipaes.

Em verdade não se comprehende para que o Governo, em semelhantes condições, crêa, sustenta e mantem escolas de Bellas-Artes e nellas secções d'architectura que são conscienciosamente ensinadas.

Menos se comprehende ainda, que haja individuos que se submettam a annos, seguidos a fio, de estudos e de concursos de toda a classe, difficeis e trabalhosos para conseguirem, depois de um outro periodo de pratica, as mesmas habilitações que, um pouco mais longe, em outras repartições officiaes se conseguem em poucos dias e com diminuto sacrificio pecuniario.

Que garantias, que direitos reconhece o paiz áquelles que se especialisaram nessa arte depois dos mais pesados sacrificios?

Nenhuns!

Todos somos iguaes, architectonicamente fallando, perante o tijolo, a argamassa e o parallelepipedo!

Seguimos caminhos differentes, uns, os que a si proprios se denominam *praticos*, e que realmente o são na maioria dos casos, pelo menos em *algum* dos ramos da construcção, se servem para os restantes de outros praticos como elles nos diversos ramos e pagando para serem considerados legalmente

como architectos, e nós outros, a quem os primeiros denominam de *teóricos*, apenas com enorme lastro de illusões, de glorias e de aspirações de arte. Os *práticos* com algum peculio, poucado ou fiado, os *teóricos* recém-sahidos das aulas é da escola pratica obrigatoria, geralmente sem vintem. Os primeiros com o credito commercial que facilmente se abre aos modestos; os segundos sem o credito que geralmente se nega aos sabidos. Os primeiros vão explorar necessidades e tratar da vida sem cogitações de arte; os segundos nunca mais se verão livres de taes cogitações nem para a obra a mais modesta. Os primeiros se arregimentam como commerciantes; os segundos raramente deixam de fazer poesia com a pedra bruta. Os primeiros deveriam ser o braço e os segundos a cabeça e o espirito.

Não é o que acontece.

Assim é que, não raro, os praticos fazem arte como verdadeiros pedreiros e os segundos revestem os negocios com os europeis da phantasia.

Os primeiros, por vezes, realizam o seu ideal de commerciantes que é o de fazer fortuna. Os segundos muito raramente attingem o seu ideal: crear a obra d'arte. Ambas as tendencias se misturam na pratica deixando *o nada*, em materia artistica. O meio social e as leis não facilitam o consorcio dessas duas tendencias para que entre nós, desde ha mais de um seculo, se faça architectura no verdadeiro sentido da palavra.

Na pratica, desde o inicio da lucta pela vida ou pelo ideal, ambas as classes se vêem submettidas entre nós ás mesmas condições de acção decorrentes dos elementos seguintes: o terreno, os regulamentos, o orçamento e o gosto do publico.

Os terrenos do Rio de Janeiro, pelo menos no ambito da primitiva cidade, onde mais frequentemente se tem exercido a actividade dos constructores desta capital, são de largura que raramente excede um determinado e pequeno numero de metros, consequencia das « tres braças craveiras » das primitivas concessões coloniaes.



Essa largura acanhada dos terrenos foi mais tarde quasi sempre mantida nos novos nucleos de edificação que se foram espalhando pelos valles, entre as montanhas da cidade, e ao longo dos caminhos abertos ao acaso pelos pedestres e pelas tropas que se dirigiam para o interior.

Essa largura commum, ou quasi invariavel dos solares fluminenses, qualquer que fossem os seus fundos, geralmente compridos por demais, deu origem ao habito de avaliar os terrenos segundo os metros de sua testada e em proporção com o valor economico da rua sobre a qual se abriam as respectivas fachadas.

Essa largura, quasi que geral, dos terrenos da cidade, motivando por sua vez o afastamento dos apoios principaes das construcções nos seus muros ou paredes lateraes, tem emfim contribuido para dois resultados que facilmente podem ser por todos apreciados, a saber : a uniformidade das distribuições internas e a uniformidade das soluções technicas em materia de construcção.

Como distribuição e como edificação, a maioria dos predios do Rio quasi que obedece a uma receita commum.

Os *praticos* a têm aprendido.

A sciencia dos *teoricos* nada de novo trouxe para variar taes modelos, que eram do completo agrado do publico.

Foi em 1849, na *Revista Guanabara*, que o grande Porto Alegre, tratando com muita graça, em luminosos artigos, das Bellas-Artes no Brazil, salientou o predominio na edificação particular desta capital, dessa estreiteza de fachadas bem como do systema generalisado de terem estas invariavelmente tres vãos apenas em cada um dos pavimentos, typo architectonico primitivo cuja rasão de existencia assim explica aquelle eminente brasileiro :

« Uma lei que obrigava o vassalo portuguez, que chegasse a possuir uma fortuna mediocre, a regressar á mãe-patria, fez com que os habitantes desta terra, já aclimatados, e gosando

de regalias que a sociedade européa lhes negaria, fossem forçados a comprar *tres braças* de terra e construissem umas *casinhas de tres portas*, para occultarem suas fortunas, e assim fazerem com o tempo uma cidade que se pôde chamar a *cidade das tres portinhas*, caracter distinctivo do Rio de Janeiro, e que só desaparecerá quando esta primeira camada, e mesmo segunda camada de edificios cahir ou se reconstruir de novo, ou quando, no espirito dos Brasileiros, se desenvolver em larga e permanente escala, o gosto pela architectura, pela symetria e pelo commodo, ou então que elles chamem, para compôr as suas camaras municipaes, a varões que saibam alguma coisa mais que o ordinario dos homens, e que prefiram o engrandecimento do seu paiz ás temporarias concessões do egoismo inqualificavel da época, a quem cabe a gloria de deixar grandes entraves e horriveis despezas aos vindouros ».

Estas propheticas e admiraveis palavras de Porto-Alegre foram commentadas pelo professor da Escola Nacional de Bellas-Artes do Rio de Janeiro, Dr. Ernesto de Araujo Viana num rodapé da *Noticia* de 21-22 de Setembro de 1904.

« De facto,— diz o mesmo professor — o leitor contemple as fachadas da maior parte das casas da cidade: em todos os tempos preferiram tres vãos nas fachadas das casas, quer terreas, quer de sobrado; influiu, e influe ainda hoje, no constructor banal, (*sic*) a dimensão da testada do terreno.

« O typo tradicional — áccrescenta Araujo Viana — se transmittiu impertinentemente. Não ha duvida que os numeros impares de vãos são os exigidos para os frontispicios verdadeiramente esteticos; mas não foi isso o que compelliu á quasi obrigatoriedade a que se impuzeram os proprietarios e constructores; (*sic*) e sim a adopção do typo por hereditariedade e por força da largura do terreno. As courélas ou porções de terrenos, que compravam, tinham geralmente tres braças (\*)

---

(\*) *Tres braças-craveiras.*

de frente. Numerosissimas são ainda as casas com tres braços de largura » e o illustre professor, assim terminava o seu interessante commentario, referindo-se á opinião de Porto-Alegre mais acima transcripta: « Ha 55 annos foram publicados esses conceitos! Nos novos alinhamentos de ruas, recentemente alargadas ou prolongadas pela Prefeitura, construíram-se muitos predios sem a miseria dos tres vãos, herdados das *tres portinhãs*. Outras, porém, são as larguras dos respectivos terrenos edificadas, e progressista é hoje a cidade e a sua Prefeitura. »

Não se engana a si mesmo o distincto collega quando faz esta ultima consideração, mas o Dr. Araujo Viana quer ser tão suave nas suas criticas que ás vezes não cumprimenta a verdade extrictamente verdadeira quando lhe passa ao lado.

Muitas têm sido, na Avenida Central e algures, as novas construcções que se têm levado a effeito nestes ultimos tempos com uma largura de fachada que excede de muito a largura habitual das tres braços craveiras. Muitas mais são, porém, as que se têm edificado sob o antigo e archaico typo colonial e a este respeito a cidade e a Prefeitura muito pouco se tem modernizado.

Existem por ahi fóra, nas novas arterias da cidade terreninhos e casinhas com pouco mais de largura do que os antigos predios coloniaes e não é difficil verificar essa affirmacção percorrendo as nossas modernas avenidas, onde aliás tambem se poderá verificar o desapparecimento dos grandes fundos que caracterisavam aquelles antigos terrenos, de forma que muitas casas na rua Uruguayana, entre outras, pouco maior extensão superficial têm ellas do que uma concessão de perpetuidade num dos nossos cemiterios.

De quanto deixo dito neste lugar a respeito da largura quasi uniforme dos terrenos, na capital do Brazil, tiro a seguinte consequencia que aqui desejo fazer constar, a saber: desde que tal largura era constante, desde que a maioria dos predios

não tinham mais de um sobrado, (\*) e desde que a distribuição interna dos predios era pouco mais ou menos identica e acompanhava a monotonia das fachadas e a da largura dos predios, feita uma casa qualquer, era facil copiar-lhe servilmente a construcção, sem para isso ser necessaria a sciencia do architecto ou do homem habilitado que edificou aquelle primitivo typo que provavelmente não foi creado de chofre e sim melhorado na pratica e apenas em pormenores comensinhos.

O mestre d'obra e o constructor, por vezes um mestre escravo, não tinham senão o trabalho de aprender a receita de fazer uma casa a gosto do seu senhor.

Mais tarde, o constructor mais moderno, aprendeu a mesma receita e continuou a applical-a.

O *pratico* relegava o *teorico* para o fundo do esquecimento.

Se a largura dos terrenos facilitava a solução uniforme de qualquer problema de construcção, circumscrevendo este dentro de reduzidas fórmulas que todos podiam aprender de cór e salteado, as posturas municipaes, que mais tarde foram aos poucos tornando-se de mais a mais obrigatorias, ainda vieram reduzir a difficuldade de taes empreitadas.

Essas posturas, que no dizer dos seus autores e inspiradores vieram leccionar e obrigar os constructores boçaes a não continuarem na pratica de aleijões architectonicos em flagrante delicto de lesa-higiene sobretudo e que grande serviço prestaram á edificação local, são tão minuciosamente pomenorisadas e tão restricto deixam o campo da iniciativa que com razão se póde dizer dellas que não passam de verdadeiras *receitas de fazer casas*.

---

(\*) Raramente dois e excepcionalmente cinco, como tambem se verifica nas capitães das antigas provincias do Brazil.

Ainda ha pouco, eram nellas fixadas até as dimensões certas e inexcediveis, nem para mais nem para menos, que deveriam ter os vãos de um predio.

Como por outro lado, o programma dos senhorios era e continúa a ser quasi invariavel, quer se trate de construcções para renda, quer de moradias proprias ; se a esta monotonia de projectos se addiccionam a monotona largura dos terrenos e a não menos monotona modinha das posturas municipaes para construcção e reconstrucção de predios, é preciso confessar que o papel do architecto, creador por excellencia, era e continua a ser pouco menos do que inutil na nossa sociedade.

O seu lugar continúa a ser preenchido pelo simples constructor, negociante em casas como outros o são em fazendas ou em banha de porco.

Por sua vez, habituados os fornecedores de materiaes destinados á edificação a não receberem outras encommendas do que aquellas que habitualmente lhe eram solicitadas, dentro da monotonia a que me acabo de referir, não cuidavam senão de abastecer-se daquelles sempiternos materiaes e elementos de edificação.

Taboados, madeiramentos, forros, (de constante *sua camisa*) gregas, (as famigeradas gregas ora obrigatorias ora facultativas segundo as posturas), vãos, esquadrias. tudo constantemente, monotonamente, insipidamente, era sempre do mesmo feitio, do mesmo modelo e do mesmo gosto, geralmente pessimo.

Não ha muito tempo, até, que nós architectos começamos a influir um tanto no espirito dos proprietarios ; era uso nas pedreiras do Rio de Janeiro ter-se sortimento de vergas e de hobreiras, curvas ou rectas, de cantaria, todas de dimensão certa e uniforme, tal e como se pôdem ter em armazem, collarinhos de um determinado numero, duzias de latas de sardinhas, inteiras ou meias, ou latas de goiabada Pesqueira ou de marmelada de Therezopolis.

Era certo que, mais dia ou menos dia, taes vergas e hombreiras teriam pedido forçado e obrigatorio, de connivencia com as posturas municipaes, como tambem tem sahida certa e diaria a feijoada pedida pelo freguez das tascas e das casas de pasto interrompendo ao meio a lenga-lenga cantada pelo sebento caixeiro.

Quando, por circumstancias muito raras e especiaes, uma obra sahia do molde vulgar e necessitava o emprego de mais solidos esteios se duplicava a fórmula ou se triplicavam as dimensões communs, a olho.

« Uma boa parede bem grossa, de alvenaria », um « bom mainel, bem forte » e « uma boa fiada de matações » prometida ao freguez com sotaque rude, tem pesado mais, muitas vezes na balança d'uma escolha, do que as razões pelas quaes um *teorico*, com a consciencia do que aconselhava e offerecia, dispensava taes volumes de granito e propunha o emprego do tijolo em substituição daquelle.

Quando eu comecei a exercer minha profissão no Rio de Janeiro e apezar de já existirem ha muito os excellentes tijolos de Santa Cruz, na ilha do Governador, era notavel a repelencia de proprietarios e de constructores em relação ao emprego desse material... que em realidade vinha ferir habitos seculares de uma classe operaria que sómente conhecia bem o trabalho de alvenaria de pedra.

Quem se lembra hoje desses tempos ?

Quem conhece os esforços que custou essa victoria sobre o carrancismo ?

O mesmo se pôde dizer da suppressão das feias hombreiras de cantaria e das respectivas vergas, tão do gosto de proprietarios e de constructores que não raro as tem sarapintado, numa imitação de granito, sobre um rico marmore da época colonial. Outro tanto se pôde repetir em relação ao cimento armado, ás cortinas metallicas dos vãos das lojas, ás tres portinhas das casas destinadas respectivameute ao armazem, á

escada e ao... engraxate, as mansardas, ás guarnições de marmore dos vãos e a tantos e tantos elementos e fórmarchitectonicas cujo emprego o architecto teorico tem ido aos poucos conquistando sobre a monotonia, a uniformidade, a banalidade, o máo gosto e a carencia de imaginação e de sciencia de senhorios e de praticos.

Essa uniformidade, essa banalidade era tal, e ainda o continúa a ser, em muita coisa referente ás obras cariocas que, não raro, antes, ao contrario, commummente, os constructores boças, os *Chicos*, aos quaes mais acima me tenho referido, nas caricatas especificações de obras que offereciam aos seus freguezes não deixavam constantemente de declarar que toda e cada uma parte da obra e todas ellas juntas se fariam « a gosto do proprietario ».

Era este e ainda continúa a ser, em muitos casos, o estribilho de taes especificações.

A pintura, a gosto do freguez ; a forração a gosto do proprietario, a gosto do mesmo o fogão, as bancas de cozinha, as pias e os aparelhos sanitarios e seus sobresalentes ; a gosto do proprietario o ladrilho e o azulejo, o feitio das esquadrias, o desenho das grades... tudo com a mesma farofa.

O constructor, sem perigo, bem podia prometter que tudo faria a gosto do freguez ; este gosto era e continúa a ser, na maioria dos casos, mau e sempre o mesmo ; esse gosto era o das posturas obrigatoriamente observadas ; esse gosto era o dos materiaes existentes no mercado ; esse gosto e feitio era o que permittia a monotonia das dimensões dos terrenos... « O gosto do proprietario » era o vulgar, o trivial, o feijão e a carne assada de todos os dias, a mesma despeza diaria, o mesmo custo, o mesmo typo de coisas, a monotonia enthronisada em tudo quanto dizia respeito á arte do constructor e do architecto.

O que é que este tinha que fazer no meio de toda essa uniformidade, dessa invariabilidade, dessa insipida monotonia?

Vegetar ou desaparecer.

Mas essa mesma monotonia foi a causa original do movimento de reacção, que agora se opera no sentido de tudo modernisar em materia de architectura.

Effectivamente, abolida a escravidão, proclamada a Republica, desenvolvendo-se a immigração e estabelecendo-se, por todos esses factos reunidos, a concurrencia profissional, o proprietario, o senhorio, começou a explorar por sua conta e em seu beneficio unico os padrões que a tradição havia vinculado no Rio como typos da construcção local.

Já o proprietario não chamava para a edificação das suas obras o velho mestre, o pé de boi que tradicionalmente o havia servido.

Sollicitados por todos os lados pelos recém-chegados para lhes darem as obras que pretendiam fazer, os proprietarios começaram a explorar a situação estabelecendo a concurrencia para execução das mesmas.

Esta exploração tem chegado ao cumulo do desbragamento, de connivencia com a ignorancia de muitos constructores, a pouca consciencia de uns e a ambição dos restantes.

De facto, o proprietario, a quem, desde tempo immemorial, se lhe vinha offerecendo o typo monotono e uniforme dos predios fluminenses, sabia tão bem como o seu mestre quanto é que custava e quanto é que exactamente podia valer uma determinada casa, obedecendo a um determinado projecto, nas mesmas condições de terreno, posturas, materiaes e condições que outro qualquer edificio já para elle edificado ou para qualquer amigo confidente que se prestava a servir-lhe de mentor.

Estes mentores, ignorantes e pretenciosos foram aos poucos erguendo-se em fiscaes de obras; eis outra calamidade na edificação de predios no Rio de Janeiro que muito tem atrasado a justificada intervenção fiscal do architecto provector e imparcial no desempenho de semelhante cargo.



Os proprietarios então começaram a construir os seus predios por meio de concurrencia entre os constructores : a *receber propostas* na phrase consagrada.

O resultado foi optimo para os proprietarios desde os primeiros momentos do emprego desse systema.

Recemchegados, sem eira nem beira, mal installados numa officina em forma de funil com quatro bancos de carpinteiro; sem credito nem capital ; bem falantes umas vezes ; de aspecto humilde e bobalhão em outras occasiões ; sempre comicos na sua hypocrisia seductora ;... começaram a fazer propostas muito mais baixas que todas as outras conhecidas.

E' que elles se contentavam com mais modesto lucro-zinho que os outros ; é que Vossa Excellencia sabe que a gente trabalha por si mesmo pondo mãos a obra com estes callos que aqui estão ; é que a gente sabe comprar ; é que a gente está auxiliado pelo Fuão Madereiro, que até fiador vae ser da obra ; é que ... é que... é que o proprietario ás mais vezes ficava engazopado e os velhos mestres praticos começaram a ver o que de ha muito os architectos lhes haviam prognosticado, isto é : que a preguiça em variar os modelos de predios e os projectos destes, mesmo dentro da monotonia dos terrenos, havia de dar como consequencia que os proprietarios haviam de chegar a explorar essa monotonia exigindo maior barateza de maneira successiva e ininterrupta ; que a concurrencia viria e que nessa luta seriam vencidos os mestres pelos inconscientes de toda a laia.

Não foram elles entretanto as unicas victimas.

Tambem o foram muitos e muitos proprietarios que se deixaram tentar pela crescente e inacreditavel barateza de propostas dos mais recentes concurrentes e tambem o foram em innumeradas occasiões os proprios fiadores destes, tão analphabets, muitas vezes, como os proprios afaçados e que em grande numero de casos tem sido obrigados a acabar com perdas consideraveis as obras que elles afaçaram.

Já conheci um excellente carpinteiro, chegado a encarregado de officina, o qual, deixando-se tentar pela ambição, se propoz a uma obra que eu orcei em 300:000\$ e que elle ajustou, contra a minha opinião, em 85:000\$ sendo na occasião affiançado pelo mais analphabeto, mais honesto e mais rico talvez dos fornecedores de materiaes dessa Capital.

O resultado desse conluio foi o seguinte: a sociedade para quem a edificação ia ser feita só a teve prompta dois ou tres annos depois do praso para esse fim fixado; sustentou um pleito com o fiador que o perdeu; despenderam este e a Sociedade muito mais do que eu orcei; o constructor, de falcatrua em falcatrua, foi parar á Detenção; alli fez as mais pessimas amizades e hoje é um dos nossos mais distinctos passadores de notas falsas nas terras do Brazil e que sahe de uma cadeia para entrar em outra.

Eis a apotheose do que foi e podia ter continuado a ser um bom carpinteiro que se quiz arvorar em architecto constructor, não tendo habilitações para isso, tentado pelo exemplo afortunado de poucos collegas e de connivencia com as leis do paiz e com a insipidez monotona de uma profissão mal encaminhada e amparada.

Como este poderia eu, e poderiam muitos architectos, mestres e constructores, citar outros tantos e numerosos exemplos.

Dessa forma, qualquer individuo, que surprehendeu o custo empiricamente formulado de tal ou qual typo de construcção, julga que pode edificar esse modelo com um determinado abatimento; surge outro improvisado constructor, e por sua vez pensa não menos empiricamente que tambem pode abater alguma coisa sobre aquella ultima reduccão de preço; nem a exploração dos proprietarios tem hoje limite, nem ha de ser tão cedo que muitos espontaneos constructores hão de desconfiar do pouco credito que merece o valor metrico que lhes serve de base para a formação dos seus orçamentos.

Convencidos disto, são já bastantes os constructores que confiam a redacção desses orçamentos pormenorizados aos habilitados e architectos que deveriam ser, se taes constructores e taes proprietarios comprehendessem bem os seus interesses, os conselheiros naturaes de ambos.

Não é facil a organização de taes orçamentos.

Os preços dos materiaes, dos elementos que entram numa obra, variam no Rio, por via de regra, d'uma maneira inacreditavel dando-se o caso de que, no mesmo dia, em horas diferentes, esses preços, na mesma casa, no mesmo armazem, no mesmo deposito, variam... segundo a pessoa que os vae sollicitar e o aspecto da mesma pessoa.

Ha casas e casas : eu não pretendo incluir todas as do Rio de Janeiro na cathegoria dessas outras, mas, ponham uns 90 % dellas que não deixam de seguir esse systemazinho.

O outro systema, contraproducente em materia de lucros de taes casas, é o de vender com lucros fabulosos que dão em consequencia o retrahimento dos proprietarios, a irritabilidade dos constructores diante de semelhante carestia e uma reacção dos mesmos mestres no sentido de baratear outras partes das obras, quasi que irreductiveis na fixidez do seu custo, o que tudo propende a desastres ou pelo menos a perdas que poderiam ser evitadas se outro systema de tratar fosse empregado.

O Rio de Janeiro, a bem de todos os que intervem na arte da edificação, não pode mais subsistir sem que se formem series de preços, a semelhança das da cidade de Paris, que permittam a todos concorrer dentro de limites rasoaveis e fora dos quaes o offerecimento de maior barateza seja reconhecido como de má fé.

Só assim se evitará, não somente a barateza impossivel de realizar como a carestia criminosa.

Só assim se evitará, ou se atenuará em parte, porque a alfandega não permite a realização de supremas baratezas, que

seis fechaduras, por exemplo, de um determinado feitio, nos custem tanto como uma grossa (doze duzias) dessas mesmas fechaduras nos mercados por atacado do estrangeiro.

Somente assim se evitará talvez aquelle famoso caso da elevação desproposita dos preços das madeiras — a raiz das obras de reforma radical do Rio de Janeiro — que tantas perdas originou á classe dos constructores.

Se estes, nessa occasião, se tivessem syndicado na forma que propunha a «Sociedade de architectos e constructores», hoje extincta, e cada constructor tivesse contribuido de accordo com as suas necessidades para fretar um veleiro que lhes trouxesse, dos mercados do Baltico, a madeira de que precisavam aquelle desastre teria sido attenuado.

Mas os constructores do Rio, continuando a viver como dantes e da mesma maneira que elles, sem a competencia necessaria, guerreiam o architecto formado, invadindo-lhe a sua natural esphera de acção, sendo por sua vez, guerreiados, cada vez mais, pelo adventicio, pelo mestre cogumello, nascido á beira do cofre da Repartição de industrias e profissões e subitamente egualado a elles, arvorado em architectos como nós, para por sua vez serem explorados pelo proprietario e pelo fornecedor insaciavel, victjma *aliás* por sua vez do recém-chegado na classe.

As perdas dessas ultimas victimas as pagamos em definitiva nós todos ou pelo retrahimento dos proprietarios ou pela carestia que para resgatar taes perdas cream os fornecedores.

Não se dando remedio a uma situação semelhante, qualquer individuo, classificando-se architecto e constructor pela forma facil que já deixei apontada, trabalhando sempre dentro das formulas que estabelecem, de maneira immutavel, o feitio dos terrenos, as regras das posturas e os habitos commerciaes da profissão, somente não será conhecido e reconhecido, com o mesmo preparo e as mesmas habilitações que nós todos, se for.... *um desgraçado*, como qualquer daquelles fre-

guezes anathematizados pelo Jacyntho Lopes, de famigerado *reclame*, por que não tinham o necessario para lhe comprar o chapéo de cabeça.

Por vezes esses arvorados architectos e constructores trabalham em familia ; o irmão faz de pedreiro ; o tio é o encarregado, o sobrinho é canteiro, outro parente é carroceiro. Geralmente o primo é que é pintor e o decorador das almanjarras que edificam em francomaçõnaria

Todos se unem até que um delles desgarrá para por sua vez arvorar-se mestre, constructor, architecto e já vi cartões de visita com a declaração de doutorado em engenharia e em architectura pertencentes a individuos que me passaram pelas mãos e que não haviam estudado outra sciencia, nem outra arte sinão a que se pode aprender fazendo regoas de venezianas sobre um banco de carpinteiro... a falta de melhor banco escolar.

Geralmente é o primo, o parente ou o compadre pintor, o primeiro que desgarrá.

E' a esses pintores que devemos as nossas famigeradas varandas decoradas de Pães-de-Assucar e de Guanabaras, onde as canôas são do tamanho dos transatlanticos, mesmo quando aquelles se vem no horisonte e estes no primeiro plano ; aquelles chapéos de pescadores do tamanho de canôas e aos mesmos devemos essas entradas floridas contra todas as classificações conhecidas de Martius e Linneo, e os anjos bochechudos sustentando cortinas atraz das quaes Christovão Colombo, mal que pese a Gonçalves Dias, ficaria horrorizado das payzagens americanas, que se lobrigariam detrás do panno.

Muitas vezes, quando já a obra permite percorrel-a sem o atravancamento dos andaimes e sem o perigo das vertigens, a Exma. Sra. do Senhorio, vae visitál-a. O pintor está no fogo da composição ; Sua Excellencia extasia-se diante do trabalho pictorico ; indaga do pobre artista ; acaba por saber onde veio á luz pela primeira vez aquelle raio de genio da pintura

decorativa, quaes os seus parentes, o que ganha, o que soffre, o que sente, o que pulsa naquelle organismo privilegiado e ao voltar á casa revela ao marido que o *pintor da casa* é d'alli ao lado, na terra; a mesma coisa faz que esta seja Villanova de Famalicão, Dôres do Rio Verde, — Casamisciola ou Satocochinos, em Portugal, no Brazil, na Italia ou na Hespanha.

Ella acrescenta que são mesmo um tanto parentes longinquos do illustre artista e desenvolve para proval-o uma longa genealogia... Pobre rapaz que pinta *tão bem* !... que ganha *tão pouco* !... tão explorado pelo bruto do primo que até aos domingos o faz trabalhar... Havia o tal primo de lhe pagar o desafôro de não lhe ter pintado no forro da sala todos os passaros da criação e mais alguns outros inventados pelo primo pintor tão prestativo em agradar a donna... !

A semente está lançada.

Na seguinte visita, a Exma. Sra. fica maravilhada com o acabamento da pintura da varanda ou com as mellancias e cajús do fôrro da sala de jantar; promette protecção ao artista, influe nesse sentido com o marido, que na primeira occasião falta á fidelidade que guardava ao seu constructor habitual e entrega ao artista pintor, cada vez mais mavioso e xaroposo, o primeiro *biscate* que tenha de fazer.

Desde esse dia o primo constructor vae sendo aos poucos supplantado pelo primo pintor que deita luxo, charuto, sua a boa vida e vinho canalha por todos os poros, arvora gravatas mirificas, chega a cravejar de brilhantes um medalhão qualquer de relógio, tornando-se enfim architecto pelo processo conhecido, até que outro primo lhe venha, por sua vez, roer a corda e passar-lhe a perna... se no intervalo não dá para desapparecer com algum *lastro*.

Que levante o dedo qualquer um da profissão, mestre ou architecto, que não conheça desses casos, aos dez e aos vinte e aos cem !

São muitas no Rio essas classes de pintores, quando não são vidraceiros, forradores, funileiros et *reliquía* que tem tido taes prodromos na sua carreira de architectos e de constructores.

Nós outros é que não passamos de *dezenhistas* delles, quando, em casos extraordinarios, se querem lembrar de nós.

Muitas vezes nem o plano é obra nossa ; pedem-nos as mais das vezes que façamos um *esboço* um *risco*. Apanhado este, que é o essencial e que na classe não tem cotação no mercado, o essencial está feito. Dias depois o *esboço* nos é devolvido sob pretexto de que «não era isso o que queria o proprietario» e quejandas razões mas, na realidade, o *esboço* foi copiado, mal copiado mesmo, por qualquer rabiscador de saguão, a tanto por metro quadrado de papel tela, que, vestindo a fachada do projecto da roupagem architectonica a mais comica e disparatada, organisa umas plantas que não tardam em ser acceitas pelo proprietario, contractadas pelo mestre e approvadas pela Prefeitura para que um dia, quando um eminente architecto como Boward, passando de viagem pelo Rio de Janeiro, possa, contemplando as fachadas dos nossos predios dizer que : «o Rio de Janeiro precisa muito de architectos.»

E' facil na nossa Capital, sobre tudo desde os primeiros tempos de 2º Imperio, acompanhar o desenvolvimento das locubrações architectonicas cuja evolução pode seguir-se a través das ruas da cidade, auxiliado pelas inevitaveis *eras* que a maneira de *INRI* figuram no topo das fachadas, sem duvida para lembrar que, da mesma maneira que Christo no Calvario, tambem alli a architectura foi crucificada.

Devido á influencia de Grandjean de Montigny, que por sua vez veio succeder á arte fina do Mestre Valentim, e mais tarde á de Porto-Alegre, na cathedra e na imprensa, de Bethencourt da Silva, de Magalhães e dos irmãos Jannuzzis, tivemos epocas progressistas em materia de architectura, mas

houve de vez em quando verdadeiros espasmos de máo gosto na nossa edificação, consoante com o pessimo costume que caracterizava o gosto dos senhorios e constructores.

No meio desse *maremagnum* de aberrações architectonicas, alguns discipulos e constructores daquelles architectos, reagiram d'aqui e de lá sem grande successo ; assim tambem familias de estucadores e esculptores vindos de Portugal e da Italia influiram favoravelmente para uma melhor selecção de ornatos e de decorações de fachadas.

A maioria, porém, desses ornamentistas tem sido nefasta para o progresso do bom gosto na nossa architectura.

Até pouco tempo, até que um melhor gosto em architectura tivesse começado a imperar, sobre tudo desde a proclamação da Republica até esse renascimento, durante cujo praso tantas cousas se fizeram ás pressas e de fancaria, em materia architectonica, abandonando-se o *feio e forte*, na phrase dos nossos antigos constructores, pelo *feio, fraco e baratinho* (?) que caracteriza as modernas edificações. Os constructores procuravam, o mais depressa possivel, levantar as paredes lateraes dos predios, attingir quanto antes a construcção do telhado sem começar a fachada, deixando a cobertura alli pendurada no alto por milagre de equilibrio e de esteios provisorios e seguidamente levantavam a fachada, inexpressiva, lisa, em cuja lisura apenas se abriam as janelas e os outros vãos externos do predio, sem que uma saliencia, um *motivo* qualquer architectonico viesse animar aquella aridez.

Quando a carcassa da obra estava prompta, bem quadrada nas suas faces, bem cubica no seu volume, apparecia o estucador com as suas esculpturas repetidas até a saciedade em toda a parte ; suas famigeradas *compoteiras* sobre a cimalha e a platibanda ou atico ; sempre com os mesmos e estafados modelos decorativos e cujos velhos moldes, gastos, cançados, fartos já de ser repetidos constantemente viajavam da officina para a obra, desta para a officina, seguindo



de novo depois para outra obra, voltando novamente á officina e assim successivamente até que elles se despedaçavam, se suicidavam, fartos da vida.

A' boa proporção das cimalthas e das molduras singelas ; ás *gammes* e ás *gregas* finamente desenhadas e esculpidas na epoca que se seguiu á influencia classica de Grandjêan de Montigny, e cuja linda e sobria decoração se detacava sobre frisos de anil que melhor accentuavam as linhas architectonicas, seguiu-se o periodo da fancaria que, com raras intermitencias, tem chegado até os nossos dias.

E' pena que, por occasião das recentes demolições no Rio de Janeiro, não tivesse havido o cuidado de photographar e moldar alguns d'aquelles antigos elementos decorativos das passadas eras e que hoje constituiriam um interessante muzeu archeologico de grades de ferro, bandeiras de portas e janelas, chapas de fechadura, cimalthas e cupolas de commodos, florões de estuque e de madeira, e tantos outros *motivos* architectonicos que, em parte, salvei na minha collecção particular mas que me foi impossivel completar por exceder ás minhas forças esse salvamento de curiosidades.

Alguns d'esses *motivos* eu photographeei, mas infelizmente havendo cedido esses trabalhos para serem publicados nem isto se fez nem posso jamais conseguir a devolução desses documentos perdidos, como foram, por criminoso desleixo.

A collecção de photographias, de conjunctos de predios apenas, mandada fazer pela Prefeitura, tambem ficou perdida no incendio da officina photograpica d'aquella Repartição e, que me conste, apenas subsiste para lembrança daquelle passado, seus aleijões e suas concepções artisticas, a collecção mandada fazer pela commissão das obras da Avenida Central.

Ainda me lembro da destruição, a que assisti impotente, de umas interessantes carrancas servindo de esgoto ás saccadas de um predio á Rua Conselheiro Saraiva, de um portão com pilastras lateraes, lindissimas, numa chacara defronte da Rua

Buarque de Macedo, no Cattete, decorada no gosto do mestre Valentim com elementos da nossa flora ; de numerosos vandalismos de demolição de cartelas, medalhões e eras das ruas centraes e até ultimamente a demolição dos oratorios que existiam na Rua da Alfandega e no canto da Rua Direita, com a rua hoje desaparecida pelo prolongamento da Rua Visconde de Itauna, bem como a extraordinaria casa colouial no angulo das Ruas de Lavradio e Riachuelo ; não me admirarei se dentro em pouco desaparecerem tambem, sem deixar rastos, umas interessantes grades de saccada á Rua da Quitanda e uma pilastra de gosto *plateresco* hespanhol, decorada com cajús que ainda existe num sobrado no angulo da Rua da Alfandega com a do Regente.

Seja como fôr, já desde pouco antes de meados do seculo passado começou a apparecer nas fachadas o máo gosto que as tem caracterizado entre nós e a intervenção permanentemente gananciosa e nada architectonica do *fazedor de frontispicios*.

Ja tivemos, á voga do Javier das Conchas, a epoca das cimalthas com consolos duplos, estylo italiano, com beiradas de telha vidrada do Porto, *aliás*, de combinação bastante artistica e devida a estucadores daquella procedencia. Tambem tivemos, lá pelas vizinhanças de 1867, a influencia franceza e inexpressiva, um tanto *pompier* e um pouco Percy-Fontaine, que caracterisou a architectura do 2º imperio francez, com renascimento abusivo do acanto, dos paines de cantos quebrados, de ornatos em caracol, etc. etc., tudo pintado a oleo... com as eras inevitaveis, a ouro. Conhece-se tambem a epoca em que essa mesma decoração de estuque era acompanhada de revestimento de azulejos do Porto e de vasos, pinhas e estatuetas da fabrica de Santo Antonio da mesma cidade, que se enfileiravam nas platibandas e nas pilastras dos portões, no amontoado caracteristico das architecturas do extremo-oriente, silhuetando-se por todo o lado nas moradias luxuosas

do Conselheiro Accacio maravilhado e orgulhoso de poder fazer admirar aos amigos *As quatro estações*, representadas em effigie, segundo elle dizia, pelas estatuetas que la-deiavam o repuxo do seu jardim, a saber: Europa, Asia, Primavera e..... Neptuno. Mais tarde appareceu o feitio do *chalet pseudo-suisso*, com os seus telhados em beirada de recortes de madeira e, mais tarde, de zinco, suas varandas tambem de recorte, todo de recorte de madeira, ás vezes consolidando-se calhas, recortes e agulhas de remate .....com argamassa de cal, como d'aqui estou vendo o telhado da casa do meu vizinho e cujo feitio, hoje prohibido pela Prefeitura em determinada area da cidade, ia convertendo o Rio de Janeiro num arremedo de Interlaken. Depois disto appareceu o reinado do *cascateiro*, que tudo fazia a cimento e em rustico, convertendo os passados chálets-suissoes em construcções de floresta, imitando todas as partes da obra troncos d'arvore. Foi a epoca em que triumpháram a cascata, com o seu inevitavel e minusculo moinho de vento a mover constantemente as suas pás, bem como o repuxo, a ponte rustica, os telhados imitando sapê, os kioskes de jardim de cobertura afunilada, as varandas de troncos d'arvore a cimento, e até... cães de guarda, feitos a cimento, nos vãos d'algumas casas, como ainda se pode ver num predio á Rua da Passagem. Ás vezes, o rustico a cimento, o suisso a recorte de madeira, a ceramica do Porto e as decorações de estuque de presumpçoso gosto classico se mixturavam na mesma obra, a qual para cumulo do disparate, apresentava os seus vãos em feitio ogival, forma que tem estado muito em vóga nas ordens terceiras, ao lado de pilastras doricadas, arredondadas nos cunhaes dos edificios, de cimalthas florentinas, de escadarias luzas e de quejandas monstruosidades!

Porto-Alegre, Bethencourt da Silva, Magalhães, Jannuzzi ... muitos outros, protestaram. Não importava: o gosto publico

e até o official acompanhava o estucador. Que muito era que isso acontecesse naquellas eras se nos nossos dias mais recentes temos presenciado maiores sacrilegios d'arte feitos sob o amparo official ?

Ahi está, num dos mais bellos logares do Rio de Janeiro, um dos seus maiores e mais importantes edificios em cuja architectura se acham combinados os seguintes elementos «qui hurlent de se trouver ensemble» a saber : mansardas de estylo Luiz XIV, saccadas de ferro estylo Luiz XV, portões e portas de desenho *arnovó*, como ineffavelmente dizem alguns *entendidos* na materia, e, para que não falte nenhum anachronismo, na tal edificação, ahi estão a rematal-o torres medievaes, estylo Luiz XI, com as suas ameias, seteiras e barbacães, a fazerem pirraça lá do alto ao embasamento de estylo hybridado do 1º Imperio francez. E' isso que nós mostramos com orgulho de *rastacouères*, como exemplo do nosso progresso social em materia d'arte.

E' verdade que si tambem naquella Escola das Bellas-Artes, que eu projectei e que outros executaram, existem por sua vez taes anachronismos e ridiculices architectonicas «introduzidos no meu projecto pelo génio de quem o interpretou com a tolerancia do conselho da Escola, do Conselho Superior das Bellas-Artes e do proprio chefe supremo do ministerio competente» não é de estranhar se naquelle outro edificio vêm-se torres cortadas ao meio, a faca, como pão-de-lot de boda, quando no edificio que devia servir de modelo e de estudo aos nossos architectos se vêm decorações de naipe como aquellas das fachadas lateraes do edificio das Bellas Artes, cupolas ovaes, cupolas pejadas de ordens architectonicas e na execução das quaes parece haver existido o proposito de faltar a todas as regras classicas mais ou menos convencionalmente resumidas pelo Vignola, pelo Sercio e pelo Palladio.

**Emfim : continuemos esta via dolorosa !**

Passadas as modas de que me acabo de occupar, apparecem os estucadores á *escaiola*. Esses fazem paredes brunidas como marmore e imitam todos os marmores da Creação e mais alguns que nunca se viram na formação geologica do nosso planeta, preferindo porem os verdes, azues e vermelhos, emoldurando aquelles a estes ultimos, os quaes por sua vez assemelham-se a carne fresca de açougue, todos elles emfim de veios e de côres de que nunca cogitou o Creador e...eis todas as casas do Rio, desde o Pharoux até Cascadura, a adoptarem essa decoração a *lapizlazzuli* e granito rosa ou de Aberdeen, das mais caras pedras do mundo, para a propria decoração, embora o aluguel do predio mal attinja o preço de 100\$000 mensaes!

E o estucador continua a sua obra, collocando competenteiras de estuque no alto das platibandas, medalhões enormes, concentricos e repetidos uns dentro dos outros, com a era e as iniciaes do proprietario ao meio, tão feios e disgraciosos que até, na giria operaria, ja tiveram o nome de *sapos*, vasos nos altos dos cunhaes, muito afastados por certo do bello typo Medicis, cimalthas, frisos, architraves, vergas, chapelinhos e frontões de estuque com a eterna e inevitavel côr de palha e nos lisos, os taes marmores de côr. Para completar a decoração, nos medalhões da platibanda, nos centros dos chapelinhos, nos capiteis das pilastras, kilometricas na sua altura disproporcionada, por toda a parte emfim...os modelos mais variados da flora architectonica, os couros torcidos do renascimento allemão, as pinhas de gosto classico, as volutas dos diversos estylos dos Luizes de França, anjos papudos de gosto italiano, carrancas de estylo inexpressivo, urubús, a guisa de aguias, como no largo de S. Francisco, e até cavallos e jockeys magros ladeando um espalhafatoso mostrenago architectonico, como no edificio do Jockey-Club á Praça Tiradentes, aggravados no seu mau gosto pelas côres *naturaes* com que aquellas figuras estão pintadas.

Foi nesta epoca que se operou a reacção inicial, devida,

como é preciso que aqui conste, ao architecto brasileiro Magalhães e a Antonio Jannuzzi, como dantes, outra a reacção fôra devida ao architecto Bethencourt da Silva e a Caminhoá, victimas de uma geração que os deixou isolados aborrecidos e scepticos do futuro da arte entre nós.

Essa reacção foi ainda mais accentuada pelo Dr. Pereira Passos, quando Prefeito e remodelador da cidade, prohibindo as platibandas decoradas e obrigando as linhas rectas, insipidas, no remate dos edificios até que, como d'antes, veio outro feito novo cair no gôto do publico ; ahi estão essas pseudo mansardas, esses zimbórios, essas cupolas e esses remates aliterosos que por todo o lado estão a avivar a verve do Emilio de Menezes e a caracterisar a nova face architectonica na nossa Capital.

Nem todas as reacções possiveis, nem renascimento algum do bom gosto, evitarão tambem que se continue a ver na casaria da nossa cidade os productos directos do gosto dos respectivos proprietarios, dos parentes do proprietario e até da filhinha do Sr. proprietario. Já tive a honra de ver um dos meus projectos, o meu risco, como dizem os profanos, corrigido por uma d'estas Senhoritas que ostentava, entre seus titulos artisticos, um premio de «dezenho de cabeça» ganho «nos Santos-Anjos», onde se educou.

E' verdade que o papae da moça resgatava a sapiencia pernostica da filhinha, pedindo-me: «como recommenda Charcot» dizia elle, pois não sei se o disse o grande sabio: «que a casa tivesse sempre uma das quatro fachadas voltada para o nascente.»

Muito embora eu tivesse comprehendido que o cavalheiro desejava que a sua casa fosse insolada em todas as suas frentes durante o correr do dia, não deixei de admirar a belleza da expressão do meu freguez.

Tambem tive occasião de admirar uma *perspectiva* architectonica de um filho da casa, na qual o corpo lateral es-

querdo apresentava linhas descendo para o horizonte emquanto que as mesmas linhas do corpo direito fugiam de baixo para a mesma linha horizontal. Não indaguei se o filho desenhista era vesgo ou coisa parecida, mas garanto que eu tive vontade de fazer como as linhas da perspectiva domiciliar: fugir, fugir em desordem com todas as minhas forças para onde melhor pudesse na occasião.

Os que acharem que eu exagero a nota critica queiram dedicar uma destas manhanzinhas a um passeio artistico pelos seguintes pontos : Rua Conde Bomfim, de frente a Rua do Uruguay e mais longe, ao pé da Tijuca, de frente da Usina e depois de bem admirar as obras d'arte architectonica que, sem mais indicação minha, hão de lhe atrahir a attenção nesses logares, prolonguem o passeio por outro lado, para a garganta formada entre as serras e o Jardim Zoologico, e voltem para casa puxando até o Flamengo... De frente da usina verão um chalet hungaro-bávaro-tesesco-suisso-babylonico-arnovó e um jardim povoado de gnomos, que lhes ha de partir o coração; ao lado do jardim-zoologico acharão um castello medieval de opera comica...com canhões Krupp e Armstrong que é o que ha de mais proprio para dilatar os bofes ou congestional-os segundo os temperamentos de cada um.

No Flamengo verão outro castello, não menos medieval, mais serio porque este é do 4º acto do Trovador, porem, com umas certas meias torres a maneira de meio mamão, que lhes hão de dar um padecimento do baço se Deus não o remedeia e, se ainda ficarem entranhas ao passeiante estatele-se, depois disto, ao longe da calçada em frente á casa, ao palacete, perdão ! fronteiro á Rua do Uruguay... Alli um illustre Sr. Caccavoni, que pelo nome não perca, que acabou aquella obra recebendo um tiro de revolver de um seu fornecedor e que merecia de certo ser fuzilado, tem feito maravilhas ! Alli ha de tudo, pincipalmente do reino de Neptuno, naiades, golphinhos, badajos, coraes, algas, ancoras, remos, cordagens ; a apothose das

aguas... até no jardim, onde por precaução, sem duvida, abundam os chapéus de chuva de zinco, resguardando aves, parasitas, ....o diabo a quatro. Uma belleza! Um modelo no genero!

Os portões da casa, eis o que mais se presta á admiração naquella obra! São portões de cemiterio; portões parlantes. Alli effectivamente foi enterrada a Architectura!

Más, dirá talvez alguém que me leia; tudo isso está muito bem: Você metteu as botas em tudo quanto diz respeito a architectura e seus sacristães, (ha sempre quem pense que se *mettem as botas* em alguém ou em alguma coisa desde que se fazem constatar verdades), entretanto Você não disse até agora palavra alguma sobre seus collegas, os architectos, os sacerdotes da arte; «quéd'elles?»

Eu lá chego: vamos a isso.

A. MORALES DE LOS RIOS.

(*Continúa*)





Grandjean de Montigny





# GRANDJEAN

E

## a architectura brasileira

---



SITUAÇÃO de extremo sujeitamento á metropole, em que foi mantido o Brazil colonia até a vinda da familia real portugueza, não permittiu ensanchas á opulencia de casas senhoriaes nem concedeu modelos á architectura dos palacios, igrejas e edificios publicos que não os fornecidos pela arte lusitana, a unica em que podiam beber inspiração os nossos artistas, sem possibilidade de manterem tracto com outras civilisações.

Quem quer que, conhecedor da arte portugueza nos seculos XVI e XVII, haja visitado os nossos templos, os conventos, os raros edificios publicos e reparado na architectura civil das nossas moradas, não poderá esquivar-se á confissão de que está diante de obras architecturaes portuguezas.

É certo que, nas habitações particulares, notará algo de ligeiramente diverso da genuina casa lusitana, especialmente, se penetrar mais para o interior do paiz, onde as exigencias do clima, a natureza dos materiaes e reminiscencias dos al-

deiamentos indigenas, tiveram um pouco poder para introduzir elementos seus, no typo fornecido pela colonia, mas nunca houve a necessaria ousadia para reforma francamente nitida.

Nas cidades da costa, principalmente, em communição mais directa com o continente portuguez, não só a filiação architectural é manifesta, como ha até copia fiel, imitação perfeita e emprego dos materiaes de além mar, embora com grande dispendio importados. E d'ahi quem sabe mesmo se era esse excesso de valor do material viajado, demonstrando opulencia dos que podiam ter esse luxo, que mais contribuia para copiar os modelos portuguezes nas disposições architecturaes da Bahia, do Recife, do Rio de Janeiro e dessas cidades irradiando para outras localidades do Brazil. Ou quiçá não fosse possível fiar da competencia de operarios bastante habéis para aproveitar os materiaes do paiz, arrastando com esse emprego alteração na architectura.

Das moradas mais modestas, onde a maior economia se fazia preciso é que surgiu a utilização dos nossos materiaes e de lá é também que vem as modificações do typo portuguez genuino. Taipa, adobo, pedra, são os graus da evolução.

A vinda da familia real portugueza para o Brazil, alterou profundamente os usos da sociedade brazileira, especialmente a do Rio de Janeiro, e ou fosse que a maior cultura intellectual despertasse mais gosto artistico, ou fosse que habitos de luxo reclamassem mais arte na ostentação da opulencia, ou fosse porque o principe real, depois rei D. João VI se encontrasse bem na sociedade dos artistas, o certo é que decidido foi que se convidasse uma verdadeira colonia de cultores da arte, de professores europeus para iniciar no Rio de Janeiro o ensino das bellas artes, constituindo uma academia.

A fundação da Academia de Bellas-Artes do Rio de Janeiro, a primeira e unica que se constituiu no Brazil, é lourel que se

engrinalda nos diversos titulos de benemerencia de D. João VI e de seu ministro o Conde da Barca e honroso attestado do tino com que se houve o embaixador portuguez junto a côrte de França, o Marquez de Marialva.

Não é talvez preciso consignar aqui que foi composta essa colonia de artistas, chamados ao Brazil, para inaugurar a Academia de Bellas-Artes, dos laureados mestres Grandjean de Montigny, Le Breton, Jean Baptiste Debret, Nicolas e Auguste Taunay, Simão Pradier, François Ovide, Charles H. Levavas seur, Louis S. Mennier, F. Bonrepos, Marc e Zepherino Ferrez, partidos de Havre, a bordo do navio americano *Calphe*, em Janeiro de 1816 e em Março seguinte, a vinte e seis, chegados a nossa capital.

Nenhum desses nomes era desconhecido do mundo artistico europeu.

Augusto Henrique Victor Grandjean de Montigny havia sido galardoado com o premio de viagem a Roma, quando fizera seus estudos, sob a direcção dos architectos Delamoy, Percier e Fontaine, e seus trabalhos haviam atrahido a attenção das côrtes europeas, contando entre seus admiradores Jeronymo Bonaparte, que a elle confiou monumentos importantes de Westphalia e antes de sua partida para o Brazil recusara convite igual do Czar da Russia.

Grandjean de Montigny nasceu em Paris em 1776 e falleceu nesta capital a 2 de Março de 1850, na Olaria (Gavea), tendo sido inhumado no convento de S. Antonio, por desejo que manifestou *in-extremis*.

Foi em 1799, que obteve o grande premio de viagem a Roma e o Instituto de França em attenção ao merito do laureado obteve do governo mercê, muito especial na época, da isenção do serviço militar.

Em 1802, addido á direcção da Escola Franceza em Roma, foi encarregado da adaptação do Palacio dos Medicis á ins-

tallação dos artistas francezes. Chamado a Westphalia, em 1810, encarregou-lhe Jeronymo Bonaparte das construcções da sala dos estados de Cassel, do theatro, de um arco triumphal e diversas fontes monumentaes.

No Brazil, Grandjean, fiél á missão para que fora convidado, foi sempre o professor, havendo recusado o cargo de vice-director da Academia, para que fora proposto. Entretanto, o architecto francez edificou a Praça do Commercio (hoje demolida), o antigo mercado da Candelaria, que em breve desaparecerá, a sala do expediente da Alfândega, mais tarde ligeiramente alterada e diversas residencias particulares, notando-se entre ellas o predio da rua do Passeio na esquina da rua Barão de Ladario, onde está a fabrica de flores artificiaes. A sua principal obra architectural foi, porem, o edificio da Academia de Bellas Artes, mais tarde ampliado sob o mesmo plano, por seu discipulo o architecto Bethencourt da Silva, ficando o que actualmente existe, como Secretaria do Ministerio da Fazenda, com as modificações soffridas por occasião da proclamação da Republica e as adaptações que teve o predio aos seus novos misteres.

Tendo edificado casa para a sua residencia, na Gavea, no logar depois denominado—Olaria—por causa da fabrica de tijolos que ahi estabeleceu, Grandjean viveu em modesto retiro, nesse predio seu, os ultimos annos de sua existencia.

Influindo em melhoramentos ornamentaes do Rio de Janeiro, a Grandjean se deve a ordenação, uniforme dos edificios da Praça Municipal e sua decoração, por occasião da vinda da Europa da imperatriz do Brazil ; elle iniciou a fonte ornamental da Praça Onze de Junho, que ficou incompleta como está, mas inda assim digna de attrahir a attenção do architecto pelo seu character decorativo em perfeita harmonia, com a arborisação que completa o conjuncto artistico do local. Ainda a Grandjean se attribue o chafariz do Largo de Bemfica, ultimamente destruido.

O Rio de Janeiro deve ainda a Grandjean os projectos de uma Cathedral-Pantheon para os brazileiros illustres, de uma bibliotheca em estylo egypcio, de um palacio imperial e de um edificio para o Senado.

Além dessas obras architectonicas, em litteratura artistica legou Grandjean dous escriptos de valor: — a Architectura Toscana, tendo collaboração de A. Famin e— Collecção dos mais bellos tumulos executados na Italia nos seculos XV e XVI. Diversos desenhos seus e o seu album artistico foram perdidos por occasião do pavoroso incendio que devorou o edificio do Lycêo de Artes e Officios.

Tal foi Grandjean o artista escolhido para iniciar o ensino de architectura no Brazil, architecto de merito, modesto e sem preoccupações de glorias, partidario enthusiastico da architectura classica, que adoptou como base de seu apostolado artistico, quer nas licções da Academia quer nos monumentos que projectou.

A modestia do architecto francez foi de certo embaraço a que a sua influencia se manifestasse mais intensamente para imprimir cunho novo á architectura no Brazil; mas, indubitavelmente, ao estylo classico se filiaram os edificios erguidos, quer no Rio de Janeiro quer em outras cidades, durante grande parte do periodo monarchico brazileiro, em sua grande maioria por architectos e engenheiros nacionaes.

José Clemente Pereira, o benemerito Provedor da Santa Casa de Misericordia, que pudera apreciar o merito de Grandjean e o auxiliara no empenho, levado a effeito, da organisação da primeira exposiçào de bellas artes no Rio de Janeiro, em 1839, promotor de notaveis melhoramentos da nossa Capital, contribuiu poderosamente para a filiação ao classico dos nossos monumentos architecturaes, tendo sido sob o influxo dessa escola organisados os planos dos edificios da Santa Casa de Misericordia por Domingos Monteiro e Jacintho Rabello.

A timidez dos engenheiros e architectos brasileiros, não se aventurando a afastarem-se das regras do classicismo, manteve quasi inflexivel a ordenação dos poucos edificios de character monumental que possuímos e se uma ou outra rara vez veio architecto estrangeiro exercer aqui a profissão ou encarregar-se de algum edificio, manteve-se sempre nas normas do mesmo estylo classico ou do renascimento francez, sem que haja na architectura brasileira de annos atraz signal de alguma audacia de genio.

A essa regra geral que predominou na arte brasileira durante o dominio monarchico fez excepção apenas o architecto Bethencourt da Silva que, durante largo periodo, manteve quasi só todo o peso da representação da architectura do Rio de Janeiro.

A elle se deve, principalmente, a audacia do alteamento das dimensões verticaes, a amplitude dos vãos e especialmente a predominancia das linhas rectas, em contraposição ao uso quasi constante dos arcos e curvas, que abundavam na edificação; nota-se, desde que esse architecto teve dominio na construcção, uma grandiosidade na ordenação dos edificios até ahi desconhecida no Rio de Janeiro.

E' tambem á Bethencourt da Silva que se deve o emprego dos nossos granitos em revestimento geral das fachadas dos edificios, introduzindo o uso da silharia para baratear esse revestimento.

Rompendo com o fanatismo do classico ousou adaptar á torre da igreja do Sacramento a flecha, a pyramide elegante, sobre a ordenação corrente nesta capital, substituindo as pequenas cupolas e coroches barôcos que eram o remate dos campanarios do Rio de Janeiro até essa epoca.

Reconhecendo a pobreza da educação artistica do operario, que embaraçava o trabalho do architecto, fundou Bethencourt da Silva o Lycêo de Artes e Officios e dessa escola



começaram a sahir os mestres de obras, os constructores de maior merecimento.

Discipulo de Grandjean, nota-se em Bethencourt uma orientação mais ousada na interpretação dos sentimentos artisticos e um desejo de imprimir feição característica á arte brasileira.

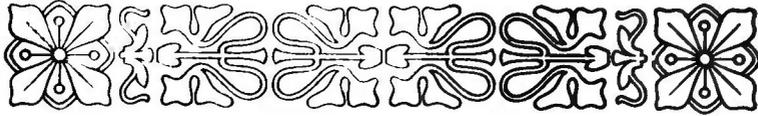
E assim, se a influencia do fundador da escola de architectura no Brazil ainda se sente na preferencia da estylisação classica ou do renascimento francez na architectura brasileira, esta podia aspirar a ganhar feição propria em harmonia com as suas condições características, qualidade dos materiaes de construcção de que dispunha, scenario natural em que se manifestava.

O certo é, porém, que não obstante esses esforços do discipulo de Grandjean, a invasão notavel, ultimamente, de artistas estrangeiros, não acclimados, nem conhecedores do nosso meio, veio embaraçar a systematisação da architectura brasileira com caracter proprio, por que tanto lutou Bethencourt da Silva, a quem veio secundar o intelligente e operoso constructor Commendador Antonio Jannuzzi que, em longa permanencia no Brazil, tem tido, não ha negar, influencia decisiva na arte nacional, como a esboçou Grandjean, como a movimentou Bethencourt da Silva.

No momento actual muito ha que temer perdida esteja para a architectura brasileira a feição propria que começava a manifestar e não pode escapar ao architecto competente que comparar os mais antigos monumentos da cidade com os edificios da Caixa Economica, da praça do Commercio, das escolas da Gloria e de Santa Rita, da associação do Montepio dos servidores do estado, da igreja do Sacramento, embora mesmo já hajam sido feitas alterações em alguns. E se da architectura monumental passar ao estudo da construcção civil particular verá bem que, contra a pesada e sombria ordenação

colonial e do primeiro imperio e a variegada — e porque não dizer o termo — a desordenada disposição do momento actual, houve periodo em que a habitação particular no Rio de Janeiro esteve em melhores condições artisticas de accordo com o meio em que se exercia ; felizmente desse periodo as leis municipaes mantêm algumas uteis disposições e infelizmente não todas.

B. RIBEIRO DE FREITAS,  
Engenheiro Civil.



## RENDAS DO NORTE

---

s artisticas rendas brasileiras são conhecidas com o nome vulgar de *Rendas do Norte*, porque o delicado artefacto, introduzido no Brazil, se desenvolveu mais e particularmente nos Estados do Norte.

Do programma do curso de historia da Arte nacional, (\*) no Pedagogium, constava aquelle thema de arte decorativa; e a seu respeito versou uma lição.

Impressionam agradavelmente as duas especialidades ornamentaes daquelles Estados: *rendas* e *cuias*; — as rendas não só pela pericia da rendeira, pericia revelada no tecido, sinão tambem, em algumas, pelos desenhos basicos:—e as cuias, do Amazonas e Pará, mais pela originalidade dos ornatos gravados, coloridos ou não, do que pelo preparo da materia-prima, em cuja superficie traçam os enfeites.

As rendas do norte são em geral de bilro.

Na historia universal das rendas artisticas se dividem estas em *rendas de agulha* e *rendas de bilro*. O crivo (ou labyrintho, como chamam os artistas) incluo naquella categoria, porque é com a agulha que elle se completa.

---

(\*) Professado em 1902 e 1903.

No Brazil, do mesmo modo que na Belgica, na Italia ou na França, tecem outra especie — *a conjuncta* — isto é, parte feita a agulha e outra a bilro. Ha bonita variedade dessa especie, fabricada no Ceará.

No norte usam das linhas de novello, de carretel, e meadas, de algodão, linho ou seda; e tambem o fio extrahido da fibra da palmeira — tucum, fio comparavel, na finura e resistencia, ao do algodão de Alcantara, no Maranhão, ou ao do Egypto. Com este ultimo, direi accidentalmente, fabricam mecanicamente, aqui no Rio de Janeiro, rendas de imitação.

A arte da renda é bella e feliz applicação, do desenho, ao trajo e a accessorios do mobiliario. O risco, a delicadesa e a habilidade em sua interpretação, são os elementos a apreciar na renda artistica. A Antiguidade não a conheceu: resultou de evoluções e transformações das franjas, malhas e rêdes, e finalmente dos bordados muito abertos em pannos transparentes.

Musêos conservam ainda muitos desses bordados, que pertenceram a castellos, conventos e egrejas da Edade Media.

Nos modernos livros francezes se encontram substanciosos resumos historicos, illustrados com desenhos instructivos das differentes phases do encantador artefacto até o seu completo aperfeiçoamento.

A renda de agulha, propriamente dita, não remonta além do seculo XV; e dizem, teve por berço Veneza, que, por longo tempo, a monopolisou.

O precioso adorno, exclusivo ao trajo feminino, deixou de o ser no seculo XVII. Passou a enfeitar tambem o vestuario dos homens: bellas e custosas rendas brilhavam nos seus collarinhos, nas golas, nos punhos, nas gravatas e em espi-guilhas dos calções. Nos retratos e quadros de genero, pintados por artistas celebres, pôde se estudar esse vestuario que, sob Luiz XIV, attingiu a suprema elegancia e riqueza em França. E a protecção, outhorgada pelo soberano, á arte da

renda foi tal, que as famosas operarias de Venesa, fascinadas pelo lucro, deixaram a Italia e, indo para França, se dedicaram ao ensino do ponto.

Em Bruxellas, concurrentemente, com esmerada fabricação, produziam-se e produzem-se ainda, obras estimadas pela belleza e finura dos desenhos.

No seculo XVIII, em plena tyrannia da rocalha, tiveram culminancia as rendas de bilro. Em vez de cópias das de agulha, quanto aos riscos e pontos, inventaram desenhos originaes. O traje feminino, vaporoso, de fazendas diaphanas e transparentes, teve feitio apropriado ao emprego do novo ornamento. Dahi a serie de primorosas composições, antigas e modernas, que cobriram de prestigio a renda de bilro.

Os flamengos tentaram se apoderar da gloria da invenção. Mas, segundo autoridades na materia, as cidades de Genova, Milão e Veneza já eram grandes centros productores. Em Puy se localizou a Cluny, nome aliás de fantasia, tirado do interessante muséu francez que guarda alguns typos de antigos tecidos de rendas. A Hespanha conserva a especialidade em fio de seda, ouro e prata. Famosos são igualmente os pontos da Inglaterra, da Irlanda, de Saxe, da Suissa, da Scandinava, não esquecendo-se os da Russia, cujo desenho, no estylo Moscovita, é muito original.

Em 1830, inventado o filó mecanico, aproveitaram-no para as applicações, facilitando-se, dest'arte, o fabrico de grandes peças; quaes os chales, véos, etc.

No seculo XVIII, na Europa, e particularmente em Bruxellas, trabalharam flôres com a agulha e bilro simultaneamente creando assim uma nova especie.

A renda de bilro, que começára, modestamente e timida, a principio estreitinha, a orlar sómente roupas brancas, afinal se tornou tão preciosa coma a da agulha. E, effectivamente, o demonstram as bellissimas applicações de Bruxellas, as Valenciennes, as Malines, as Blondes, Chantilly, os pontos de Hes-

panha e as de Puy celebre localidade rendeira da França, de onde emigraram para Portugal os primeiros ensinamentos da arte de rendar.

O typo geral das rendas de Portugal, na opinião da escriptora portugueza Maria Ribeiro Arthur, assemelha-se ao das de Puy. Em Peniche, a industria adquiriu muita importancia. Não a limitavam ao fabrico de simples tiras: todos os objectos a que fosse possível rendar, o faziam: o mesmo se dá nos nossos Estados do Norte do Brazil.

Consta que a belga Mme. Dumont — provavelmente discipula de alguma mestra de Puy — que, no seculo XVIII, em Paris, dirigira um estabelecimento de rendas, fundara um outro em Portugal. Em virtude do grande desenvolvimento da industria em Peniche, parece á escriptora, que não seria fóra de proposito suspeitar que para ahi a industria se tivesse dirigido; mas, das informações colhidas, nenhuma noticia demonstrava esse facto. Outros, entretanto, o affirmam cathegoricamente.

Penso eu, entretanto, não soffrer duvida que o primitivo ensino, em Hespanha, Portugal e America, foi devido ás mestras ou discipulas de Puy. Basta estudar as phases daquellas rendas.

O Sr. F. Pascal, em sua monographia — *Au pays de la dentelle*, informa que, desde o seculo XV, nos arredores de Puy, se faziam rendas. E, depois de descrever a vida na pittoresca localidade, informa ainda mais que, a pedido de François Regis, os companheiros deste, padres jesuitas como elle, favoreceram o ensino e diffusão da arte de rendar em Hespanha e nas missões da America.

No Paraguay, onde os jesuitas estabeleceram missões, tecem admiraveis rendas. Notaveis foram as que figuraram na exposição universal de Chicago.



FIANDEIRAS





De Portugal nos vieram as rendas de bilro. A fabricação foi notoria em localidades maritimas d'aquelle paiz: Peniche, Setubal, Viana, Villa do Conde e outras. As mulheres dessas paragens, principalmente as da classe maritima, entregavam-se á industria rendeira. Como lá, no Brazil os logares de fabricação de rendas se acham ao longo da costa e as rendas brasileiras mais apreciadas são aquellas que, nos Estados do norte do Brazil, chamam — *do mar* ou *da praia*, isto é, tecidas no litoral.

Em Peniche e em outras povoações portuguezas abundavam os pescadores. No inverno não trabalhavam. É tradicional que as mulheres então se occupavam em rendar, durante a estação, e com isso obtinham os recursos compensadores para o custeio da casa.

Nos primeiros tempos da colonisação portugueza no Brazil, pescadores se estabeleceram tambem ao longo da nossa costa no norte. As mulheres, a exemplo do que existia na metropole, outrosim, ajudadas e suggestionadas pelos jesuitas, iniciaram o tecido de rendas, que passou por successivas phases.

A industria, no Brazil, teve as primeiras tentativas nos povoados, á beira-mar, e exclusivamente nos Estados do norte, onde a pesca foi e é a occupação de muita gente e o peixe o principal alimento. Certamente depois, para a venda dos productos, com a facilidade de mercado, por assim dizer, á porta, a delicada fabricação definitivamente se fixou e desenvolveu nos logares de praia.

No sul do Brazil o phenomeno não se observa, não existe quasi a profissão de rendeira: tambem outros são os aspectos e condições sociaes, das quaes não vem a proposito tratar aqui.

No Districto Federal, na ilha de Paquetá, habitam algumas rendeiras cearenses ou parahybanas que excepcionalmente trabalham. E não se ignora que emigraram para a cidade do Rio de Janeiro, e nella residem, muitas operarias,

peritas nessa especialidade ornamental, tão encantadora e essencialmente feminina : assim se dispuzessem de novo a esse genero de trabalho artistico !...

\* \* \*

Os crivos do Norte, quer sejam originados do desfiar da fazenda, quer formados em grades sobre a almofada, poucos apresentam desenhos originaes. O que se admira no crivo é a execução paciente e cuidadosa, a perfeição do ponto de agulha, a solidez do tecido resultante, á guisa de renda.

De crivo se fazem lenços finissimos, barras para toalhas, fronhas, gollas e hombreiras de camisas de senhora, etc. Largos e custosos crivos usam as *bahianas* nos pannos brancos das saias e nas gollas das camisas, que dão realce á originalidade do excentrico traje, que, nos dias festivos da terra natal, vestem essas mulheres de côr preta.

As artisticas rendas brasileiras, conforme a classificação das rendeiras do norte, se dividem : — 1º de *cordão*, quando ha um fio mais grosso a formar desenhos com os demais ; — 2º de *panno*, quando os fios são todos eguaes, e dos desenhos resultam espaços quasi tapados.

Quanto á nomenclatura, chamam de *bico* ou *ponta* o que, no Rio de Janeiro, chamamos de renda ; e o que denominamos de entremeio, intitulam de renda. Dizem menos abreviadamente : — *renda de bico* ou *ponta*, e *renda de entremeio*.

Variam de textura conforme a natureza do fio, se é tucum, algodão, linho ou seda. O numero de bilros depende do desenho a interpretar. A rendeira nortista trabalha, como qualquer outra, na almofada, e quanto á disposição insignificante differença faz da europea. Quadros ha, pintados por artistas de valor, que representam scenas entre rendeiras de bilro, ora no labor, ora na contemplação de desenhos e padrões ; télas que bastante instruem o estudo da historia do tecido.

No norte do Brazil, a operaria pobre usa de espinhos de **Mandacará**, em lugar dos alfinetes que, para os pontos, se pregam na almofada.

Si da fibra de tucum aproveitam fio para tecer, já da bananeira igualmente se extrahiram fios com que rendaram. Na exposição universal de Vienna d'Austria, figuraram amostras d'esse genero, enviadas do Brazil.

Os desenhos, das rendas do norte, se resentem de copias ou imitações: poucas são composições originaes. Nos entre-meios, porém, tenho contemplado finissimos e bem combinados galões, idéados com graça, delicadeza e modelado. Sobresaem uns zig-zags e orlas compostas de rosaceos continuos, ora tangentes, ora secantes, ou superpostas parcialmente. Ha trabalhos que rivalisam com as guipuras estrangeiras.

Não é com rapidez que ellas tecem um metro de tira; algumas exigem oito horas de trabalho; outras, nem trinta centimetros, pôdem, por mais habeis e peritas, completar n'aquelle espaço de tempo, dada a complicação do risco e a largura do tecido.

Das rendas brasileiras, culminam as do Ceará. Não quero dizer com isso que, em outros Estados, não se façam tão boas; ha lindos crivos e rendas de outros Estados. No Ceará, entretanto, a profissão mais se generalizou; e a delicadeza do ponto, mesmo o da linha ordinaria de novello, é característica.

Em 1896, a Sra. D. Rosalina Pinheiro de Paiva publicou uma brochura, impressa na typographia Leuzinger, com o titulo: — *Compendio da Arte Rendaria para o bastidor. «Renda Moderna Brasileira»*. A brochura tem 60 paginas, com gravuras intercaladas no texto. Depois de descrever o seu bastidor, que é apparelho estante, ao qual se adapta a almofada, a autora dá as noções dos processos mais simples para diversos trabalhos das rendas de bilro. E naquellas paginas está uma nomenclatura relativa a pontos e especies, quaes: ponto ale-

gre, olhinhos, escama, panninho, cointrim, cordão passado, cordão duplo e finalmente o cordão cortado, renda de 15 pares de bilros.

E, por fallar em um livro, preciso citar a bella obra de Thereza de Dilimont — *Encyclopedie des ouvrages des dames*, referente a trabalhos de agulha. A erudita senhora não mencionou nenhum exemplo de nossas rendas de bilro, mas se demorou em descrever uma renda de agulha, a que denomina *Dentelle brésilienne «Sels»*. Distingue-se pela finura do trabalho e pelos desenhos compostos de fios destendidos.

A Sra. Dilimont illustrou a noticia com gravuras representando a renda já feita e indicando o modo de tecel-a.

---

Tenho quasi certeza de que botam fóra, por ahi, muita renda artistica, antiga ou moderna, nacional ou estrangeira cuja aquisição deliciaría a qualquer musêo de arte.

O governo da Republica comprou para a Escola Nacional de Bellas Artes, entre outros objectos, uma pequena quantidade da verdadeira renda de 'Veneza.

Precisamos auxiliar as rendeiras do norte, fornecendo-lhes novos e originacs desenhos, aproveitando para isso elementos brasileiros de inspiração. Bom seria que os nossos artistas tomassem a si o patriotico encargo.

ARAÚJO VIANA.



# ARCHITECTURA

---

Eh bien ouf ! si puissant que soit le ridicule,  
Si mauvais air qu'on ait À bien parler de soi,  
C'est assez qu'on hésite, et trop que l'on recule,  
Lorsque l'orgueil est juste et que le cœur est droit.



PERMITTIDO nos seja, leitor amigo, ao principiarmos estas linhas, empregarmos esta formula archaica ; porque ella exprime perfeitamente, assim o presu-  
mimos, a natureza das nossas relações que datam de ha muito tempo. E' a vós, portanto, que nos dirigimos primeiramente, leitor amigo, que durante cerca de trinta annos, junctos confabulamos *à tort et à travers*, algumas vezes até gracejando sem maldade dos *petits travers* d'outrem ; mas sabendo reassumir a compostura grave desde que a occasião assim nol-a exigiu.

Nossas palestras foram bruscamente interrompidas, ha pouco mais de um anno. Julgastes, talvez, que estavam para todo o sempre acabadas ?

Ora pois, não senhor, *s'il vous plaît* ; e a prova é que neste momento vamos reencetal-as. Poré n, desta feita, estaremos aqui nas nossas quintas, longe dos *trouble-fêtes* ; teremos plena liberdade de emittir a nossa opinião individual sobre todos os assumptos que forem do nosso agrado e nos

interessem ; não voltaremos a vêr como o pobre *Sancho Pança*, a fatidica rainha se interpôr entre a nossa modesta individualidade e os acepipes que a nossa critica cubiçar.

A datar de hoje, esta columna é nossa, leitor amigo, della dispomos em plena liberdade, eis-nos aqui incumbidos de fazer-lhes as honras.

Um pouço de gravidade não assenta mal em taes circumstancias ; peço portanto venia para estreiar no tom grave.

\* \* \*

A obra do architecto quer quando se apresenta sob as formas estheticas e severas das cinco Ordens Classicas ; ou nobre ou sumptuosa, como as da epoca da Renassença ; agradável e elegante como a do tempo de El-Rei D. Manuel, o Venturoso, é de todas as bellas-artes a que deveria de um modo facil, intuitivo, pēnetrar em todos os espiritos lucidos ; pois de facto é a unica arte que, de uma certa maneira, mais intimamente se confunde, se envolve com a nossa vida de cada dia. Sem duvida não é ignorada, a obra do architecto no nosso paiz.

Sabemos, todos nós, que o architecto é o engenheiro das cidades ; decora as praças publicas—como o *Terreiro do Paço* em Lisbôa ; da *Concordia* em Paris, de *São Pedro* em Roma, as avenidas como as dos Campos *Elysios* em Paris, *Unter der Linden*, em Berlim ; crea o edificio do theatro typo moderno, como a Opera de Paris, de Garnier ; o palacio do Congresso em Berlim, de Wanloo, a igreja do Sacramento nesta capital de Bethencourt da Silva, satisfazendo as solicitações mais nobres do nosso cerebro, como um prazer de ordem espiritual ; é essa arte que faz todo o encanto da nossa vida no lar, porque intelligentemente sabe tornar bella e agradável a habitação, creando o que chamamos o conforto, adequando-o segundo a orientação das nossas occupações, nossos gostos, nossos caprichos.

Outr'ora o apparecimento de uma *obra de architectura*, despertava enthusiasmos identicos, as mesmas criticas ruidosas, que actualmente desperta a obra recente do pintor de maior fama, ou do estatuario de renome.

Actualmente, é forçoso convir fez-se o silencio em volta da architectura. O publico passa indifferente, alheio deante da obra do architecto ; perdeu como que a noção exacta das bellezas dessa grande Arte. Ainda ha quem, na hora presente, admirando ou fingindo admirar o merito e o valor artistico de um quadro ou de uma estatua externe pelo menos um certo interesse. Emquanto que a respeito do architecto, *pas un mot*. Qual a causa ? E' que todos quantos, criticos de arte, homens de lettras, que deveriam ser os verdadeiros interpretes dessa Arte, os intermediarios entre o artista que crea, o constructor que realisa, e o publico que precisa ter o *bom gosto educado*, emmudeceram, fazendo suppôr que a Architectura é uma arte fechada e rebarbativa.

E' preciso agora reparar o mal, buscando voltar á verdadeira tradicção nacional, que era toda de clareza, de exactidão, conforme o legado dos notaveis artistas francezes que fundaram no Brazil, o curso de architectura civil, conforme o desejo de D. João VI, arte tão diversa dessa importada e pedante que mal apenas encobre imperfeitamente o vácuo existente na caixa craneana de seus autores, tão bem caracterisada na expressão pittoresca popular :

« Por fóra muita farofa »

« Por dentro mulambo só».

A funcção que lhe compete e que a imprensa deve preencher é por assim dizer o traço de união entre o artista que crea, aquelle que realisa e o publico que faz construir ; esforçando-se para esse congraçamento, sem inuteis distincções de escolas ou *parti-pris*.

Que o architecto tenha o seu modo de sentir esthetico proprio, direi mesmo exclusivo, é esse um seu direito — diremos mais, a sua força, o seu dever de artista, a outros compete simplesmente procurar tudo comprehender e tudo transmittir ao grande publico,

\* \* \*

*A tout seigneur tout honneur*

A Arte terá nesta columna o logar que lhe compete de direito. Deixaremos por isso de ser praticos ? Responderemos negativamente, e esforçar-nos-hemos mais do que nunca em ficarmos fieis a essa segunda parte do nosso programma, o qual não só comprehende a parte constructiva mas tambem a esthetica dos edificios.

Agora, que o leitor amigo, nos perdoe este longo preambulo. Se tomamos a liberdade de fallar a respeito dos nossos projectos e dos nossos interesses, do programma que pretendemos realizar em bem do leitor amigo, assim como da lucta que pretendemos emprehender contra a rotina tão perniciosa á hygiene das habitações e ao bom gostò esthetico da nossa cidade, cujos interesses buscamos defender e que são os do leitor amigo, quer seja proprietario, constructor ou proletario, interesses estes, que muito acatamos.

Nosso programma assim definido, as nossas palestras versarão sobre o seguinte :

CHRONICA : Os factos importantes do dia, discussão e critica, resumo dos trabalhos importantes devidos á competencia de architectos, empreiteiros, constructores ; salão de exposições ; concursos publicos e escolares artisticos, reuniões artisticas, cujo fim interesse ao leitor amigo.

CORRESPONDENCIA : estrangeira destinada a collocar o leitor ao par das transformações que a Architectura vai tendo nas capitaes estrangeiras.



**CONSTRUCÇÕES :** descripção das construcções em andamento ou já realizadas na nossa capital, percorrendo toda a gamma, desde as mais modestas habitações até aos edificios sumptuosos, onde, a grande Arte, de direito deve ter encontrado vasto campo de acção. Cuidaremos em indicar o modo constructivo, a distribuição interna e o provavel custo dos mesmos edificios.

LUDOVICO BERNA  
Architecto-professor.



## A ARTE E OS ARTISTAS

---

Les artistes, saints createurs après Dieu  
Animés de son souffle, éclairés de son feu,  
Jurent pour les couleurs, et le marbre et la lyre  
Rendre de l'univers ce qu'ils y savent lire.

BRIZEX.

**A**MISSÃO clara e sobre eminente da Arte, qualquer que seja a forma e a linguagem que empregue na sua revelação, não é, nem podia ser, a de copiar simples e servilmente a natureza, nem mesmo n'aquelle esplendente ilapso da criação primitiva.

O bello ideal, que é o fim aretológico da Arte, não existe senão na nossa alma, no sentimento das bellezas harmoniosas do espirito, illuminado da luz micante e ignivoma de uma aurora abeterna, que se espalha pelo orbe em torrentes de poesia.

No terreno da exacta imitação, isto é, da cópia da realidade pela realidade, a Arte seria vencida pela superioridade das obras da natureza, dotadas por Deus da vida e do movimento peculiares ao principio estavel do Universo.

Subordinar a idéa á obra, o pensamento á materia, era submeter o homem moral as exigencias do mundo material,

até mesmo na supremacia das faculdades do espirito. O talento, que vive das aspirações livres da imaginação, vae insensivelmente, nas investigações da verdade da natureza divina, descobrir e identificar-se com o bello ideal, tão outro d'aquelle que prende, no limitado da imitação, a intelligencia do realista. A imitação esterelisa o engenho, assim como a copia destróe as bellezas da originalidade.

Os artistas que, sem os arroubos do espirito, atados pelas peias do objectivo, copiam da natureza material, como essencia e fim, o bello das suas obras, não attingirão jamais nem á suavidade radiante e louçã do lyrismo, nem á magestade fantasiosa, esplendida e homérica da Arte, que se exigem do genio do poeta e do artista.

A necessidade de se elevarem os artistas a uma região superior, pois que só n'um mundo melhor se podem encontrar os elementos da belleza na plenitude da vida e da liberdade dos seres, sem abstracções, mas desenvolvidos n'um accôrdo perfeito das verdades immutaveis, está demonstrada na poetica ficção dos antigos hellenos, que prendem no Caucaso o audaz artista que roubara á Jupiter o fogo sagrado, ethereo, que daria ás suas obras, no sentimento e na forma, aquelle typo de perfeição que resulta do conjuncto uniforme e completo da vida do espirito com o da essencia dos entes que se retratam.

O bello ideal, como se comprehende, não é um ser contrario, negativo da belleza real ; é simplesmente a propria natureza idealizada, isto é, purificada, engrandecida, elevada ao fastigio da perfeição, revestida de brilhos iriantes, de encantos e de graças multiformes, sempre novas, magicas e theophoricas sob a expressão fiel das harmonias da alma no imperio das suas faculdades phisicas e moraes, que, embora oppositas, aparentemente estão de modo uniforme ligadas entre si e dependentes umas das outras.

No dominio intellectual da Arte as imagens são mais prefixas do que as da natureza e da historia ; — os symbolos são

mais ideias e por isso mesmo mais bellos, mais sublimes e mais douradouros do que essas existencias moveis e fugitivas do mundo real.

O bello ideal é um e unico.....

A realidade dos productos da Arte, imitados da natureza sob os principios da revelação do espirito, é uma criação da alma que traz consigo o cunho do artificio e não o molde do real; é, como diz Benard, uma imagem, uma metamorphose mais duradora que o proprio assumpto.

Fixando o que é fugaz e passageiro, eternizando o que é ephêmero e fugitivo, uma lagrima, um sorriso, uma saudade, um amôr, a Arte vence a natureza e a idealisa, imprimindo-lhe uma suavidade ou um vigor que não tinha na sua forma commum, cheia de elementos insignificantes, confusos e inuteis que enfeiam a fôrma empobrecendo a ideia.

O verdadeiro fim da Arte, a verdade do ideal, não é senão a representação das manifestações do sublime que se revelam nas concepções do espirito, nos sentimentos da dôr e dos prazeres nobres e profundos da vida moral.

O natural, o verosimil, a fidelidade nos productos da intelligencia não é a cópia servil e moldada do objecto que se retrata: mas sim, a representação da sua fôrma perfeita, despida das incorrecções do finito, desenvolvida nas harmonias complexas da sua natureza, cujos traços purificados, livres das irregularidades do acaso, exprimam, com as revelações da alma, o fim da sua existencia physica e moral muito menos claramente que as producções da terra.

Limitar a acção do artista ao pueril empenho de reproduzir nas suas obras a belleza da natureza material, sem isentala dos accidentes que a acompanham, era desconhecer que a melhor cópia fica sempre aquem do original; e que quanto mais exacto é o transumpto menor é o sentimento de admiração que por ventura causa.

O que captiva, surprende e arrasta o espectador na observação das obras da Arte, não é a verdade da cópia com o molde, senão a criação do espirito. — A precisão da cópia das bellezas da natureza deleitará talvez os olhos d'aquelles que, no seu viver contemplativo, não podem elevar-se além da esphera da materialidade, porém, não satisfará jamais as ambições maximas da alma do poeta e do artista.

Na Arte, como na poesia, não se quer a realidade material e positiva da fôrma fria e inerte como fim, nem o vago incomprehensivel da metaphysica perdida no azul do espaço; ella exige, nas apparencias do real, uma imagem da verdade, elevada por alguma coisa do ideal que a alma encontra dentro do seu proprio ser. Se assim não fosse, o daguerreotypo teria matado o desenho para o retrato, a perspectiva para a paysagem; e os seus escorsos seriam mais perfectos e bellos, constituindo-se a rigidez do contorno um elemento de belleza; as suas imagens, porém, são frias, e a expressão physionomica desnaturada é estúpida e hirta como a do cadaver.

A photographia na sua maravilhosa reproducção artistico-industrial, sem prejudicar a Arte nas suas sumptuosas manifestações e na sua missão moral perante o homem e perante a sociedade, teve um importante papel que representar em face da sciencia, tanto nas regras da descriptiva, como no rigor geometrico da planimetria; na verdade do claro-escuro, nos effeitos luminosos dos reflexos, na placidez das meias tintas, na côr local dos objectos, em todos esses mil nada das regras primordiaes do trabalho artistico que os profanos não sabem ver, não podem descobrir nas confrontações da propria natureza rica de verdade,—succulento manancial donde nasceu, nos conjunctos de tanta belleza, essas harmoniosas producções do talento, da poesia e da Arte.

Copiar as bellezas da natureza, não como um estudo necessario ao conhecimento da fôrma e á pratica do exercicio da profissão, mas sim como origem ou fonte do bello e prin-

principal fim da Arte, seria preciso, amesquinhando as altas aspirações da humanidade, esquecer que imitar não é cópiar, porém, já escolher; e que para a escolha assisada e constitutiva da produção, é indispensavel o sentimento harmonico da belleza, que guia as faculdades do entendimento nas produções da arte. Callimaco, creando o capitel corinthio não copiou a natureza, — imitou-a, dando-lhe forma verosimil, isto é, modificando-a segundo as regras da razão e do gosto.

« A Arte, diz Sutter, não serve só para revelar o segredo das harmonias da natureza, mas tambem para derramar a ordem e a graça nas obras que se destinam ás mais elevadas necessidades da intelligencia: abraçando o conjuncto dos conhecimentos physicos e moraes, o seu fim é o de concorrer para a perfeição da humanidade. Pondo em movimento as nossas mais nobres faculdades, contribue para a nossa felicidade por um espectáculo de harmonias e de bellezas que nos eleva a Deus: dispondo-nos para o bem, approxima a creatura do Creador. ».....

BETHENCOURT DA SILVA.

(Continúa)



## O ensino de desenho no Lycêo de Artes e Offícios

---

**A**TÉ 1856, quando se fundou o Lycêo de Artes e Offícios, era reservado unicamente áquelles que se destinavam á pintura, á architectura, á esculptura, á gravura e ás artes graphicas o apprendizado do desenho. O operario não se lembrava siquer das vantagens que lhe adviriam do conhecimento do desenho e, mesmo que isso lhe occorresse, não tinha onde aprender nem quem lhe ensinasse. Dizer naquella epocha que o alfaiate devia estudar o desenho para assim mais facilmente saber cortar uma roupa; dizer n'aquelle tempo que um confeiteiro, que soubesse desenhar, melhor ornamentaria um castello de dôces: dizer em tão retrogada sociedade que o estudo do desenho desperta o amor ao bello pelo conhecimento das fôrmas, da combinação das linhas e da proporção do todo, era o mesmo que dizer que o *«mundo não era mundo»*.

Fundado o Lycêo, abertas as suas aulas e iniciado, entre nós, o ensino do desenho a todos quantos procuravam aprendel-o, comprehendeu-se então que, além de um conhecimento valjoso, o alumno, longe de ser prejudicado no estudo das demais materias, adquiria um sensível espirito de observação

e de methodo, e um indiscutivel desenvolvimento das faculdades intellectuaes.

Por outro lado, muitos individuos, cujos instinctos artisticos estavam adormecidos devido á falta de estimulo, revelavam-se verdadeiras vocações para a Arte e, desviando suas aspirações do functionalismo, buscavam nas Bellas-Artes meio honesto de vida. Operarios das nossas industrias, até então rudes machinas executoras de detestaveis cópias do que o estrangeiro nos enviava a troco de preços carissimos, de subito se salientavam em suas officinas graças ao que tinham aprendido nas aulas do Lycêo.

A evidencia do facto, a sua indiscutivel constatação e, o que é mais, o silencio dos que anteriormente haviam combatido a missão da novel instituição, venceram as vacillações os receios dos timidos, os temores da rotina e os esforços dos despeitados.

Exgotados e vencidos os rotineiros argumentos contra a vida do Lycêo, surgiram então novos adversarios que—diziam elles— não guerreavam o Lycêo pelo Lycêo, mas sim como *um adversario*, um concorrente ás glorias da Academia de Bellas-Artes.

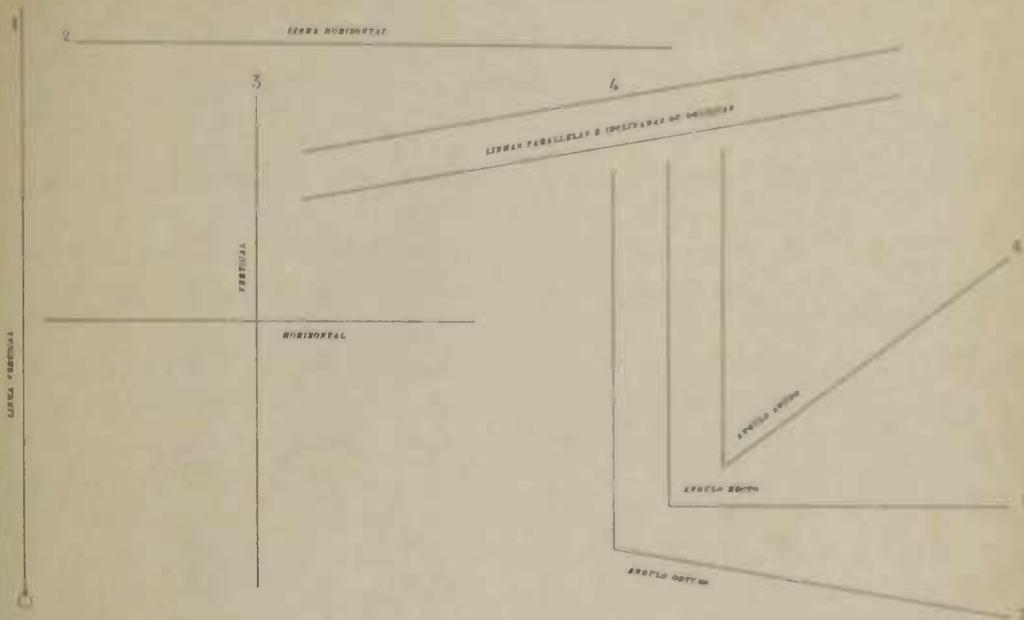
Ridiculos cavalleiros de irrisoria cruzada só conseguiram, dentro em pouco, ter para narradores de seus feitos as carpideiras das derrotas, dos insuccessos e das retiradas em debandada.

O progresso invadira o paiz, e os espiritos libertos do *carrancismo* não mais prestaram ouvidos ás lamentações e aos pruridos artisticos de taes *crocodilos*. O jornalismo transformara-se, os homens de letras occupavam-se já de cousas relativas á Arte e a intellectualidade da nova geração não mais se entibiava com os rugidos dos leões sendeiros.

Ouçamos, por exemplo, o que escrevia, em 1879, o saudoso Felix Ferreira :




  
 SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS ARTES



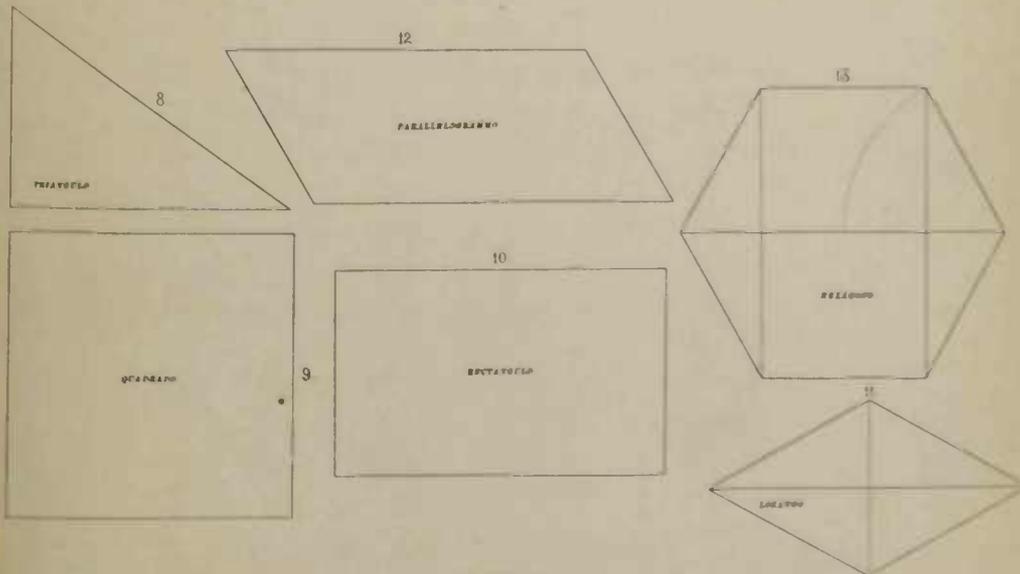
1ª ESTAMPA

As linhas vertical e horizontal são a base em que se apoia o desenhista para reconhecer o dentro das linhas. São estas direções normais.

V. HENRIQUE DA SILVA OPI.

Figura 101


  
 SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS ARTES



2ª ESTAMPA

V. HENRIQUE DA SILVA OPI.

Figura 102



« Ha entre uma e outra instituição grande differença que  
« cumpre, antes de tudo, estabelecer, para que se possa, dis-  
« criminando esta d'aquella, aquilatar o valor intrinseco do  
« Lycêo, de cujo progresso depende, mesmo em grande parte,  
« o florescimento da Academia.

« A Academia das Bellas Artes é a escola superior do es-  
« tudo da arte levada ao seu maior gráu de perfeição, á su-  
« premacia das faculdades do entendimento como essencia e  
« como fim.

« A pintura, a architectura e a estatuaria ali, são ensina-  
« das, desde os seus mais simples rudimentos até as mais pres-  
« cindiveis regras da philosophia do bello, desde o mais in-  
« significante traço até o mais aprimorado lavor.

« O apprendizado da arte não é ali feito tão sómente para  
« o exercicio de uma profissão honesta e aceiada, mas espe-  
« cialmente para o desempenho de um sacerdocio augusto e  
« grandioso. Não basta, por isso, áquelles que se dedicam  
« ao seu cultivo habilidade e bôa vontade, é necessario ter  
« talento, espirito elevado e sobre tudo vocação decidida.

« O Lycêo de Artes e Officios, ao contrario, é uma es-  
« cola rudimentar da arte applicada ás differentes ramificações  
« da industria fabril e manufactureira, ao trabalho indispen-  
« vel á existencia da sociedade civilisada.

« A arithmetica, a algebra, a geometria, a chimica, a phy-  
« sica, o desenho de figura, o de ornatos e o de machinas,  
« são ali ensinados com applicação aos officios e ás profissões  
« industriaes.

« A aprendizagem das bellas artes não é ali feita para o  
« exercicio da mesma arte propriamente dita, mas para o aper-  
« feiçoamento dos officios de carpinteiro, pedreiro, canteiro,  
« torneiro, ourives, estucador, marceneiro, etc., e das indus-  
« trias fabris de tapeçaria, louça, armas, chitas, papeis pinta-  
« dos, etc.

« Da Academia das Bellas Artes sahem os architectos dos  
« edificios monumentaes, os pintores dos paineis e os estatua-  
« rios. Do Lycêo de Artes e Officios sahem os constructores  
« navaes e urbanos, os mestres carpinteiros e pedreiros, os  
« desenhistas de fabricas, pintores de louça, gravadores em  
« madeira, fundidores e modeladores, em gesso, em bronze e  
ferro.

« A Academia das Bellas Artes é a alta escola da aristo-  
« cracia do talento ; o Lycêo de Artes e Officios é a util  
« officina das intelligencias modestas.

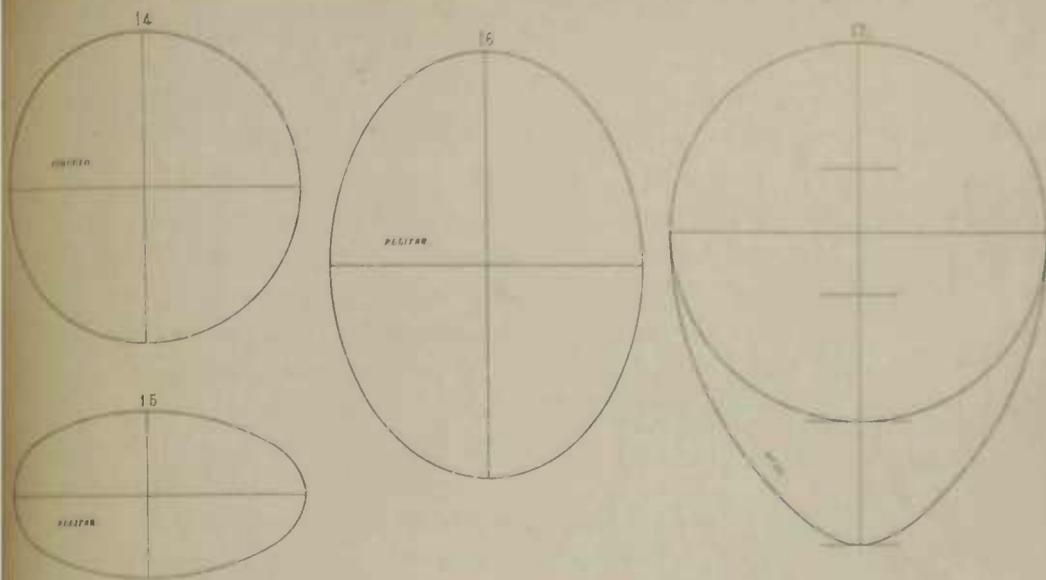
« Discipulos de academias foram : Ingres, o pintor ; Chris-  
« tovão Wren, o architecto ; Patrick, o estatuario ; aprendizes  
« de Lycêos foram : Froment Maurice, o cinzelador ; Four-  
« dinois, o marceneiro ; Hekert, o ceramico.

A Inglaterra, a França, a Allemanha e os Estados-Uni-  
dos, e todas as nações de igual quilate, têm Academias para  
o ensino apurado das bellas artes e Lycêos para o das suas  
« applicações ás industrias e aos officios.»

Quem, depois dessas palavras, ousaria insistir no erro e  
na impatriotica campanha contra o Lycêo e o ensino do de-  
senho? Como que despertando de um máo sonho, o paiz viu  
o atrazo em que se achava e procurou reformar a instrucção  
publica, introduzindo nos programmas escolares o ensino do  
desenho.

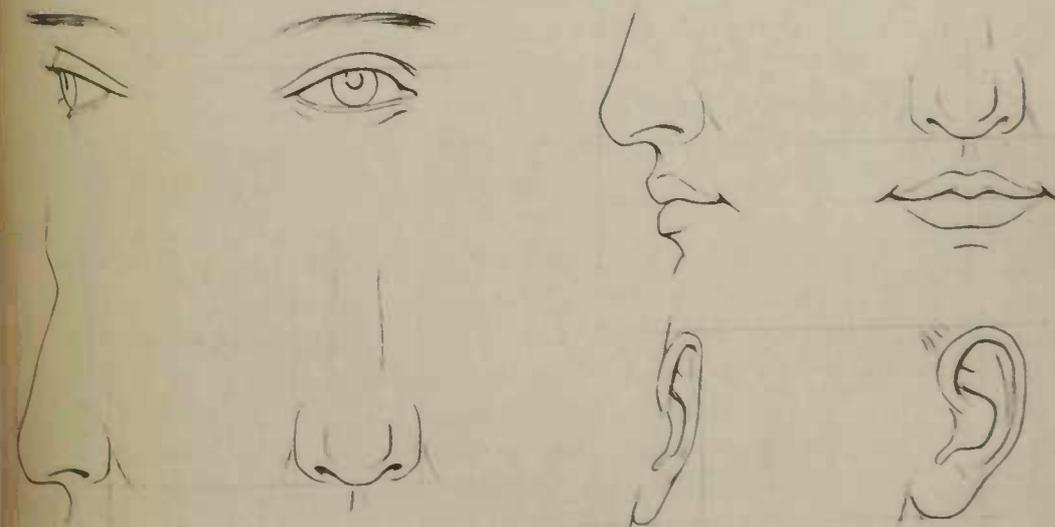
Já outros paizès, os Estados-Unidos, a Inglaterra, a  
Belgica e a França, colhiam ha muito os fructos da introducção  
em suas escolas primarias do ensino do desenho quando, no  
Brazil, pouco a pouco, lentamente, foi generalisando-se o seu  
estudo. Certo, nem todos podem ter vocações artisticas, mas  
o que é verdade é que qualquer individuo póde e deve ter  
algumas noções do desenho, quando mais não seja, como meio  
de saber amar o Bello, estimar as Artes, differenciar o ruim  
do bom e até como auxiliar valioso de qualquer profissão a  
que se dedique como meio de subsistencia.

INSTITUTO DE ARTES E OFFÍCIOS  
DA  
SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS ARTES



5. ESTAMPA

INSTITUTO DE ARTES E OFFÍCIOS  
DA  
SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS ARTES



6. ESTAMPA



Não faltam exemplos : o commerciante, por hypothese, que tiver em seu estabelecimento objectos artisticamente manufacturados, ou mesmo que saiba armar com arte uma vitrine cuja simples vista agrade e impressione bem ao publico, certamente, attrahirá maior freguezia que o seu visinho que, sem conhecimento do desenho e sem noção do Bello, armazene mercadorias de máo gosto ou entulhe, sem nexo, as suas montras.

O academico de medicina que souber desenhar levará, no estudo de anatomia, enormes vantagens sobre os seus collegas ignorantes dos segredos do desenho.

A dona de casa que souber desenho mais facilmente captivará o esposo ; uma simples flôr bem collocada no cabello, um guardanapo bem dobrado, uma mesa de jantar bem ornamentada, e até mesmo, um vestidinho de criança bem cortado e elegantemente enfeitado constituem uma encantadora maneira de prender o esposo e pae, acostumando-o ao conforto, ao bello e ao *chic* de sua casa.

A creança, que aprende o desenho na escola, torna-se um ente adoravel quando, ao envez de soltar *papagaios* ou de atirar pedras aos passarinhos, mostra entre sorrisos e beijos ao *papae*, que chega do trabalho, uma casinha, um gatinho e um cãozinho desenhado com algum sentimento de verdade.

Deixando em paz o individuo e passando á collectividade, diremos que, sem a generalisação do desenho, nenhum paiz poderá attingir ao poderio e á opulencia das grandes nações.

E' pela producção artistica e industrial que se armazenam os *milhões* que a industria da guerra consome dos povos ; aos artistas que, em troca de milhares de *dollars*, centenas de mil réis ou de dezenas de *sous*, trocam as suas telas, as suas esculpturas, os seus planos architectonicos e as suas gravuras ; aos industriaes que derramam por todo o mundo, aos milhões, os seus productos, bem acabados, artisticamente concebidos

e intelligentemente manufacturados ; aos operarios que, enclosurados, dia e noite em suas modestas officinas e tendas, aperfeiçoam um producto — as vezes um alfinete — tornando-o mais util, mais barato e mais elegante ; a elles devem a França, a Inglaterra, a Italia, a Allemanha, a Belgica, os Estados-Unidos, a Austria e tantos outros paizes a sua grandeza, prosperidade e riqueza.

E tudo isso devido a que ?

Unica e exclusivamente ao desenho, á influencia que o seu conhecimento exerce na industria e no inter-cambio dos productos dos diversos paizes.

Sim — dirão os que, ultimos *sarracenos* da rotina, querem sempre crear alguma duvida, alguma objecção ao indiscutivel — tudo isso é muito bonito, mas é muito difficil a aprendizagem do desenho.

Prompta e rapida resposta lhes daremos: mais difficil é a um analphabeto aprender a conhecer as vinte e seis letras do alphabeto, a formar as syllabas, a soletrar e por fim a lêr e escrever, e não ha quem propugne pelo analphabetismo; mais difficil é o estudo do grego e do latim e, nem por isso, essas materias deixam de ser obrigatorias para o bacharelado em letras, mais difficil é a mechanica e, sem o seu estudo, não se formam os engenheiros civis; mais difficil é vencer o preconceito, a teimosia e o scepticismo, e nem por isso a humanidade tem deixado de progredir, de engrandecer-se pela Arte e pela Sciencia. Para tudo é necessario um determinado esforço e uma certa persistencia, e ao desenho não poderia ficar reservada a ingloria missão de ser a unica disciplina aberta aos voluveis, aos inconstantes e aos preguiçosos.

O que é razoavelmente discutivel, é o methodo de ensino. O individuo A póde não aprender pelo mesmo methodo que o individuo B, mas conseguirá, infallivelmente, vencer as difficuldades encontradas desde que um processo mais suave, mais consentaneo e mais intelligente lhe fôr facultado. Isso não



INSTITUTO DE ARTES E OFFICIOS  
 DA  
 SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS ARTES



METRIKON DA CABEÇA

D. ESTAMPA

A cabeça divide-se em quatro partes iguaes: a 1ª comprehendendo a altura da cabeça ao principio da testa; a 2ª comprehendendo a orelha; a 3ª a orelha até o nariz; e a 4ª a orelha até o queixo. A altura da cabeça divide-se em 10 partes iguaes: a 1ª a altura da testa até a linha da orelha; a 2ª a altura da orelha até a linha da orelha; a 3ª a altura da orelha até a linha da orelha; a 4ª a altura da orelha até a linha da orelha; a 5ª a altura da orelha até a linha da orelha; a 6ª a altura da orelha até a linha da orelha; a 7ª a altura da orelha até a linha da orelha; a 8ª a altura da orelha até a linha da orelha; a 9ª a altura da orelha até a linha da orelha; e a 10ª a altura da orelha até a linha da orelha.

INSTITUTO DE ARTES E OFFICIOS  
 DA  
 SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS ARTES



D. ESTAMPA



quer dizer que, para cada individuo aprender desenho, haja necessidade de inventar ou descobrir um methodo especial. Não; para isso é que serve a observação e o criterio dos mestres.

Foi assim pensando que—após alguns annos de experiencias e tentativas feitas em suas aulas de desenho, frequentadas por centenas de individuos de todas as classes sociaes, de todas as idades e de todas as nacionalidades — a direcção do Lyceô encarregou o saudoso professor Victor Meirelles de Lima, uma das mais fortes glorias da Arte Nacional, de organizar um methodo que a todos facilitasse a aprendizagem dos principios elementares do desenho.

O Sr. Victor Meirelles, (que durante longo tempo vivera na Europa, onde estudara o ensino do desenho), longe de plagiar ou de seguir, com ligeiras modificações, qualquer dos methodos usados nas escolas europeas, ideou e desenhou diversas estampas que, progressivamente, vão dando ao alumno conhecimento das principaes regras do desenho, ao mesmo tempo que o vão habituando a ver e a distinguir não só as linhas rectas em sua simplicidade e na formação das figuras rectilíneas, como tambem as linhas curvas e a sua influencia na figura humana, as sombras, as projecções etc.

São dez as estampas : — a primeira ensina a traçar a linha vertical, a linha horizontal, a obliqua, as linhas paralelas, os angulos agudo, recto e obtuso ; — a segunda desenha um triangulo, um quadrado, um rectangulo, um parallelogrammo, um lozango e um hexágono ; — a terceira ensina a desenhar as curvas, o circulo, a ellipse e o oval no qual já vêm ligeiramente demarcadas as linhas da cabeça humana ; (\*) — a quarta esboça os olhos, o nariz, as orelhas e a bocca humana ; — a quinta ensina a dividir a cabeça humana, em quatro partes, e mostra duas cabeças humanas, uma de perfil e outra de frente ; — a

---

(\*) A actual quarta estampa foi desenhada pelo artista Sr. Valle.

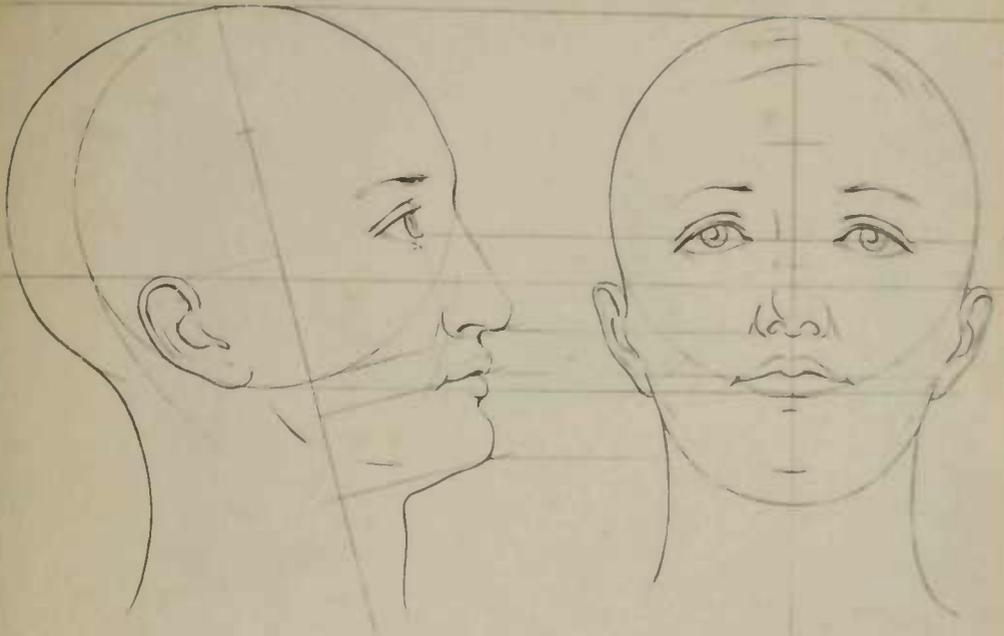
sexta apresenta um perfil da cabeça inclinada para baixo e outra de frente também voltada para mesma direção ;—a sétima estampa occupa-se ainda da cabeça humana, tendo uma olhando para cima e vista de frente e outra na mesma direção mas vista de perfil ;—a oitava estampa é uma escala chromatica de claro-escuro, applicada ás figuras rectilineas ;—a nona expõe suavemente a theoria das sombras, applicada aos solidos compostos de superficies planas ;—a decima estampa, finalmente, applica a theoria das sombras aos corpos formados por uma ou mais superficies curvas. Um cylindro, uma esphera e um cône, illuminados por uma luz convencional, habituan o alumno a reproduzir os effeitos de luz que, por si só, elle não poderia bem interpretar.

O alumno percorre os differentes grãos do ensino elementar do desenho, quasi sem sentir a evolução artistica que no seu espirito vae se fazendo. Elle, que antes olhava com desdenhosa indifferença a simplicidade da primeira estampa, ao concluir o seu tirocinio na aula de desenho elementar tem consigo a noção clara de que o desenho é um estudo raccional e proveitoso. A careta monstruosa e feia que elle por desfastio, ás vezes, desenhara outróra nas paredes da casa, n'uma folha de papel ou na capa de um livro, é agora substituida por uma phisionomia humana proporcionada e bem acabada. No seu espirito nasceram noções, que elle antigamente reputava incomprehensíveis e inuteis. Uma certa ambição de attingir á um mais elevado gráo na perfectibilidade sublime da Arte domina o seu espirito já educado no culto do Bello.

F. DA SILVA.

(*Continúa.*)

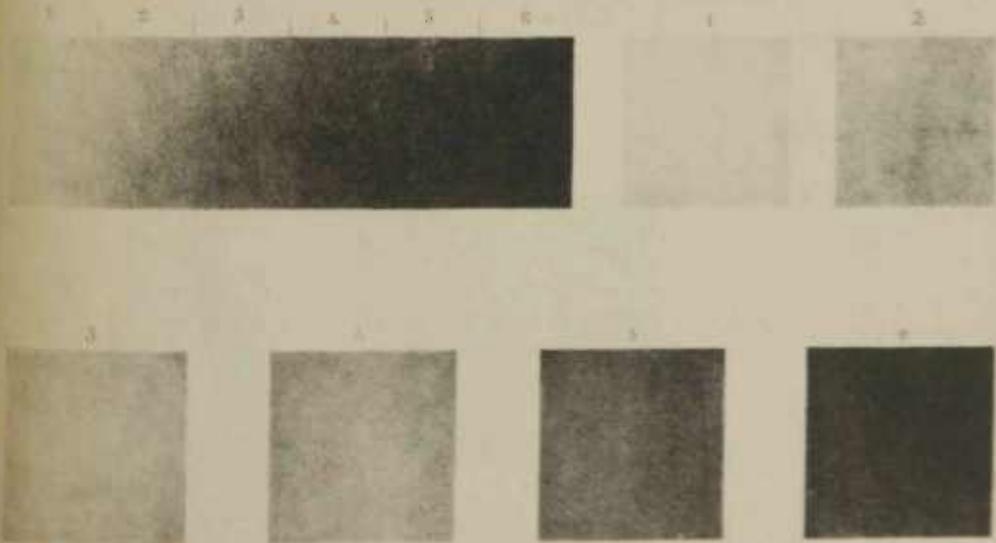
ESCOLA DE ARTES E OFFICIOS  
 DA  
 SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS ARTES



7. ESTAMPA

A cabeça e o rosto para cima e vista de frente, medida-se em sentido vertical da parte superior para inferior, e em sentido horizontal da parte da frente para a parte de trás e para a esquerda e para a direita. A cabeça e o rosto para a esquerda e para a direita, medida-se em sentido horizontal da parte da frente para a parte de trás, e em sentido vertical da parte superior para inferior. A cabeça e o rosto para a frente e para a esquerda e para a direita, medida-se em sentido horizontal da parte da frente para a parte de trás, e em sentido vertical da parte superior para inferior. A cabeça e o rosto para a frente e para a esquerda e para a direita, medida-se em sentido horizontal da parte da frente para a parte de trás, e em sentido vertical da parte superior para inferior.

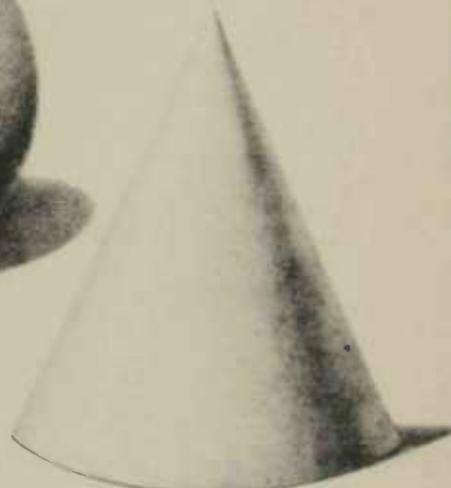
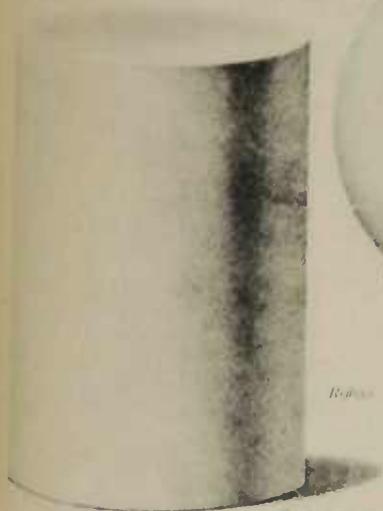
ESCOLA DE ARTES E OFFICIOS  
 DA  
 SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS ARTES





EXCEU DE ARTES E OFFICIOS  
 SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS ARTES

Massa de sombra



Reflexo

Alcunha perspectiva

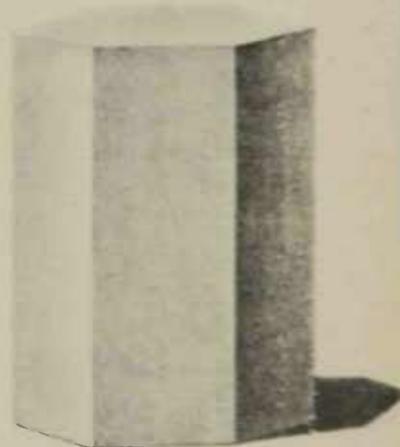
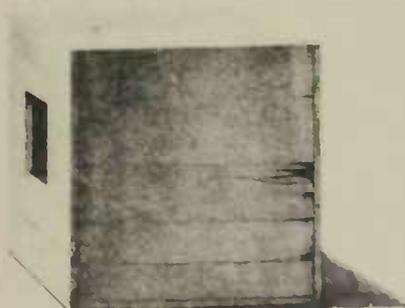
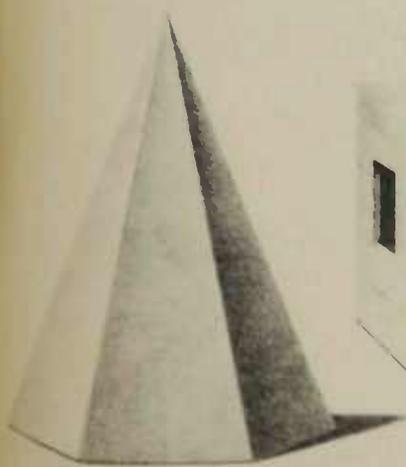
Forma de sombra em ângulo de 45°

Alcunha de sombra de um objeto de 45°

10. ESTAMPA

Este livro é propriedade da sociedade... e não pode ser vendido, alugado, emprestado, ou de qualquer modo cedido a terceiros sem a autorização expressa da sociedade... e a quem infringir esta disposição será considerado culpado e punido de acordo com as leis em vigor.

EXCEU DE ARTES E OFFICIOS  
 SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS ARTES









## Notas e Noticias

---

A ESTATUA A D. PEDRO II. — Em Petropolis, a cidade serrana, inaugurou-se, a 5 de Fevereiro do corrente anno, uma estatua a D. Pedro II. Carinhosa demonstração ao eminente patricio que, durante quasi meio seculo governou, com esforçado empenho, paternal bondade e indiscutivel honestidade, a nação brasileira, teve ella o concurso mais sincero do elemento popular e das auctoridades da Republica. Obra do escultor francez Jean Magrou é um monumento encantador pela sua naturalidade. D. Pedro II, já encaecido, está sentado numa cadeira tendo a face apoiada na mão esquerda, emquanto a direita segura um livro semi-aberto. A attitude de reflexão, habitual no saudoso monarcha e o livro representativo do seu amor ao estudo, dão a estatua uma significação perfeita do character do homem que representa. A estatua está collocada sobre um pedestal, desenho do architecto francez Felix Debat, em cuja face principal ha apenas os seguintes dizeres : Dom Pedro II — 2 de Dezembro de 1825 — 5 de Dezembro de 1891 —.

Receba a Comissão Executiva do Monumento, e de que foi presidente o Sr. Conde de Affonso Celso, os mais sinceros parabens pela honesta homenagem prestada a D. Pedro II.

\* \* \*

MAUSOLÉO DO DR. AFFONSO PENNA. — No concurso ultimamente feito, para a construcção do mausoléu do Conselheiro Affonso Augusto Moreira Penna, fallecido presidente da Republica, foi escolhido, pela commissão julgadora, o projecto do Sr. Belmiro de Almeida, conhecido pintor que, pela primeira vez, se apresentou como esculptor. Sem nos immiscuir na celeuma que tal escolha levantou no mundo artistico nacional, devemos entretanto salientar que o Sr. Belmiro não é o primeiro artista pintor que, de um momento para outro, resolve vencer as difficuldades da estatuaría.

Os Srs. Eduardo de Sá e Decio Villares, mais conhecidos pelas suas qualidades de artistas pintores, já fizeram, o primeiro aqui e o segundo no Rio Grande, dous monumentos esculpturaes. Referimo-nos ás estatuas de Floriano Peixoto e Julio de Castilhos.

\* \* \*

O PINTOR HESPAÑHOL JOSÉ VILLEGAS: — O Museu de Buffalo, Estados Unidos—adquiriu, para suas galerias e pelo preço de 100 mil francos, o quadro de D. José Villegas «*Murió el Maestro.*»

José Villegas, actual director do Museu del Prado, em Madrid, nasceu em Sevilha. Aos vinte annos, depois de curta demora em Madrid, foi para Roma, onde se fez artista e conseguiu popularisar o seu pincel. Em 1892 deixou Roma para, a convite do Governo hespanhol, se encarregar da direcção do Museu del Prado. Alguns quadros seus têm obtido elevados preços: «*La paz social*» e «*La fiesta de las Marias*»

foram adquiridos por 85 mil francos, o «*Bautizo*» por 150 mil francos, «*La Muerte del maestro*» por 40 mil marcos, *El Domingo de Ramos* por 20 mil marcos e *El triunfo de la Dogaresa* por 22 mil dollars. Os museus de Weimar, Stokolmo, Christiania, Munich, Berlim, Haya, Budapest, New-York, Buffalo, Florença, Barcellona, São Sebastião e Madrid ostentam em suas colleções verdadeiras obras primas de Villegas.

\* \* \*

JUAN DIFFRE :—O emerito artista Juan Diffre, nascido embora em Chambéry, França, é o artista que mais traduz a alma e o sentir de Tolosa, sua patria adoptiva.

Tendo ido creança ainda para Tolosa, ahi fez os seus primeiros estudos artisticos na Escola Municipal de Bellas-Artes.

Tolosa conferiu-lhe o premio de viagem a Paris, Diffre e como pensionista hespanhol, continuou na capital da França os seus estudos no atelier de Raphael Collin.

Voltando a Hespanha, apaixonou-se pelos espetaculos de corridas de touros, graças a affectuosa amizade que o unia a Maggentini, e, assim influenciado, consagrou apaixonadamente, a taes assumptos, o seu talento de artista pintor e esculptor. Os seus quadros mais conhecidos e reputados são : *Retrato de Mazzantini*, *La diversion de um torero*, *Toro entre barreras*, e *Antes de la Corrida*.

Como esculptor as suas melhores obras são : *Cabeza de de aragonez*, *Busto de Agujetas* e *El Picador*.

\* \* \*

BIBLIOTHECA POPULAR :— A Sociedade Propagadora das Bellas-Artes reabriu a 14 do corrente a *Bibliotheca Popular*, que fundára em 14 de Março de 1888.

Destruida pelo incendio do edificio do Lycêo, em 26 de Fevereiro de 1893, a *Bibliotheca Popular*, agora franqueada ao

publico, diariamente, das 6 da tarde ás 9 1/2 da noite, prestará certamente bons serviços á nossa mocidade estudiosa.

Possuindo, embora, obras referentes a todos os generos de litteratura, a nossa bibliotheca é, como não poderia deixar de ser, especialmente dedicada ás Bellas-Artes.

A maior parte dos seus oito mil volumes é constituida por obras que tratam de assumptos artisticos: historia da arte, esthetica, estampas, desenhos, cópias de quadros, de esculpturas de edificios, critica, revistas estrangeiras e nacionaes, ornamentações e decorações, etc.

A frequencia do publico nos primeiros dias de seu funcionamento, tem excedido, felizmente, ás nossas expectativas.

\*.\* Descobriu-se recentemente na Italia uma obra prima de J. B. Greuze. E' o retrato de um menino e esse menino não é outro senão Mozart em 1766.

\*.\* Observou-se ultimamente que os maravilhosos *a fresco* de Tiepolo, do palacio de Labia, em Veneza, *A chegada de Marco Antonio e o Banquete de Cleopatra*, estavam deteriorando-se.

O Sr. Orifice, proprietario do palacio, encarregou o professor Cavenaghi de estudar os meios de salvar aquellas obras primas.

\*.\* O grande artista piemontez Paulo Gaidano, professor de pintura na Academia Albertina de Bellas-Artes, em Turim, já concluiu a decoração *a fresco* da sala de honra do Instituto da Obra Pia de S. Paulo, em Turim.

São cinco os *a fresco*: *La donazione*, *La carità*, *Il duca Carlos Emanuele III de Savoia accetta l'amministrazione del « Monte della Fede »*, *I poveri vergognosi* e *L'instruzione gratuita*, e todas ellas impressionam encantadoramente o observador, pela perfeição do desenho, harmonia do conjunto e sobretudo pelo vigor dos effeitos de luz e colorido.

\*.\* A' Sociedade de Geographia de Lisboa foi apresentado o projecto definitivo do concurso a abrir-se entre os

artistas portuguezes, para a construcção do Monumento ao Marquez de Pombal.

\*\*\* A Hollanda deve commemorar este anno o segundo centenário da morte de Gerard de Lairese, pintor academico e gravador aprimorado. Nasceu Lairese em Liège em 1641 e morreu em Amsterdam em 1711. Suas obras mais notaveis são : *Festim de Cleopatra, Instituição da Eucharestia, Hercules entre o vicio e a virtude, Triumpho de Paulo Emilio, Martyrio de Santa Ursula, Baptismo, Penitencia de Santo Agostinho*, etc. Tendo ficado cego em 1690, Lairese consagrou-se inteiramente á litteratura artistica, escrevendo então as *Lições de pintura*, obra que só foi publicada depois de sua morte.

\*\*\* No concurso para o premio de viagem á Roma, feito em Pariz, no anno passado, obteve o primeiro lugar M.<sup>me</sup> Mauriaux, joven esculptora.

\*\* Por decreto n. 8.592, de 8 do corrente, foi approvado o regulamento para a concessão de isenção de direitos aduaneiros. Em uma das suas disposições é concedida isenção de quaesquer direitos para as obras de arte, de pintura e esculptura e semelhantes produzidas no estrangeiro por artistas nacionaes ; para as obras de igual natureza de autores estrangeiros, introduzidas por estabelecimentos de instrucção de bellas-artes, bem como as que possam contribuir para o progresso e desenvolvimento da arte nacional, e, que por se destinarem a locaes de franca visita, forem julgadas de utilidade immediata para estudo e modelo.

\*\*\* O Sr. General Prefeito do Districto Federal, por decreto n. 824, de 16 do corrente, rescindiu o contracto que, para exploração do Theatro Municipal, assignára a Prefeitura com o empresario Guilherme da Rosa, mais tarde transferido para o Sr. Carlos Gomes Fernandes. Devido a falta de espaço adiaremos para o nosso proximo numero os commentarios sobre a não execução do contracto, limitando-nos, por agora, a felicitar ao Sr. Prefeito do Districto pelo seu acto de justiça.

NECROLOGIO

O ESCULTOR HESPAÑHOL CYPRIANO FOLGUERAS :—Falleceu em Madrid, a 17 de Janeiro do corrente anno, o escultor hespanhol Cypriano Folgueras, nascido na provincia de Asturias. Deixa diversas esculpturas, entre as quaes podemos notar as seguintes: *Las cosquillas*, *Los primeros pendientes*, *El sacamuelas*, o monumento a Villamil, o grupo decorativo do pedestal do monumento a D. Affonso XII, a estatua de Pelayo, o Sepulchro do cardeal Gonzalez, etc.

\*  
\*\*

O PINTOR ITALIANO VITTORIO ARONDO :— Em Turim falleceu, a 15 de Dezembro do anno passado, o notavel paysagista Vittorio Arondo, nascido em 1836.

Dedicando-se á pintura estudou em Genebra sob a direcção de Calama, e, mais tarde, em Pariz e em Roma. Entretanto a arte de Arondo não ficou subordinada a qualquer escola. Os seus quadros representam o seu modo de sentir atravez a sua alma delicada e harmonica.

\*  
\*\*

O PINTOR AMERICANO JOHN LA FARGE :—Em Dezembro do anno passado falleceu o pintor John La Farge, um dos mais estimados pintores norte-americanos. Tornado célebre pela decoração da igreja da Trindade, em Boston, elle foi, na America do Norte, o verdadeiro renovador da pintura nos *vitreaux*. Além de pintor, La Farge, foi litterato, tendo as suas *Lettres du Japon* confirmado os seus fóros de bom escriptor.

O COMPOSITOR FRANCEZ ALEXANDRE CARLOS LECOQ : —  
 Falleceu, a 4 do corrente, em Paris, o compositor francez Alexandre Carlos Lecocq. Nascido em Paris, em 1838, Lecocq foi o continuador das glorias de Offenbach. Alumno laureado do Conservatorio de Paris, Lecocq consagrando-se á opereta, conseguiu ser, graças á fecundidade, gôsto e estylo de sua musica, um dos mais conhecidos e populares musicistas do seu tempo. *Le Docteur Miracle, La Fille de Madame Angot, Giroflé-Girofla. Le cœur et la main, Ali-Babá, La belle au bois dormant*, e tantas outras operetas, são verdadeiros primores da arte musical franceza.



D. MARIA DE CUADRAS DE MORALES DE LOS RIOS : —  
 Temos infelizmente que registrar o doloroso fallecimento dessa Exma. senhora, esposa do nosso prezado collaborador Dr. Adolpho Morales de los Rios. Senhora estimadissima na nossa alta sociedade, pelos seus bellissimos dotes de esposa e mãe, D. Maria Morales de los Rios, nascida na Hespanha e fallecida, nesta cidade, a 7 do corrente, era uma verdadeira artista na mais ampla significação da palavra.

Aquarelista emerita, della guarda sua Exma. familia diversos trabalhos que, sem favor, são verdadeiros primores.



GONZAGA DUQUE :— Luiz Gonzaga Duque Estrada nasceu, nesta capital, a 21 de Junho de 1863 e falleceu a 8 de Março corrente. Alma de artista, Gonzaga Duque era um admiravel pinzelador da palavra e um critico d'arte—sem odios nem paixões.

Dedicara-se na sua mocidade ao estudo da pintura e d'ahi o fino tino, que possuia de observador seguro e preciso. Escriptor operoso deixa entre outras, as seguintes obras rela-

tivas á Arte: *Graves e frivolos, Arte brasileira, Contemporaneos*, (no prelo), etc.

Amando o trabalho e a Arte fundou a *Rio Revista* (1896), *Galaxia* (1897) e *Mercurio* (1901) e assiduamente collaborou na *Renascença, Kosmos, Fon-Fon, ! Careta* e muitas outras.

Espirito bom e generoso, Gonzaga Duque nunca negou o seu auxilio para qualquer tentativa em prol da Arte.

Ainda em Fevereiro ultimo, convidado a collaborar na nossa revista, escrevia elle a um dos nossos redactores: —  
*« ... acabo de entrar n'uma ephêmera convalescença — a arterio-sclerose declarou-se no meu organismo e ha tres mezes que a medicina lucta por me livrar das garras de uma morte inevitavel. Se as melhoras se accentuarem, como espera o meu medico, e eu tiver forças, será o meu primeiro cuidado escrever alguma cousa para o Brazil Artistico pois, para mim, particularmente, será prazer collaborar n'uma verdadeira revista de Arte, que é o que nos falta... »*

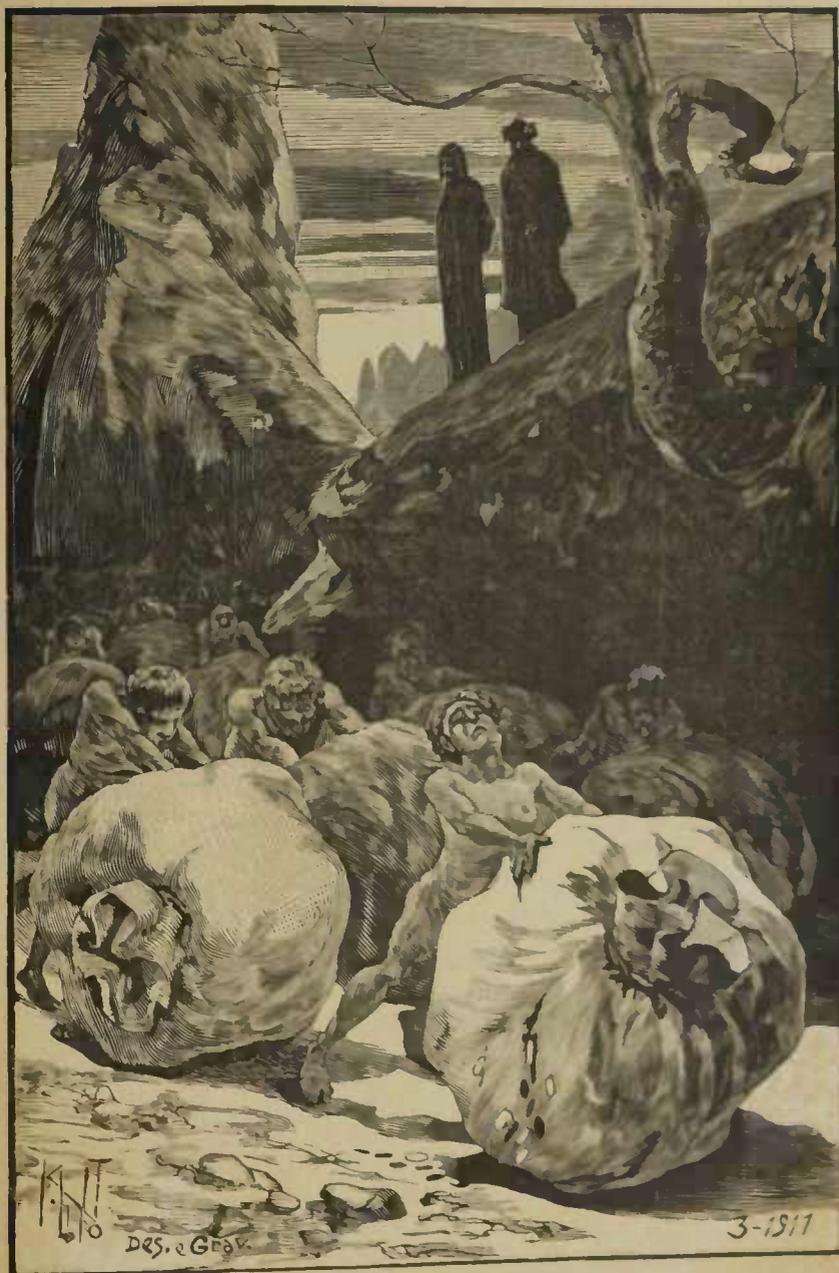
Em toda a carta nem uma queixa, nem uma palavra que traduzisse uma revolta contra o mal que lentamente o consumia.

Privados, pela morte, do seu concurso entusiastico, forte e valoroso, deviamos ao seu espirito esta sincera expressao da nossa immorredoura saudade.

THEZOURA.



# OS AVARENTOS

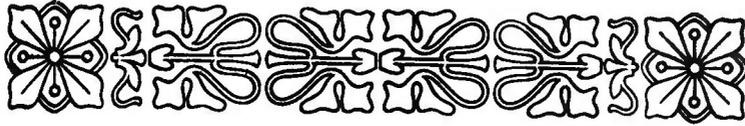


Desenho e xylographia  
de  
Calisto Cordeiro.

Almas em pé, nunca vistas de antes,  
Furtas de um lado e de outro, em grãa impetuosa,  
Rolavam com seus pesos afegados.

(DANTE. — Inferno. — Canto VII.)





## INSTRUCCÃO PUBLICA

---

O EXCESSO DA UTILISAÇÃO DOS ORGÃOS VISUAES : — O Dr. F. Park Lewis estudando os systemas de educação, hoje, em uso, na America do Norte, chegou á conclusão de sua absoluta inconveniencia :

« Nas nossas escolas se abusa dos olhos das crianças » eis a opinião do notavel oculista americano. Com os methodos pedagogicos hodiernos os estudantes são obrigados a fixar os olhos sobre as paginas dos livros durante 6 a 8 horas por dia, o que absolutamente é assáz demasiado. Os olhos cansam-se, a vista enfraquece-se e deteriora-se. O uso de oculos é um paliativo, não um remedio.

As associações operarias limitam o dia de trabalho a oito horas, e nós obrigamos as nossas crianças, no periodo da formação do organismo, a ter em exercicio o mais vital e mais impressionavel dos seus órgãos durante oito horas de trabalho e ás vezes mais. Os olhos das crianças não podem sustentar sem damno esse esforço prolongado.

O estudo por meio dos livros deve ser, na medida do possivel, substituido pela observação directa das cousas e pela sua descripção feita pelos mestres. Assim a comprehensão se tornará mais facil e será evitado o excessivo esgotamento da

vista. Alguns annos atraz, recorda o Dr. Park Lewis, uma commissão de medicos e de oculistas foi encarregada de fazer uma inspecção nas escolas de New-York afim de verificar as condições visuaes dos alumnos.

Os resultados foram desastrosos, e a commissão salientou a necessidade de crear uma inspecção medico-oculistica permanente sobre os trabalhos escolares, com exames periodicos das condições visuaes dos estudantes e suggeriu diversas medidas relativas ao papel e caracteres typographicos dos livros escolares, á posição dos estudantes durante a leitura e a illuminação mais conveniente.

\*.\*

REFORMA DA INSTRUCCÃO PUBLICA NO ESTADO DO RIO:—  
Em Fevereiro ultimo foi reformada, mais uma vez, a instrucção publica no Estado do Rio. As escolas elementares foram fixadas em numero de 340 e as complementares em numero de 25.

As escolas elementares ficaram assim distribuidas pelos diversos municipios: 7 em Angra dos Reis, 3 em Araruama, 10 em Barra Mansa, 10 em Barra do Pirahy, 5 em Barra de São João, 3 em Bom Jardim, 5 em Capivary, 35 em Campos, 3 em Cabo Frio, 7 em Cantagallo, 4 em Carmo, 4 em Duas Barras, 12 em Iguassú, 6 em Itaocára, 5 em Itaguahy, 12 em Itaborahy, 10 em Itaperuna, 5 em Monte Verde, 9 em Macahé, 8 em Magé, 4 em Mangaratiba, 6 em Maricá, 12 em Nictheroy, 3 em Nova Friburgo, 12 na Parahyba do Sul, 2 em Paraty, 5 em Pirahy, 10 em Petropolis, 9 em Rezende, 7 em Rio Bonito, 2 em Rio Claro, 5 em Sant'Anna de Japuhya, 8 em Santo Antonio de Padua, 5 em Sapucaia, 5 em Saquarema, 5 em S. Fidelis, 5 em S. Francisco de Paula, 7 em S. João da Barra, 20 em S. Gonçalo, 1 em S. João Marcos, 5 em Santa Maria Magdalena, 3 em S. Pedro d'Aldeia, 3 em São Sebastião do Alto, 2 em Sumidouro, 4 em Santa Thereza, 9 em Valença e 16 em Vassouras.

As escolas complementares foram assim distribuidas :

10 em Nictheroy, 3 em Campos, 1 em Macahé, 2 em Nova Friburgo, 1 em S. Fidelis, 1 em Barra Mansa, 1 em Valença, 1 em Vassouras, 2 em Rezende, 2 em Petropolis, e 1 em Barra do Pirahy.

\* \* \*

CONCURSO PARA UMA CADEIRA DE PROFESSOR : — Está aberta no Instituto Nacional de Surdos-Mudos, pelo prazo de tres mezes, a contar de 3 de Fevereiro proximo passado, a inscripção para o concurso da cadeira de desenho é modelagem.

Para que possa inscrever-se, deverá o candidato apresentar documento de ser cidadão brasileiro e estar no gozo de seus direitos civis e politicos e folha corrida de seu procedimento, passada pela autoridade competente.

Serão tres as provas do concurso : 1ª, prova escripta; 2ª, prova oral, 3ª, prova pratica.

\* \* \*

INSTITUTO SALEZIANO NO RIO DE JANEIRO.—E' por demais conhecido o serviço que, á instrucção publica, nos Estados do Rio, Pernambuco, Bahia, Sergipe e Matto-Grosso, têm prestado os salesianos. Animados, agora, pelo auxilio que o Congresso Nacional (graças a uma emenda pelo deputado carioca Sr. Bethencourt Filho apresentada no contracto das loterias) concedeu ao Instituto Saleziano do Districto Federal, vão elles estabelecer aqui diversas escolas profissionaes.

Será director do novo instituto o respeitavel sacerdote padre Luiz Zanchetta.

\* \* \* Abriram-se a 6 do corrente as matriculas para as aulas do Lycêo de Artes e Officios. A matricula, que é gratuita, independe de apresentação de requerimento ou de quaesquer certidões, bastando a simples apresentação do candidato e um summario exame de sufficiencia.

\*.\* A ultima regulamentação de isenção de direitos aduaneiros, a que já nos referimos nas *Notas e noticias artisticas*, mantem a isenção de todos os direitos para os livros e reactivos, modelos, moveis, machinas e em geral todos os objectos de material escolar destinados aos museus dos Estados e ás escolas superiores por elles mantidas ou destinados ao ensino publico em estabelecimentos de instrucção popular, exclusivamente gratuita, mantidas ou não pelo governo dos Estados ou por associação que possua edificio destinado a esse fim.

Ainda bem ; n'uma terra em que a porcentagem do analphabetismo é enorme, o fisco não deve constituir um insuperavel embaraço ao desenvolvimento da instrucção popular.

\*.\*

NECROLOGIO : Falleceu, no mez de Fevereiro proximo passado, o professor Dr. Marcio Nery, lente da Escola Nacional de Bellas-Artes.

F. J.



# EXPOSIÇÕES

---

AS EXPOSIÇÕES INTERNACIONAES: — A primeira exposição internacional foi organizada pela Inglaterra em 1851, em Londres. A exposição realizou-se no Palacio de Crystal e a ella compareceram quasi todos os paizes europeus. Pela primeira vez os grandes industriaes e os grandes productores reuniram-se em um grande prelio, verificando *de visu* os processos da industria mundial.

As tarifas foram modificadas em quasi todos os paizes no reciproco interesse da industria e, uma vez lançada a idéa dos concursos internacionaes, outras exposições a ella se seguiram. Pela ordem chronologica, citaremos as seguintes exposições internacionaes: 1855, Paris; 1862, Londres; 1867, Paris; 1873, Vienna; 1876, Philadelphia; 1878, Paris; 1879, Sidney; 1880, Melbourne; 1885, Anvers; 1889, Paris; 1893, Chicago; 1897, Bruxellas; 1898, Turim; 1900, Paris; 1904, S. Luiz; 1905, Liege; 1906, Milão e 1910 Bruxellas.

AS EXPOSIÇÕES INTERNACIONAES, NA ITALIA, EM 1911. *Turim-Roma-Florença*. Commemorando o quinquagesimo anniversario da proclamação do Reino da Italia realizam-se este anno na bella patria da Arte Latina tres exposições internacionaes, cada uma de seu genero.

Turim, Roma e Florença, n'um só esforço patriótico, agitam-se, trabalham e esforçam-se pelo brilhantismo de seus concursos internacionaes.

Turim, a princeza do Pó, ostentará em sua exposição as obras primas da industria e, em geral, toda e qualquer expressão correlativa á vida economica e civil.'

Por decreto do Governo Real a Exposição foi dividida nas seguintes classes: 1.º Protecção e Assistencia á Infancia — Educação e ensino — Escolas, Officinas e Laboratorios de Aperfeiçoamento — Exercicios Sportivos; 2.º Instrumentos, Apparelhos e Processos geraes para a Sciencia — Imprensa — Photographia — Livraria — Cartas e apparelhos de Geographia e de Cosmographia — Instrumentos de precisão — Meteorologia; 3.º: Mechanica geral — Machinas motrizes, hydraulicas, a vapor, de explosão — Transmissão — Instrumentos e machinas usuaes para o trabalho da madeira, do ferro etc.; 4.º: A Electricidade — Electrotechnica — Electrochimica — Telegraphia — Telephonia; 5.º: Meios de transporte — Estradas ordinarias — Ferro-vias — Filovia — Navegação maritima e fluvial — Navegação aerea — Serviço Postal — Pontes e estradas — Tunneis — Canaes etc.; 6.º: A industria Sportiva e Sports; 7.º: A cidade moderna — Edifícios publicos e particulares — Casas populares — Hospitales — Theatro etc. — Hygiene das habitações — Mobiliario e decorações — Instrumentos musicaes; 8.º Os alimentos — Industrias alimentares — Productos farinaceos — Panificação — Conservas — Productos de confeitaria — Oleos — Vinhos — Cervejas — Licores; 9.º: O Regimen florestal — Bosques — Caça e pesca; 10.º: A Agricultura e machinas agrarias; 11.º: A industria extractora e chimica; 12.º: A industria dos tecidos — do Couro — da Ourivesaria — da Relojoaria — do Caoutchou — das Escovas; 13.º: O Jornal e a arte da Impressão — Industria do Papel — Artes graphicas — Typographia — Litographia e artes subsidiarias do jornal — Calendarios — Reclames e Caricaturas; 14.º: A economia Social — Institutos de previdencia e de assistencia — Associações cooperativas de credito, de trabalho e de Consumo — Associações industriaes e operarias; 15.º: A Colonização interna e externa — O trabalho e a producção dos italianos no extranjeiro — Productos destinados á exportação; 16.º: A defesa da Nação — Exercito — Marinha — Cartographia — Hydrographia — Hospitales — Cruz vermelha e material sanitario e de hygiene.

A Exposição occupa uma superficie de um milhão de metros quadrados. O presidente da Commissão Executiva é o Senador Tomaso Villa e o presidente da Commissão Geral é o Senador Theopilo Rossi.

Roma, a cidade eterna, organizará a Exposição de Bellas-



Artes e Archeologia. Tudo que a Arte Moderna e antiga tem produzido de mais bello e elevado na Pintura, na Architectura e na Esculptura—ostentará agora Roma em seus palacios monumentaes.

A Archeologia, a arte dramatica, a Ethnographia e a Musica constituirão secções annexas á bella exposição. E' presidente da Commissão Executiva o Conde Enrico di San Martino.

Florença, a cidade das flores, organizará uma original exposição de flores, fructos e horticultura.

O programma da exposição de Florença é o seguinte: *a)* Plantas ornamentaes, folhagens e flores; *b)* Plantas fructiferas e fructos; *c)* Hortaliças e legumes; *d)* Sementes, bulbos etc.; *e)* Plantas fructiferas, de horta e de jardim e outros productos das colonias; *f)* Trabalhos em flores e flores cortadas; *g)* Artes e industrias relativas á Horticultura; *h)* Literatura e instrucção horticula; *i)* Systemas de conservação dos productos de horticultura; e *j)* Historia da Horticultura.

A Exposição occupará um espaço de 46 mil metros quadrados. E' presidente da Commissão Executiva o Senador Carlo Ridolfi.

#### AS ULTIMAS EXPOSIÇÕES DE BELLAS ARTES: NA HESPAÑHA E NA ITALIA

MADRID:— Em fins de 1910, no Palacio de Crystal, em Madrid, esteve franqueada ao publico a exposição de Bellas Artes dos artistas hespanhóes. Indubitavelmente foi interessantissimo esse certamen artistico. Do jury fizeram parte os artistas Simonet, Gesa, Bellves, Martinez Cubells, Ferrant, Sanz y Najera etc. Na secção de pintura attrahiram a maxima attenção as seguintes telas:

*El torero herido*, de Carlos Vazquez (quadro de intensa impressão de angustia de uma mulher); *El velatorio*, de J. Lopez Mesquita; *En visperas de examen*, de M. Ramirez; *Murmuracion y castigo*, de Diaz Olavo; *La romeria de San Eugenio*, de Innocencio Medina Vera; *Jugando á la soga*, de Eugenio Hermoso; *Los Escaptores*, de Abelardo Covarsi; Retrato, de Julio Romero de Torres; *Angelica*

y *Medoro*, de Marceliano Santamaria; *La Rogativa*, de José Pueyo; *A plena vida*, de José Pinazo Martínez; *Cogiendo manzanas*, de Ramon Pulido; *Suerte de Vara*, de Roberto Domingo; *La Aficiónada*, de Pedro Saenz Najara; e *La Danza*, de Miguel Nieto.

Os melhores trabalhos de escultura foram: *Fé e Esperança*, de M. Castañón; *El Crepúsculo* e *La Diosa*, de Clará; *La Cuesta de la Vida*, de Angel Ferrant; *Busto de mujer* de Inurria; *Cadema de niño*, de Benlliure; *El voto*, de Capuz, e *Leon y Aguila* (que faz parte do monumento aos heróis da Independencia) de Henrique Marin.

MILÃO :—Durante dois mezes, Milão ostentou no «*Palazzo d'ella permanente*» uma esplendida Exposição de Bellas-Artes, á qual concorreram notaveis artistas italianos.

Mariani Pompeo concorreu com duas primorosas telas: *Ultimi raggi di sole* e *Burrasca a Boräighera*; Beppe Ciardi apresentou *Novilunio di Settembre*; Emilio Pasini, um *Ritratto di Lydia Borelli*; Giuseppe Casciaro *La Floriana*; Bersani, *Il patrimonio di Cesira*; Leonardo Bazzaro, *Aqua Fontis*; Sala Paolo, *Giardino*; Giuseppe Pennasilico, um bello quadro de costumes *Pescheria-Genova*; Rietti expôz um bom *Ritratto dello scultore Bistolfi*; Emilio Borsa, *Foglie Morta*; Ballestrini, *L'Aratura in risaia*; Tarufi Raffaele, *Vigilia di natale in pescheria a Venezia*; Ludovico Cavalliere, *Ritorni di Paranze*; Ricardo Galli um *Ritratto di Signora* e Zambelletti tambem um bello *Ritratto di Signora*.

Os trabalhos de escultura mais notaveis foram: de Achille Alberti *Ultime faville*; de Michele Vedani *Il bacio*; e de Pellini *Cassandra*.

\*  
\*  
\*

*A ultima exposição geral de Bellas-Artes* no Rio de Janeiro.— A 1 de Setembro de 1910, foi inaugurada a 10ª Exposição geral promovida pela nossa Escola Nacional de Bellas-Artes. Figuraram na secção de pintura trabalhos dos seguintes artistas e amadores :

D. Amelia Marques Saldanha, Rodolpho Amoedo, Argemiro Cunha, Arnaldo de Carvalho, João Baptista da Costa, Agenor Cezar de Barros, Henrique Bernardelli, Galdino Bicho, Haldó Bocigni, João Baptista Bordou, Modesto Brócos, José Brugo, Pedro Bruno, Miguel Caplonch, D. Carlota Gondolo Laboriau, Luiz Cristophe, Gaspar Coelho de Magalhães, Joaquim Soares Cunha, Gustavo Dall'Ara, Dario Villares Barboza, D. Milly Dernemont, Manoel Bas Domeneck, Carlos Gomes Fernandes, Francesco Ferraresi, José Monteiro da França, D. Gabriella Costa, D. Helena R. Meira, Insley

Pacheco, Eugenio Latour, Francisco Manna, Mario Villares Barboza, Annibal Pinto de Mattos, Germano Neves, Pedro Peres, Augusto Petit, Presciliano Silva, D. Rachel Boher, D. Raymunda Delphina da Gama e Costa, D. Regina Veiga, Fabian de la Rosa, Pablo Salinas, Alvaro Teixeira, Virgilio Mauricio e Elyséo d'Angelo Visconti.

A secção de gravuras de medalhas teve apenas dois expositores: o Sr. Augusto Girardet e um discipulo seu, o Sr. Adalberto Mattos. O Sr. João Ludovico Maria Berna foi o unico expositor de trabalhos de architectura. Expuzeram trabalhos de esculptura os Srs. Armando Magalhães Corrêa, Joaquim Rodrigues Moreira Junior e Umberto Cavina.

Na secção de Artes decorativas e objectos de Arte figuraram trabalhos de J. L. M. Berna, D. Maria Rosalia Corrêa Lima e da *Fundição Indigena* (Farinha, Carvalho & C.).

\* \* \*

EXPOSIÇÕES DE ARTISTAS NACIONAES EM 1911.—*Exposição Calixto Cordeiro*. — O Sr. Calixto Cordeiro, durante o mez de Janeiro do corrente anno, expôz na *Galeria Brazil*, dos Srs. Martins Seabra & C., á rua Treze de Maio, esquina da rua Santo Antonio, uma boa collecção de trabalhos seus feitos a *gouache* e á aquarella.

O Sr. Calixto foi alumno das aulas e officinas da nossa Casa da Moeda, quando sob a direcção do Sr. Ennes de Souza, tendo alli se tornado um xylographo distincto. A exposição teve o cunho da mais predilecta feição artistica do Sr. Calixto — a de um perfeito *chargeur*.

Eis a relação de seus trabalhos :

*Perfume, Dó de Peito, Dó de Sustancia, Quando elle passa, Quando ella passa, Chôro, Baile, Ricos e pobres, A Crèche, De que Judas se esqueceu, Indecisão, No escuro, O homem domina Natureza, Smart, Aterrado no espaço, A Natureza domina o homem, Lyricos, Só falta fallar, Entre o dever e o pagar, Azul, Negro, Miss, Vermelho, Pão de Assucar, Palacio Monroe, Estatua D. Pedro I. Corcovado, Cardápio, Politica, Foot-Ball, Ao Cinematographo, A linha da dança, Cuidado, Pernaltas, Branco, Amarello e Dona Tristezza.*

UM PANNEAU DE FERNANDES MACHADO: — Esteve exposto em Janeiro, proximo passado, no Salão da Escola Nacional de Bellas-Artes, um *panneau* do conhecido artista Sr. Joaquim Fernandes Machado. O trabalho, que tem por titulo—*Pro Patria* — é consagrado aos brasileiros illustres que, na Paz e na guerra, se esforçaram pelo engrandecimento da nossa Patria.

\* \* \*

*Exposições organisadas pela Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, do Rio de Janeiro.* — A Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, modesta mas proficuamente, procurou sempre na medida de suas forças, concorrer para o progresso e desenvolvimento das artes e das industrias em nosso paiz.

Com os poucos recursos de que dispõe — luctando contra o desanimo, a má vontade e, até mesmo, a inveja de alguns — a Sociedade, além de manter um Lycêo de Artes e Officios, gratuitamente franqueado ao povo, já conseguiu promover e realizar a expensas proprias duas exposições nacionaes: uma de Bellas-Artes em 1882, e outra Artístico-Industrial em 1900. Já que fallamos no Lycêo de Artes e Officios, cujos serviços são as vezes contestados por alguns *sabios* desconhecidos e *patriotas* de encommenda, não nos furtaremos a reproduzir o que, no relatorio, apresentado a Napoleão III, sobre a Exposição Universal de 1851, escreveu o grande Barão Carlos Dupin: «A proporção nos premios de primeira ordem, con-  
« feridos aos estrangeiros, foi de *oito* para *mil* expositores; para  
« os francezes, porém, essa proporção se elevou a *trinta* ! Os  
« espiritos mais eminentes da commissão procuraram nas ins-  
« tituições francezas o segredo de uma tão grande desigual-  
« dade, e o acharam nas nossas *escolas de desenho artistico e*  
« *geometrico*, em Lyon, em Nimes e Paris e nas *nossas escolas*  
« *de artes e officios*, que apresentam hoje as mais ricas colle-  
« ções e o ensino mais completo das sciencias applicadas ás  
« *artès uteis.*»

Taes palavras do illustrado Barão Carlos Dupin bastam para patentear a necessidade e o valor do ensino do desenho aos artistas e operarios.

Tratemos pois de salientar o valôr das duas exposições promovidas pela Sociedade Propagadora das Bellas-Artes.

**EXPOSIÇÃO GERAL DE BELLAS-ARTES EM 1882** : — Em 18 de Março de 1882 foi inaugurada essa exposição organizada pela Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, a quem jamais poderá ser negada a gloria de ter sido a primeira instituição particular que, sem auxilio do governo, levou a effeito uma exposição geral de Bellas-Artes, contribuindo assim para o florescimento das artes no Brazil. A' exposição concorreram os seguintes artistas :

*Pintura a oleo* — Angelo Agostini, D. Antonia de Carvalho, Antonio de Araujo Souza Lobo, Antonio Alves do Valle, Augusto Off, Augusto Petit, Augusto Rodrigues Duarte, Carlos Alberico de Souza Lobo, D. Carolina de Carvalho, D. Carolina Julia de Souza, Belmiro de Almeida, Decio Villares, E. Papf, E. Rouede, Eduardo de Sá, Estevão Silva, Francico de Sá, Gustavo James, H. J. Aranha, Hygino de Magalhães, Jacintho Alves da Silva, D. Joanna de Carvalho, Insley Pacheco, José Irineu de Souza, José Maria de Medeiros, João Baptista Pagani, Jorge Grimm, Julio Ballá, Leopoldino de Faria, D. Maria Teixeira de Faria, Miguel Algaier, Pedro Peres, Poluceno Pereira da Silva Manoel, Thomaz Driendl, Vicente Ferreira Ramos e Victor Meirelles de Lima; *Pintura a gouache* — Alumnas do Collegio de Santa Candida, Jacintho Alves da Silva, Insley Pacheco; *Aquarelas* — Arthur Francisco Teixeira, Caroselli, D. Eugenia Braga, Henrique S. Lobo, Jorge Grimm, Vicente José de Puga e D. Zeferina Marcondes Carneiro Leão; *Desenho* — D. Abigail de Andrade, Antonio Alves do Valle, Antonio de Araujo Souza Lobo, Augusto Off, Braz Ignacio de Vascncellos, Carlos Alberico de Souza Lobo, Eduardo de Sa, Francisco de Sá, Henrique de Souza Lobo, Jacintho Alves da Silva, José Joaquim Marinho, D. Josephina H. Galvão, Paulo Ottwill — Alumnos do Internato do Imperial Collegio de D. Pedro 2.º, do Collegio Werneck, do Collegio Santa Candida — do Instituto de Surdos-Mudos e do Asylo de Meninos Desvalidos; *Gravura* — Alfredo Pinheiro, H. J. Aranha, Antonio de Pinho Carvalho, Augusto Off, A. A. Souza Lobo, Paulo Ottwill, Rodolpho Lima, Antonio Alves do Valle, Claudio Lomellino de Carvalho; *Architectura* — Carlos Arnaud, João Luiz Corrêa, Thomaz Driendl e Dr. José de Magalhães; *Esculptura* — Blas Crespo Garcia, Almeida Reis, Chaves Pinheiro e Manoel Joaquim Valentim; e *Photographia* — Alberto

Henschel, A. A. Souza Lobo, J. F. Guimarães e Marcos Ferrez. A Fabrica de fundição em ferro, de Campinas, do Dr. Peixoto apresentou dois trabalhos: *A ceia de Leonardo da Vinci* e *Uma cabeça de Christo*.

O numero de trabalhos expostos foi superior a 400.

EXPOSIÇÃO ARTISTICO-INDUSTRIAL FLUMINENSE — *Commemorativa do 4º Centenario do Descobrimento do Brazil*: — A 6 de Maio de 1900, com grande solemnidade foi inaugurada essa exposição.

No primeiro grupo — *Bellas-Artes* — (Desenho e pintura—Lithographia—Gravura—Xylographia — Zincographia — Escultura e Architectura) figuraram os seguintes artistas :

Victor Meirelles, Antonio Alves Valle de Souza Pinto, Dominique Delpione, John Oberg, Luiz Francisco de Pinho, Dr. Pedro Caminada, V. Steidel & C., Adelino Marques, João Cattaneo Ricardi, Adolpho Mallevolti, Delím da Camara, Henry Walder, João José da Silva, Ludovico Berna, Martins Seabra & C., Sebastião Vieira Fernandes, Jacintho A. Silveira Mourão, Calixto Cordeiro, Antonio Januzzi, Irmão & C., Alexandre Paluzzi, Amancio Carneiro de Campos, Frederico Antonio Steckel, Guilherme Gonçalves dos Santos, E. Bevilaqua & C., Julio de Grossi, A. O. Ferreira Rangel, Egisto Bartholomei, João Baptista de Freitas Guimarães e Sighieri & Rossi.

No segundo grupo — *Artes Liberaes e Mechanicas* — (Ty-pographia — Photographia — Encadernação e Enquadramento—Calligraphia—Instrumentos de musica e de construcção de relógios — Munições — Vehiculos — Objectos de Fundição, Ser-ralheria e Arame — Obras de cimento e ferro, chumbo e tijolo — Ourivesaria — Instrumentos cirurgicos — Trabalhos de pro-thesse dentaria—e Mineralogia) estiveram expostos trabalhos dos seguintes concurrentes :

*Jornal do Commercio*, Collegio Salesiano de Santa Rosa e Lyceo Salesiano de S. Paulo, Maia & Niemeyer, Martins & C., J. A. de Lemos, J. F. Guimarães & C., Valerio Vieira, A. Leterre, Antonio C. da Costa Ribeiro, Marc Ferrez, Antonio de Barros Araujo, Augusto Elias da Silva, Paulo Antonio Barboza de Lima, Teixeira Bastos, Ramon Alarcon, José Gago de Torres Bermudes, João dos Santos Couceiro, João Nogueira Malheiros, Silva Macieira & Oliveira, Souza Moraes & C., Capitão

Dr. Alfredo Eduardo Nogueira, Eugenio de Andrade & C., Guilherme Augusto Guimarães Junior, Costa & Gabizo, Costa Ferreira & C., L. B. de Almeida & C., J. Boher & C., Joaquim Martins Gamenho, Dr. Mario Nazareth, Companhia Industrial Cimento e Ferro, Freitas & Leão, José Joaquim da Costa, Jean Schweyda, Leopoldo Adelino de Carvalho, Dr. Silvino de Mattos, Dr. Luiz R. Ebert e Dr. Alcides Medrado.

Ao terceiro grupo — *Productos Chimicos e Pharmaceuticos* — (Bebidas alcoolicas, perfumes e sabonetes—Acidos—graxas—vellas, sabão, etc.—Preparados para usos cirurgicos e medicinaes — Illuminação a acetyleno) concorreram os seguintes expositores :

Luiz F. Freire de Aguiar, George Maschke & C., Maurice Gerin. Viveiros & C., Adriano Correa Bandejas, Agostinho Ferreira Chaves, Delaire & Gouvêa, Castagnone & C., Companhia Luz Stearica, João de Carvalho Pedrosa, Carvalho Giffoni & C., Alberto Koenou, H. Matzinger, Theophilo R. Bezerra de Menezes, A. Guimarães & C., Tolomei Benedetti & C., Companhia Manufactora de Fumos, Sociedade Hygienica Brasileira, J. J. Toste Coelho, Dr. J. Barboza Rodrigues, V. A. Perini & Irmão.

O quarto grupo — *Industria fabril e manual* — (Tecidos de seda — Bordados, rendas e crochets — costuras e vestidos — Espartilhos — Luvas — Botões — Flores artificiaes —Chapeus — Calçados — Malas — Sellaria — Objectos ceramicos, vidros e crystaes — Ladrilhos — Fôrmas para calçado — Marcenaria — Armação para cortinados—Telas portateis—Tintas, lacres, etc.—Artefactos de cabellos e pita—Phosphoros—Confecção de folhas metallicas — e Fumo e seus preparados) teve os seguintes expositores :

Capitani & C., Augusto Freire & C., Collegio da Immaculada Conceição, Mme. Francillon Krauss, José Joaquim de Pinho, D. Suzanna Evangelina Moniz dos Santos, D. Anna Candida Vaz, Glama Gustave & C., Joaquim Domingues da Silva, J. A. Ribeiro de Carvalho, João Antonio Giudice, José Luiz Fernandes Braga, Julio de Lima, Monzini & Schiffini, Abreu Rosa & Simas, Bernardino Moreira & C., Joaquim José Pereira, Couio Mattos & C., José Silva & C., F. A. M. Esberard, Amaral Guimarães & C., Emmanuel Cresta & C., Francisco Vieira da Silva & C., Companhia Marcenaria Brasileira, Luiz Pinto da Fonseca, Manoel Ferreira Tunes, Martins Filhos & C., William Auler & C., Eugenio Lasnier, Francisco Antonio Ferraz, Paulo Vieira de Souza, Joaquim José Ramos Maia, Almeida & Men-

des, Barrosa & Menezes, Domingos Antonio Torraca, Cardoso Monteiro & C., J. A. Sardinha & C., Ferraz Irmão & C., Lopes Sá & C., João Antonio Dias, Taves Carvalho Figueredo & C., Companhia Manufactora de Fumos e Zacharias da Nova Milhazes & C.

Ao quinto grupo—*Substancias alimenticias* — (Lacticinios — Café — Cacáo e seus preparados — Canella — Baunilha — Biscoutos — Confeitos — Balas — Fructas em calda — Conservas diversas, carnes, peixes, legumes — Massas — e Herva-Matte ) — concorreram os seguintes expositores :

Antonio José de Sampaio, Bonilha Romannelli & Almeida, Carvalho Chaves & C., Companhia Manufactora de Conservas alimenticias, Francisco Ferreira Vaz & C., J. L. Martins, José Lipiani, David Carneiro & C., Jacintho Cascales & C., Jayme Loyola, Leal Santos & Wald e Freire Corrêa & Goulart.

Annexa á exposição houve uma secção de modelos dos navios, e respectivas machinas, da nossa Marinha de guerra. A exposição, que durou cerca de sete mezes, foi visitada por oitenta mil duzentas e vinte e oito pessoas.

*Ignotus.*





## Biographias Artisticas

---

**ABADIE** (Paulo) architecto francez, nascido, em Bordeaux, em 1783 e fallecido em 1868. Construiu em Angoulême, o palacio da Justiça, a Prefeitura, o Lycêo, a prisão etc, e em Ruffee o palacio da Justiça. Seu filho, de igual nome, nasceu em Paris, em 1812 e morreu, em Chatou, em 1884. Este ultimo construiu a Igreja de S. Ferdinando, em Bordeaux ; a igreja de S. Jorge, em Perigueux ; e as igrejas de S. Marcial e S. Ausone e o Palacio Municipal em Angoulême.

**ABBADIE** (Luiz) compositor francez, nascido em 1814 e fallecido em 1858. Compôz, além de diversos romances e canções populares, uma opereta *Jeune Poule et Vieux Coq* e uma opera-comica, *Le danseur de corde*.

**ABBATE** (Nicolo dell') pintor, esculptor e architecto italiano, nascido, em Modena, em 1512, e fallecido, em Paris, em 1571. Discipulo de Julio Romain, executou, com Primatice, diversas pinturas mythologicas, no palacio de Fontainebleau. Suas telas principaes são : *Naissance du Christ* e *Adoration des Mages*. E' tambem conhecido pelo nome de Nicolas Labbé.

- ABERLI (João Luiz) gravador e pintor Suisso. Nascido em 1723, em Winterthur, e fallecido, em 1786, em Berna.
- ABERT (João José), compositor, nascido em 1832 em Kochwitz (Bohemia). Suas operas mais conhecidas são: *Anne de Landskrou*, *Enzio*, e *Astorga*. Morreu em Berlim.
- ABERTINELLI (Mariotto), pintor florentino, fallecido em 1512. A sua obra identificava-se de tal modo com a de Fra Bartolommeo que, difficilmente, se distingue uma da outra.
- ABILDGAARD (Nicoláo Abrahão), pintor dinamarquez, nascido, em Compenhague, em 1744 e fallecido em 1809.  
Sua obra *prima* foi uma serie de quadros consagrados á historia da Europa.  
Foi director da Academia de Bellas-Artes de Compenhague.  
Publicou tambem diversos trabalhos sobre a theoria e a historia da Arte.
- ABRAHAN (Tancredo), pintor e gravador, nascido, em Vitre em 1836 e fallecido, em Paris, em 1895.
- ACHARD (Aleixo João) pintor e gravador francez, nascido em Vorepp, em 1807 e fallecido em Grenoble, em 1884.
- ACHENBACH (Andreas), pintor allemão, nascido, em Cassel, em 1815. Discipulo de Schadow. Dedicou-se á paisagem e á marinhas.
- ACHENBACH (Oswald) Pintor. Discipulo e irmão do precedente. Seu melhor quadro é *Môle de Napoles*.
- ACHTERMANN (Theodoro Guilherme), esculptor allemão, nascido, em Munster, em 1799 e fallecido em 1884. Suas esculpturas mais notaveis são: *Descida da Cruz*, *Christo na Cruz* e *Adoração dos Reis Magos*.
- ACHTSCHELLINCK (Lucas) pintor flamengo, nascido, em Bruxellas, em 1616, e fallecido em 1704.
- ACQUA (Cesar dell'), pintor austriaco, nascido em Pirano em 1821.

- ADAM (Jacob Segisberto) esculptor, nascido, em Nancy, em 1670 e fallecido, em Paris, em 1747.
- ADAM (Lambert Segisberto), esculptor, filho do precedente, nascido, em Nancy, em 1700 e fallecido em Paris, em 1759.  
Suas mais celebres esculpturas são : *O Sena e o Marne*, *Apparição da Virgem a Santo André*, *Neptuno e Amphitrite* e *Neptuno acalmando as ondas*.
- ADAM (Nicolau Sebastião) irmão de Lambert, esculptor, nascido, em Nancy, em 1705 e fallecido em Paris, em 1778.  
Suas esculpturas mais notaveis são : a estatua *Prometheu devorado por um abutre*, um baixo relevo—*O Martyrio de Santa Victoria*, e o tumulo da rainha da Polonia Catharina Opallinska.
- ADAM (Francisco Balthazar Gaspar), esculptor, tambem filho de Jacob Segisberto, nascido em Nancy, em 1710 e fallecido em Paris em 1761. Citam-se como as mais notaveis obras suas : as estatuas *Diana no banho*, *Cybelle e Triptoleme*, e *Vulcano*.
- ADAM (Roberto), architecto, nascido em Kirkaldy (Escocia) e fallecido em Londres, em 1792.
- ADAM (Jacob) desenhista e gravador, nascido, em 1748, em Vienna, e fallecido em 1811.
- ADAM (João Luiz) compositor, nascido em Müttersholtz, em 1758, e fallecido em Paris, em 1848.
- ADAM (Adolpho Carlos) compositor, filho do precedente, nascido em Paris, em 1803, e fallecido em 1856. Deixou diversas composições musicas entre as quaes : *La Reine d'un jour*, *Toreador*, *Giralda*, *Le Roi d'Yvetot*, *Si j'étais roi*, *La poupée de Nuremberg* e *Le Corsaire*.
- ADAM (Alberto) pintor e lithographo, nascido em Nordlingen, em 1786, e fallecido, em Munich, em 1862. Ao seu pincel se devem os bellos quadros : *A Batalha de Leoben* e *A Batalha de Moscou*.

ADAM (Francisco) pintor, filho do precedente, nascido em 1815 e fallecido em 1886. Pintou magistralmente diversos quadros, entre os quaes, a *Batalha de Solferino* e um *Episodio da Batalha de Sedan em 1870*.

ADAMS-ACTON (João) escultor, nascido, em Acton, em 1833.

Suas esculpturas principaes são as estatuas de Gladstone, em Liverpool, e do General Napier, em Londres.

MECENAS BRAZILICUS.

(*Continúa*)



## O LYCÉO DE ARTES E OFFICIOS EM 1910

*Matriculas*: Em 1910 matricularam-se nas aulas do Lycéo 2032 individuos, dos quaes 1687 do sexo masculino e 345 do sexo feminino. A estatistica dos alumnos, por nacionalidades, é a seguinte: Brasileiros, 1398; Portuguezes, 184; Italianos, 68; Hespanhoes, 22; Allemães, 4; Syrios, 4; Francezes, 2; Inglezes, 2; Norte-americano, 1; Uruguayo, 1; e Russo, 1. D'estes eram: operarios, 1.182; estudantes, 238; empregados no commercio, 204; militares 45; empregados publicos 12 e domesticos 6. A estatistica das alumnas, por nacionalidades, é a seguinte: Brasileiras, 327; Portuguezas 9; Hespanholas 8 e Franceza 1.

As aulas abriram-se em 4 de Abril e foram encerradas em 21 de Dezembro.

*Solemidades*: Em 2 de Dezembro, — devido a ter sido adiada, em virtude da sublevação dos marinheiros da esquadra nacional, a commemoração do 54.<sup>o</sup> anniversario da fundação da Sociedade Propagadora em 23 de Novembro — realizou-se a sessão magna da distribuição das medalhas de ouro aos benemeritos professores e dos premios de merito e de animação aos alumnos e alumnas do Lycéo de Artes e Officios, laureados nos annos de 1908 e 1909. A' sessão, que foi presidida pelo Exm. Sr. Dr. Rivadavia Corrêa, Ministro da Justiça, compareceu o Exm. Sr. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca,

Presidente da Republica, que pessoalmente fez a entrega das medalhas e dos premios. Oraram na solemnidade os Srs. Dr. Frederico Silva e Pedro do Coutto. O concerto, organizado pelo Sr. maestro Cordiglia Lavallo, constou do seguinte programma: *Princesse Jaune* — Saint-Säens — Overture pela orchestra; *Colombo* — Carlos Gomes — aria pelo Sr. Franklin Rocha; *La Spangnole* — Pinsuti — Trio pelas senhoritas Augusta, Aurora e Elvira Nogueira; *A une Edelweiss* — Ferrari — pela senhorita Dolores Melchior; e da *Serenata* — Chaminade — Côro mixto — pelas senhoritas Dolores Melchior, Augusta, Aurora e Elvira Nogueira, Eva Rangel, Adelina Carvalho e Maria Rocha e Srs. Franklin Rocha, Orlando Gonçalves, Filgueiras, Mastropasena, Eurico Penha, G. Barbosa, Eduardo Rodrigues, Sylvio Perrota, Mario Gomes, André Bento, Arthur Napoleão e Lydio Paranhos.

*Exposição dos trabalhos escolares* — Inaugurou-se em 20 de Dezembro e encerrou-se em 21 de Janeiro do corrente anno, a exposição annual dos trabalhos dos alumnos e alumnas nas aulas de desenho (elementar, solidos, figuras, ornatos, geometrico, architectura civil, topographico, machinas, etc.) e nas officinas de flores artificiaes, chapéos, esculptura e modelação. Os Srs. professores João José da Silva, Antonio Eugenio dos Santos, Stefano Cavallaro, Sebastião Vieira Fernandes, Isaltino Barbosa, João Pereira Leite, Amancio Carneiro de Campos e D. Maria Magalhães devem estar satisfeitos com o bello resultado de seus patrioticos esforços em pról da instrucção popular.

*Concursos de desenho* : — Os trabalhos de desenho apresentados, nos concursos em 1910, pelos alumnos e alumnas do Lyceô, foram assim clasificados pelas respectivas commissões julgadoras: *Sexo Masculino* : Aula de desenho de figuras — cópia de gesso: 1.º grupo — Francisco M. de Andrade, Menção honrosa do 3.º gráo; 2.º grupo — Delphim Vieira de Castro, 2.ª medalha de prata; Nestor Egydio de Figueiredo, 3.ª medalha de prata; 3.º grupo — Seraphim Olles, 1.ª medalha de

bronze; Firmo Coelho da Rocha Guido, 2.<sup>a</sup> medalha de bronze: *Aula de desenho de ornatos—cópia de estampa*: 1.<sup>o</sup> grupo, Mario de Souza Nery e Henrique Gomes Teixeira, 1.<sup>o</sup> medalhas de bronze; Menções honrosas, Alvaro de Oliveira (1.<sup>o</sup> gráo), Antonio Pereira Pinto e Antonio Moreira da Costa (2.<sup>o</sup> gráo),—2.<sup>o</sup> grupo, Euclýdes Ferino, 2.<sup>a</sup> medalha de bronze; Menções honrosas do 2.<sup>o</sup> gráo, João Xavier dos Santos e Luiz da Silva Braga; 3.<sup>o</sup> grupo, Lydio Januario dos Santos, 3.<sup>a</sup> medalha de bronze; Menções honrosas do (3.<sup>o</sup> gráo), José Gonçalves e Florindio Detizio; *Aula de architectura civil*: — Grupo unico — Antonio de Souza Magalhães, 2.<sup>a</sup> medalha de prata; *Aula de desenho geometrico*: — Rufino Caetano e Francisco de Moraes, 3.<sup>a</sup> medalha de bronze; Menções honrosas: Amylcar Boni (1.<sup>o</sup> gráo), Eurico de Jesus e José Calazans Paixão (2.<sup>o</sup> gráo) e Joaquim Geraux Filho (3.<sup>o</sup> gráo); *Sexo Feminino*: *Aula de desenho de figuras — cópia de gesso*: Grupo unico — Laura Augusta Nogueira e Cora Nympha Ferreira França (1.<sup>a</sup> medalha de prata); *Aula de desenho de figuras, cópia de estampa*: 1.<sup>o</sup> grupo — Augusta Berge e Dolores Gimenez Gonçalves (1.<sup>a</sup> medalha de bronze); Menções honrosas: Adelina Rossi (1.<sup>o</sup> gráo), Mercêdes Martins e Otilia Braga (2.<sup>o</sup> gráo); 2.<sup>o</sup> grupo: Djanira Gloria da Cruz, 2.<sup>a</sup> medalha de bronze; Menções honrosas: Adelina da Conceição, Marianna Corrêa da Silva e Zelina Corrêa da Silva, (2.<sup>o</sup> gráo), Pandora Meyer Ribeiro e Amelia de Mendonça (3.<sup>o</sup> gráo); 3.<sup>o</sup> grupo: Diamantina C. Perreira França, 3.<sup>a</sup> medalha de bronze; Menções honrosas do 3.<sup>o</sup> gráo; Carmen Gonçalves, Judith Guimarães, Maria dos Reis, Julia Guimarães, Hermenegilda Ferreira da Silva, Germana Duthum, Djanira Pinto de Souza, Adelina Carelli, Iracema Furtado e Carmen Baptista. Da solemnidade, em que se destribuiram os premios relativos aos concursos de 1910 e que se effectuou em 21 de Janeiro de 1911, daremos detalhada noticia no proximo numero.

*Chronista.*



## As nossas illustrações

---

Publicamos no presente numero diversas estampas e algumas illustrações intercalladas no texto. Só os que conhecem o gráo de abatimento em que jaz a Arte, em nosso paiz, podem avaliar o esforço que empregamos para publicar uma revista verdadeiramente artistica. O restricto numero de bons gravadores e de habéis impressores constitue, entre nós, para tentativas de tal natureza, um impecilho quasi intransponível. Graças, porém, á boa vontade dos illustres artistas Antonio Alves do Valle Souza Pinto (lithographo), Modesto Brócos (gravador á agua-forte), Calixto Cordeiro (xylographo), Costa Ribeiro (phototipista), Manoel Pinto Gaspar (xylographo) e da Typographia Leuzinger, foi possível á direcção da Revista apresentar trabalhos de que ha muito o povo se desacostumou. Certo possuímos boas publicações illustradas como a «*Illustração Brasileira*», «*O Malho*», «*Fon-fon*», «*Careta*», e a «*Revista da Semana*», mas, todas ellas, inserindo apenas photogravuras.

Outróra, só a xylographia, a lithographia a gravura em aço e a agua-forte illustravam os livros e as publicações jornalisticas. Com o aperfeiçoamento dos processos chímicos da photogravura, tornando-a commercialmente menos dispendiosa e



mais rapida, foram relegadas para plano posterior—senão esquecidas — as Artes de que fallamos.

Nós, porém, não podemos nem devemos abandonar os verdadeiros processos artisticos. Temos artistas que podem, com algum esforço, competir com os seus irmãos da Europa e da Norte-America.

Reerguer as artes decahidas, abrindo aos artistas novos horisontes, eis o nosso *desideratum*.

\* \* Do Sr. Valle, publicamos tres lithographias : os retratos de S. M. o Sr. D. Pedro 2<sup>o</sup>, e dos Srs. Conselheiros Euzebio de Queirós e Zacharias de Góes, 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> Presidentes da Sociedade ; do Sr. Modesto Brócos um retrato de Grandjean de Montigny, em agua-forte ; do Sr. Calixto Cordeiro uma xylographia:—*Os avarentos no inferno*, inspirada no poema de Dante ; e do Sr. Manoel Pinto Gaspar uma xylographia:—o emblema da Sociedade, cópia da medalha commemorativa da fundação da Sociedade gravada pelo saudoso Sr. Quintino Faria ; e do Sr. Costa Ribeiro, diversas phototipias.

A REDACÇÃO.



# Expediente

---

São nossos collaboradores effectivos os Srs. Araujo Viana, Bernardo Ribeiro de Freitas, Carlos de Laet, Coelho Netto, Isaltino Barboza, Joaquim Vianna, Ludovico Berna, Luiz Ayque, Morales de los Rios, Simoens da Silva, Vieira Fazenda. Da parte artistica acham-se encarregados os Srs. Antonio Alves do Valle Souza Pinto, Calixto Cordeiro, Costa Ribeiro, Manuel Pinto Gaspar e Modesto Brócos.



Todos os nossos numeros serão acompanhados de trabalhos artisticos, originaes ou cópias, em xylographia, agua-forte, lithographia, phototipia etc.



Publicaremos, gratuitamente, notícias relativas á arte e á instrucção publica, desde que nos sejam devidamente enviadas por pessoas respeitaveis.



*O Brazil-Artistico* só será distribuido gratuitamente aos socios da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes.

★  
★ ★

Toda e qualquer correspondencia para a nossa revista deve ser dirigida a *O Brazil-Artistico*, Lyceô de Artes e Officios — Rio.

★  
★ ★

Até ulterior resolução, não aceitamos publicações de annuncios commerciaes, reclames etc.

A REDACÇÃO.





## INDICE

---

	PAGINA
Proemio.....	A REDACÇÃO III
Re-edição dos seis numeros da primeira phase :	

### N. 1

Introdução — Jacy Monteiro.....	5
Discurso recitado, em 28-11-1856, por F. J. Bethencourt da Silva.....	12
Discurso poetico recitado em 20-1-1857, por Francisco Gonalves Braga.....	31
Noticia Artistica — M.....	36

### N. 2

Discurso pronunciado em 28-11-1856, por F. J. Bethencourt da Silva .....	37
Discursos pronunciados em 20-1-1857, pelos Srs. Marianno José de Almeida, Gault Filho e Manoel Ferreira das Neves.....	43
Chronica artistica — B.....	51
O Sr. Florindo Joaquim da Silva e a S. P. das Bellas-Artes...	53
Noticias — M.....	56
A Instrucção Publica no Piemonte — M.....	63

### N. 3

Discurso recitado em 20-1-1857, por Jacy Monteiro.....	64
Allocação — por F. J. Bethencourt da Silva.....	85
O Sr. F. R. Moreaux — Bethencourt da Silva.....	87
Chronica artistica — B.....	91
Noticias — M.....	97

## N. 4

	PAGINA
Bellas-Artes — J. de Andrade Corvo.....	102
Theatros — Jacy Monteiro.....	111
Revista estrangeira — M.....	115
Chronica artistica — B. e M.....	121
Variedade (extr).....	127

## N. 5

Um fauno vivo — anedocta da vida de Coisevox, por Moleri, tradução de Jacy Monteiro.....	128
Chronica artistica — M.....	145

## N. 6

Bellas-Artes — J. de Andrade Côrvo.....	154
As Estatuas colossaes de Memnon.....	164
Chronica artistica.....	169
Variedades.....	175

## NOVA PHASE\*:

A' D. Pedro 2º.....	183
Origem e desenvolvimento da Arte — Felix Ferreira .....	185
Euzebio de Queirós — B.....	192
Perseverança — Vieira Fazenda.....	196
Notas sobre ethnographia Sul-Americana — Simoens da Silva...	200
Zacharias de Góes — Luiz Ayque.....	207
Cousas d'Arte — I. B.....	209
Mestres, architectos e senhorios — Morales de los Rios.....	212
Grandjean e a architectura brasileira — B. Ribeiro de Freitas...	245
Rendas do Norte — Araujo Viana.....	253
Architectura, — Ludovico Berna.....	261
A Arte e Os Artistas — Bethencourt da Silva.....	266
O ensino de desenho no Lycêo de Artes e Officios — F. da Silva..	271
Notas e Noticias — Thezoura.....	279
Instrucção Publica — F. J.....	287
As Exposições — Ignotus.....	291
Biographias Artisticas — Mecenas Brazilicus.....	301
O Lycêo de Artes e Officios em 1910, — Chronista.....	305
As nossas illustrações — Redacção.....	308
Expediente — Redacção.....	310







